



Memorial Library
University of Wisconsin - Madison
728 State Street
Madison, WI 53706-74

COLLECÇÃO DOS AUTORES CELEBRES
DA
LITTERATURA BRASILEIRA

ALUIZIO AZEVEDO

A MORTALHA
DE
ALZIRA



LIVRARIA GARNIER

109, Rua do Ouvidor, 109
RIO DE JANEIRO

6, Rue des Saints-Pères, 6
PARIS

ALUIZIO AZEVEDO

A MORTALHA

DE

ALZIRA



LIVRARIA GARNIER

**109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO**

**6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS**

OBRAS DE ALUIZIO AZEVEDO

Novas edições, formato uniforme.

ROMANCES

O Mulato.	1 vol. in-8.
Casa de Pensão.	1 . . .
O Coruja.	1 . . .
O Homem.	1 . . .
O Cortiço.	1 . . .
Livro de uma sogra.	1 . . .
A Condessa Vesper.	1 . . .
Girandola de amores.	1 . . .
Philomena Borges.	1 . . .
A Mortalha de Alzira.	1 . . .
Pégadas (contos).	1 . . .
Memórias de uma suegra.	1 . . .

(Tradução em castelhano pelo poeta Aurelio Romero)

Memorial Library
University of Wisconsin - Madison
728 State Street
Madison, WI 53706-1494

mem

PQ

9697

A93

M6

1924

4742679

DEDICATORIA

Ao meu illustre confrade e presadissimo amigo,
Sr. Dr. Henrique C. R. Lisboa.

Como preito á doce recordação que me deixaram suas palavras sobre este livro, uma vez, lembra-se? em que nos encontrámos num banquete internacional em Tokio, quando gosava o lapão a ventura de o ter como Ministro Plenipotenciario do Brasil, releve que lhe consagre esta nova edição, cuja tiragem consenti eu se effectuasse pela honrosa Casa Garnier, talvez só em consideração áquellas palavras.

La Plata, 30 de Abril de 1912

ALUIZIO AZEVEDO

AO LEITOR

Este romance é nada mais do que um vasto jardim artificial, feito de frias perpetuas e seccas margaridas, mas todo elle embalsamado pelo aroma de uma flor, uma só, que é a sua alma — « *La Morte Amoureuse* », de Théophile Gautier.

O AUCTOR.

L'homme n'est donc qu'un sujet plein d'erreurs; rien ne lui montre la vérité; tout l'abuse. Les deux principes de vérité, la raison et le sens, outre qu'ils manquent souvent de sincérité, s'abusent réciproquement l'un l'autre. Les sens abusent la raison par de fausses apparences, et cette même piperie qu'ils lui apportent, ils la reçoivent d'elle à leur tour : elle s'en revenge. Les passions de l'âme troublent les sens et leur font des impressions fâcheuses. Ils mentent, et se trompent à l'euvi.

PASCAL. — *Pensées.*



A Mortalha de Alzira

PRIMEIRA PARTE

I

A CELLA MYSTERIOSA

No anno de 17***, Pariz, então muito governado pela Pompadour e um pouco por Luiz XV, palpitava de enthusiasmo com um escandalo original.

Por um instante, a grande cidade libertina distrahia-se dos seus desregramentos habituaes e esquecia a ordem dos *Aphrodites* e dos *Herma-phrodites*, e esquecia as picantes palhaçadas de Tacconet e o obsceno macaco de Nicolet e os expressivos fogos de vista de Torr , e esquecia Ruggieri com a sua exhibi o de pernas e collos importados da America, e esquecia *les spectacles pyrrhiques* e o *Waux-hall*, e esquecia as velhas e c lebres representa es do Bar o d'Escla-

pon e da duqueza de Mazarin, e esquecia-se até de ouvir as pilherias da magra, feia e adorada Guimard, para só ter attenção para o novo escandalo que acabava de surgir inesperadamente.

Era o caso que o famoso prégador La Rose tinha, como todos os annos, de prégar o seu sermão da quinta-feira santa na capella real, e fôra accommettido por um formidavel ataque de asthma, justamente na vespera d'esse dia. Escreveu logo ao vigario geral, seu amigo particular, dando-lhe parte do facto e pedindo-lhe que, sem perda de tempo, tratasse de descobrir alguém que o substituísse.

Ora, o caso era devéras apertado! Quem teria a coragem de ir, á ultima hora, substituir La Rose no pulpito da capella real, n'um dos sermões mais importantes da quaresma?...

Substituir La Rose!... La Rose, « o segundo Bossuet », como lhe chamavam seus innumerados admiradores! La Rose, o amimado prégador da côrte, o protegido de Antoinette Poisson, o querido, tanto por parte dos Molinistas como por parte dos Jansenistas, o acclamado por todo o alto e baixo publico de Pariz! La Rose, o indispensavel! La Rose, o — insubstituivel!

E era preciso que elle com effeito estivesse devéras doente, para faltar ao sermão de quinta-feira santa, porque La Rose prezava muito os seus triumphos na tribuna sacra, e não esperdiçaria facilmente uma bõa occasião de orar

perante o rei e toda sua côrte de fidalgos, e toda a sua côrte de lettrados.

Entretanto, sabia-se tambem que La Rose, desde que sentisse a menor alteração na voz, não seria capaz de fallar em publico, nem á mão de Deus Padre, porque era precisamente na maneira especial de jogar com a sua bella e seductora voz, que consistia o grande segredo dos seus incomparaveis triumphos.

É inútil dizer que, por melhores esforços empregados, nenhum prégador se descobriu, bom ou máo, que quizesse ir tomar o lugar do querido mestre. Davam-se todos por igualmente atacados da garganta, como se a asthma de La Rose, á semelhança do que succedia com o seu estylo oratorio, se estendesse de improviso por todos elles, desde o mais pretencioso até ao minimo dos numerosos prégadores sagrados, que nesse piedoso e alegre tempo enchiam os pulpitos de Pariz com as suas phrases rêtumbantes e com os seus eloquentes e artisticos soluços.

O rei aborreceu-se e chegou a franzir as sobrançelhas. Luiz XV, se era folgasão, era tambem devoto. E se era devoto, era tambem homem de gosto exigente; não comprehendia uma quinta-feira santa sem sermão, mas não comprehendia um sermão de quinta-feira santa sem La Rose. Além disso, tinha na vespera abuzado da sua sumptuosa adega, e a melhor agua de Selters para as suas resacas era ainda La Rose.

Que diabo! O caso era serio!

Empregaram-se os ultimos recursos para descobrir alguém que, sem grande escandalo, fosse capaz de improvisar um sermão digno da real resaca; offereceram-se bonitas sommas, fizeram-se as mais lindas promessas. O cabido inteiro agitou-se, remexeu-se, sorveu consecutivas pitadas, esfregou mil vezes o lenço encarnado no nariz, mas ninguem teve coragem para aceitar a espinhosa missão.

As salas do palacio archiepiscopal pareciam formigueiros; as batinas esfervilhavam irrequieta, entrando e sahindo, trazendo e levando recados. Cochichava-se d'aqui, cochichava-se d'alli, bichanava-se por todos os cantos e recantos do palacio, sem nada se resolver que aproveitasse.

E, no emtanto, o tempo fugia e era preciso tomar uma resolução.

O arcebispo, já desesperado, ia estender o braço para tomar ao acaso o primeiro dos seus suffraganeos, e ordenar-lhe que subisse ao pulpito e despejasse, com um milhão de raios! um sermão qualquer, quando de improviso rasgou-se o reposteiro da sala, em que elle se achava entre uma negra nuvem de batinas, e viu-se surgir a veneranda figura de frei Ozéas, com as suas grandes barbas brancas e a sua enorme calva de propheta.

Encaminhou-se directamente para o arcebispo e disse-lhe, depois das reverencias do estylo:

— Comprometto-me, se m'os permittirem, a apresentar hoje no pulpito da capella real alguém, que irá dignamente substituir o padre La Rose.

Fez-se em torno d'estas simples palavras um profundo silencio de pasmo e de desabafo.

Bastava só, porém, a presença de frei Ozéas n'aquella sala do paço arcebispal para levantar a surpresa do cabido inteiro, porque todos lhe conheciam a vida obscura e solitaria, e todos sabiam que era muito e muito raro vel-o fóra do seu modesto convento, a não ser para algum acto de caridade.

Frei Ozéas era um homem singularissimo, como mais adiante apreciará o leitor. Havia vinte e tantos annos que em torno d'elle se formára, de dia para dia, a mais solida reputação de virtude e santidade.

De quem disporia o singular frade para fazer substituir La Rose?...

E começou logo o sussurro dos commentarios.

O arcebispo, entretanto, tomára-o avidamente pelo braço, e desapparecêra com elle pela porta que conduzia ao interior do palacio.

Pouco depois, descia frei Ozéas as escadas do paço, mettia-se no carro que o esperava á entrada do jardim, dizia ao cocheiro que tocasse de pressa para o convento de S. Francisco de Paula, e, d'ahi a meia hora, atravessava o longo pateo ladrilhado de pedra e subia a pesada es-

cada do claustro, em que elle se havia condemnado a viver para sempre em dura penitencia.

Apezar do tremor dos seus setenta annos, venceu ligeiro os extensos corredores abobadados, galgou uma estreita escada que conduzia a um sombrio mirante, e, tendo varias vezes volvido os olhos para traz, como se temesse ser acompanhado por alguem, chegou-se a uma pequena porta inteiriça, e bateu tres pancadas seccas com as phalanges dos seus dedos ossudos e pallidos.

A porta abriu-se sem ruido. Elle entrou, e a porta fechou-se de novo, silenciosamente.

O logar em que o venerando religioso acabava de penetrar, era uma triste cella, sombria e espaçosa, com uma janella gradeada e fechada, e apenas frouxamente esclarecida por uma clara-boia do tecto. As paredes, núas de alto a baixo, tinham uma côr sinistra de osso velho. Em uma d'ellas havia um grande nicho com a imagem da Virgem da Conceição, quasi de tamanho natural; a um dos cantos, uma negra estante, toscamente feita, pejada de grossos alfarabios amarellecidos pelo tempo; no centro, uma mesa de madeira escura com um breviario em cima, ao lado de uma candeia de azeite, um pedaço de pão duro e um cilicio de couro crú; junto á mesa, um banco de páo.

Ozéas fôra recebido á porta por um mancebo de uns vinte annos, muito pallido, ainda imberbe,

vestido com uma esfarrapada batina de seminaria.

Não havia mais ninguém na cella.

O mancebo beijou-lhe a mão. Ozéas abraçou-o e disse-lhe depois, tocando-lhe carinhosamente no hombro:

— Meu filho, vais hoje pela primeira vez atravessar as ruas de Pariz e entrar na capella real.

— Para que, meu pai?

— Para prégar o sermão de quinta-feira santa.

— Eu? mas o que vou dizer?...

— Vais dizer pura e simplesmente o que sabes e o que sentes a respeito da paixão de Jesus-Christo... Não te preocupes com a multidão que lá encontrares, não te preocupes com o que vires! Fecha-te comtigo mesmo e falla como se conversasses com o teu anjo da guarda. Abre o teu coração, quando abrires os teus labios, e deixa d'elle sahir, imperturbavel e crystallina, a tua alma de bemaventurado.

— Bem, meu pai.

— D'aqui a pouco virá a roupa com que tens de ir. Dentro de uma hora virei buscar-te.

— Estarei prompto e ás suas ordens, meu pai.

— Reza a Nossa Senhora enquanto me esperas. Adeus.

— Sua benção, meu pai.

— Deus te abençõe.

E frei Ozéas tornou a sahir, fechando-se de novo sobre elle a porta, silenciosamente.

II

FREI OZÉAS E O ENGEITADO

As mascaras de hypocrisia que escondiam a corrupção da cõrte de Luiz XIV, cahiram com a morte d'esse principe. Os fidalgos e cortezãos pareciam impacientes por sahir da forçada e falsa compostura, em que se mantinham durante a velhice devota do Rei Sol.

Até ahi fingiu-se ainda; d'ahi em diante ninguém mais procurou occultar os seus vicios.

A ferocidade e a perfidia dos tempos barbaros, os crimes do feudalismo, todos os erros, todos os abusos e todos os desregramentos de um governo cynico e perverso e de uma magistratura e uma jurisprudencia feitas de ignominia e ádulação, eis do que se compunham os costumes d'esse infeliz começo de seculo.

A administração da policia creava e dirigia casas de jogo e casas de prostituição.

Pariz era policiado por malfeitores, vestidos de farda. Só uma cousa divertia o publico: — a crápula.

Mas o que caracterisava particularmente essa época, era o dourado verniz de elegancia, com

que o escol da sociedade de então disfarçava a libertinagem mais desenfreada e brutal.

A duqueza de Bourbon, apesar de casada, vivia publicamente com Du Chayla. Law levava a sua amante á côrte. A princeza de Conti, filha do rei, posto que devota, já velhusca e cheia de apparentes escrupulos, confessava não poder dispensar a consolação de seu sobrinho La Vallière. A outra princeza de Conti, a moça, essa, a despeito dos ciumes que mantinha pelo marido, só deixou o seu amante La Fare, quando o substituiu por Clermont; a irmã d'ella, Mlle de Charolais, dava os mais terriveis escandalos com o duque de Richelieu. As filhas do duque de Orléans, então regente, levavam mais longe a sua depravação, porque tinham no proprio pai o principal cúmplice das suas orgias. A irmã da duqueza de Bourbon, Mlle de la Roche-sur-Yon, celebre pela sua belleza, não se separava de Marton, estivesse onde estivesse, e ameaçava de furar os olhos com um punhal, que ella trazia sempre na liga, áquella que lh'o roubasse ainda que por um instante. Mme du Maine, tendo aliás como amante vitalicio o cardeal de Polignac, intimo de seu esposo, disfarçava-se frequentemente em regateira, para correr as ruas e vielas de Paris em busca de aventuras de todo o genero.

O peor no emtanto, estava no que se não póde contar n'estas paginas. *Toute chair était détournée de sa voie*, como disse Voltaire a esse res-

peito, e como o provaram com os factos mais indecorosos as proprias delfinas de Luiz XIV e Mme de Maintenon, e o *chevalier* de Vendôme, e o Sr. de Chambonas, e, mais que todos e que todas, a formosa duqueza de Chartres, que se recolheu ainda moça ao convento de Chelles, não para se penitenciar dos seus peccados contra a natureza, porém sim para poder, alli, naquelle doce e obscuro viveiro de almas adolescentes, aggraval-os mais á farta e mais á vontade.

Frei Ozéas tinha n'essa época vinte e cinco annos.

Havia feito seus estudos e recebêra as primeiras ordens no seminario de Borgonha, sua provincia natal; depois atirou-se para Pariz, onde se ordenou, justamente no começo da regencia do Duque de Orléans.

Dotado de temperamento bastante sensual para arrastal-o, e sem força na sua fé para poder resistir á corrente de perdições d'esse tempo elle, se não foi tão ferozmente devasso como Dubois ou tão friamente libertino como Dorat, acompanhou todavia o exemplo dos seus confrades, e com elles arrastou a batina pelos antros mais escorregadios do jogo, da embriaguez e da prostituição.

Chegou a fazer parte d'essas ridiculas e terribes sociedades secretas, que infestavam o reinado de Luiz XV, centros creados com o fim exc'usivo de exercer o gôso, mas o gôso requintado,

forturado, burilado a ponta de agulha; gôso como só se inventou n'esse tempo, gôso a Chambonas e á Pompadour, de quem elle tirou o estylo complicado e extravagante. Vintimille, então arcebispo de Pariz, devasso como os demais parizienses d'essa época, mas emfim arcebispo, esteve a ponto de mandar Ozéas para a Bastilha, como succedeu com o padre Tencin, com Adrien Aubert, com Chegny, Pierre de Gallon e outros muitos religiosos de sangue quente.

Mas quando Ozéas chegou aos quarenta e cinco a cincoenta annos, começou a cahir em si, e pela primeira vez pensou na perdição da sua alma, tão compromettida; e, ou fosse que os requintados prazeres lhe desfibrassem as energias da carne, ou fosse que uma grande e miraculosa transformação moral se operasse com effeito em todo o seu ser, o facto é que elle, fulminado de subito pela consciencia dos seus peccados sem remissão, desabou em fundo arrependimento e protestou nunca mais, nunca mais, commetter a menor acção que de longe pudesse envergonhar a sua responsabilidade de sacerdote.

Era tarde. Nada mais hypothetico do que apagar um passado. Por mais brilhante e intensa que fosse a luz do seu arrependimento, lá estava o gigantesco espectro dos crimes commettidos, para antepôr-se entre elles, e encher de sombra e remorso aquella consciencia de sacerdote peccador. Por mais sincera e convicta que fosse a

sua nova lei de conducta, por mais leal e verdadeira a sua nova linha de virtude, sua alma chorava perdida para sempre, porque para sempre se sentia corrompida e suja.

Então Ozéas começou a dar-se todo, de espirito e corpo, á sua reabilitação.

Cegava-o ardente desejo de conseguir o seu fim.

Principiou por deixar de ser padre, para metter-se na ordem dos missionarios de S. Francisco de Paula, denominados — « Os minimos ». Fez voto de pobreza absoluta e abriu mão de tudo, tudo que possuia; o que, aliás, não era pouco, porque, além dos seus bens de familia, Ozéas mettêra-se a especular no jogo feroz que Law creára sob a regencia, e chegára a accumular uma bonita somma de seis milhões de francos.

Desde então, noite e dia, hora a hora, instante a instante, a sua unica preocupação era expurgar a alma das passadas conspurações. E nunca ninguem se mostrou tão empenhado em reabilitar-se do passado. Por mais escabroso que fosse o acto de piedade, Ozéas não desdenhava affrontal-o, como se a sua fé, por muito tempo adormecida, acordasse de subito, ávida de sacrificios e provações.

Quer onde houvesse soluços e dôres, chagas a laquear, lagrimas a suster, afflicções a reprimir, ahi estava elle, apresentando os hombros

para todas as cruzes, que os seus semelhantes não pudessem suster.

A sua velha tunica, de sarja grossa e sem dobras, não lhe pertencia mais do que ao primeiro mendigo que sentisse frio; o seu pão só lhe chegava á bôca, depois de regeitado pelos que já tinham matado a fome; a sua luz só alumiaava o seu covil de santo, quando nenhum gemido suspirava na tréva.

Para esse arrependido egresso, creado nas orgias do começo do seculo passado; para esse arrependido devasso, que se embriagára com os restos do incestuoso prazer do duque de Orléans, a febre do arrependimento converteu-se em loucura, converteu-se n'uma nevrose que o arrastava de joelhos, com o rosto na terra, a todos os delirios da fé, a todos os heroismos da abnegação.

A peste de Marselha foi um dos mais brilhantes theatros para o seu desespero de ser santo. Como um verdadeiro revolucionario do bem, fez dos farrapos do seu burel uma bandeira de caridade e agitou-a pelos alcouces abandonados, em que era vergonha entrar, ainda que fosse para soccorrer os que morriam.

A'ultima e mais leprosa das perdidias não negava sua bôca o beijo da consolação, enviado por Deus aos desamparados pelos homens.

E assim, no fim de alguns annos de arrependimento, Ozéas ganhára reputação de santo; e, sem effeito, se nenhum religioso até antes fôra

mais culpado, nenhum tambem levou tão longe o esforço da sua reabilitação.

Mas, apezar de tamanhas provações, Ozéas não se sentia purificado. Sua alma sangrava ainda, pedindo mais sacrificios, e elle cahia de joelhos, arranhando as carnes do peito com as unhas, e supplicando a Deus que lhe inspirasse um meio de resgatar-se, completamente, aos olhos da sua propria consciencia envergonhada.

Que meio poderia ser esse que elle exigia de Deus?

Eis ao que nem o proprio Ozéas seria capaz de responder.

Todavia, não cessava de pedir ao Senhor misericordioso que lhe mandasse dos céus uma luz guiadora do caminho da completa salvação, certo de que Deus, omnipotente e compassivo, havia de achar, nos segredos de sua bondade, recursos para apagar aquella dôr incuravel e profunda.

Foi n'essa conjunctura que elle, uma vez de madrugada, sahindo do seu convento para uma piedosa excursão, encontrou á porta do jardim uma pequena cesta, de onde um fraco e quasi imperceptivel vagido partia como de um berço.

Abaixou-se logo, apoderou-se da cesta, e verificou que dentro della havia uma criança do sexo masculino.

Um engeitado!

Tomou-o nos braços.

Mas um engeitado de quem?... Por aquellas

alturas não lhe apontava a memoria qualquer pessoa que fosse capaz d'esse crime.

Além d'isso, porque o depunham á porta de um mosteiro, frio logar onde só havia alguns pobres religiosos sem recursos para nada?...

Era como se o lançassem ao surdo portão de um cemiterio!

Qual seria a mãe, tão nescia, que, procurando passar seu filho ás mãos de quem o pudesse fazer viver, fosse procurar um logar onde eram crime a voz e o choro d'esses anjinhos da terra?...

Então uma estranha idéa acudiu ao espirito sobresaltado do infeliz frade.

Quem sabe, pensou elle; se esta innocente creatura, será um enviado de Deus?... Sim! Sim! bem póde ser que o Senhor misericordioso, compenetrado da sinceridade do meu arrependimento e da amargura da minha dôr, me enviasse dos céus este meio de resgate para minha alma!... Sim! Sim! eu, que não consegui ser um padre digno e puro; eu, a quem faltaram amparo e forças para lutar com as tentações mundanas, tenho aqui, nesta pequena porção de carne immaculada, o cabedal para fazer um sacerdote casto e sagrado, como eu devia ter sido e não fui!

E Ozéas como que se encontrava a si mesmo, encontrando aquella creatura angelica.

Era Deus, sem duvida, que o restituia ao berço e ao seu supremo estado de pureza, para

que elle começasse de novo a viver, armado, entretanto, para todas as lutas.

— Sim! Sim! exclamou elle, erguendo nas mãos tremulas a criancinha, e cobrindo-lhe os pés de beijos e de lagrimas de alegria. Sim! sim! D'esta cera virgem poderei fazer um sacerdote digno de Deus! Obrigado, obrigado, meu Pai de bondade, que afinal ouviste as minhas supplicas e me enviaste do teu peito de amor um meio de salvação!

E louco de contentamento, despiu sem hesitar o seu velho capote, envolveu n'elle a criança e correu á casa mais proxima, para pedir que a ella prestassem os primeiros soccorros.

Logo que pode, levou-a á igreja, baptisou-a com o nome de Angelo; depois tratou de descobrir uma mulher honesta, que se quizesse encarregar de aleital-a até a época competente.

E, quando o pequenino Angelo pode emfim dispensar os cuidados da ama, Ozéas carregou com elle para o seu convento, e encerrou-o mysteriosamente n'uma cella ignorada e sombria.

A bem poucos dos seus confrades confiou o segredo do que elle chamava « a criação do Messias da sua alma. » E, desde essa epoca, Angelo viveu sem nunca sahir do convento e nem sequer chegar a uma janella para ver a rua.

Ozéas foi o seu companheiro, e o seu guia, e o seu mestre, e o seu pai espiritual. Só o confiava

a algum dos outros religiosos ou a algum professor do seminário, quando as exigências do ensino assim o determinavam.

O sigillo da existencia e da criação de Angelo no convento, não foi quebrado por nenhum dos frades que o conheciam. Uma cadeia de respeitoso interesse formou-se em torno d'essa criança, que todos elles acreditavam predestinada, pelos mysterios do céo, a cumprir na terra uma alta e sagrada missão.

Angelo cresceu, pois, fechado na sua religiosa estufa, sem ter nem ao menos desconfiança do que se passava lá fóra, n'essa cidade do prazer e do vicio. Cresceu casto coma uma flôr, que as abelhas e as borboletas não alcançam.

Apenas conhecia a religião e a biblia. Até aos vinte annos, fez todos os seus estudos e recebeu as ordens ao lado do pai espiritual. Mas tal era a confiança que o velho Ozéas tinha no seu discipulo, que não hésitou em apresental-o para substituir La Rose no sermão de quinta-feira santa na capella real.

Angelo ia sahir á rua pela primeira vez.

VIRGINDADE NO HOMEM

Logo que Ozéas deixára a sombria cella do convento de S. Francisco de Paula e a porta se fechára sobre elle silenciosamente, Angelo, em obediencia ás suas ordens, ajoelhára-se defronte do oratorio e começára a rezar.

Na sua alma innocente não passava a idéa da responsabilidade que o esperava. Sem nunca ter sahido á rua, sem conhecer Pariz e os parisienses, não podia desconfiar sequer do que era n'esse tempo um sermão prégado na capella real, defronte do rei e da côrte.

Não sabia que n'esse tempo, piedoso e devasso, fazia-se da religião um prazer requintado, e que o pulpito era, como o palco, ou como o livro, ou como o salão e o album, um meio de exhibições de talento exquisito e complicações de arte. Não sabia, o pobre Angelo, que o prégador do que menos precisava, n'esse bom tempo do estylo equilibrado em cinco palitos, era de ser sincero e convicto, mas sim de ter originalidade na maneira, graça na exposição da phrase, ele-

gancia nos gestos e naturalidade galante nos soluços e nos gemidos de peccador.

Essa mistura do sagrado aspero com o profano macio, do prazer avelludado com a devoção capitosa, produziu as celebres festas hybridas, que então se organisavam em uma das salas das Tulherias durante a quaresma, e ás quaes deram gamenhamente, o nome de *Concertos espirituaes*

Luiz XV gostava de presenciar-as, sentado a um canto entre algumas formosas mulheres, e bebendo vinho da Syria, que era o seu vinho predilecto. Pestanejava e sorria para todos os lados. Liam-se versos ternos e religiosos, cantava-se o *Miserere*, o *De profundis*, o *Stabat*, e outras cousas tristes, mas tudo com muita graça e requiebro faceiros.

Era o amor temperado com oleo cheiroso de Santa Luzia.

Havia sempre para estrear, no pulpito d'esses concertos, um ou mais jovens ecclesiasticos, sempre moços bonitos, aos quaes, durante o sermão, serviam agua rosada e licor de violetas. E o que d'elles se exigia, era apenas voz doce, olhar meigo, dentes bem claros, labios vermelhos, rendas alvissimas na camisa, e mãos brancas de unhas limpas. A's vezes creava-se uma bella reputação e fazia-se uma bonita carreira, só com uma palavra feliz ou com um gemido suspirado com chiste em occasião opportuna. O caso era que as gentis devotas se impressionassem. E só

se fallava á meia voz, só se namorava a meio sorriso e só se andava lentamente e aos pulinhos, abafando os passos nos arminhosos tapetes a que Pompadour deu o seu nome.

Angelo, coitado, nada conhecia d'isso nem por noticia sequer ; como igualmente não conhecia o outro genero de prégadores, não menos commum n'esse tempo, o do prégador terrivel, de pulso forte e cabeça dura, que ía para o pulpito de cacetete escondido debaixo do capote, e cujos sermões eram por via de regra uma descarga politica e uma tremenda descompostura, contra o partido dos Jansenitas ou contra o partido dos Molinistas, conforme a filiação do orador, e que, em geral, acabavam tambem por soluços e gemidos, mas estes agora bem sinceros e bem reaes, e grossa pancadaria no atrio da igreja.

Até certa idade, Angelo chegou a acreditar que o mundo se resumia no seu convento, e que a humanidade se compunha apenas daquella meia duzia de frades, ingenuos e quasi santos, que elle conhecia. Ozéas, com um cuidado enorme, um zelo de guarda da Paraiso, izolava-o dos seminaristas e dos empregados do seminario, e lhe não deixava cahir nas mãos a mais inoffensiva pagina de qualquer livro que não fosse religioso.

E, no emtanto, Angelo era dotado de um poderoso talento de assimilação e devorava sofregamente tudo, bom ou máo, que lhe davam para lêr. As materias religiosas que plantaram no seu

fecundo espirito, desabrocharam logo, produzindo uma intrincada floresta de philosophia theologica, que abysmava aos proprios seus professores.

Aquella criança, diziam estes, estava destinada a fazer o verdadeiro renascimento da religião christã.

E cresciam os desvelos em torno de Angelo, orçando já pelo fanatismo. Não lhe permittiam olhar para o pateo do convento, onde havia uma criação de gallinhas e coelhos. Receiavam, e com razão, que o espectáculo dos instinctos procreadores dos innocentes bichos despertasse no outro innocente idéas que a igreja reprovava. Escondiam-lhe o proprio sol em dias de grande calor, como se a exhibição d'aquella vida que se deramava sobre a terra para a fecundar com a luz germinadora e benefica, fosse bastante para acordar na carne pallida do seminarista a revolucionaria centelha do amor.

Entretanto, Angelo bem pouco se impressionava com essas cousas, e tinha para todas essas lubrificações com que a natureza estimula a vida, um profundo olhar de indifferença, como se todo elle estivesse perennemente voltado para a fria região idéal e azul, em que os anjos, unicos que a povoam e habitam, não têm idade nem sexo.

Não era uma creatura humana, não era um moço que ia entrar na adolescencia; era a sombra

incolor de um obscuro beijo que se fizera carne, e que o crepusculo da manhã confiava ao crepusculo da tarde, pedindo-lhe que o não deixasse corromper-se á sensual e perturbadora luz do sol.

A's vezes, ao cahir da noite, quando a natureza parece abrir o peito, para chorar em gottas de orvalho as mysteriosas dôres do seu parto de todos os dias, elle, o pallido engeitado, que vivia á sombra das paredes somnolentas e humidas de um claustro, sahia a passear pelo mal tratado jardim que havia nos fundos do convento. E ahi, entre as cheirosas moitas das rosas silvestres, tepidas ainda do derradeiro sol que as dourára no ultimo poente, o seu vulto triste e meigo transparecia, como um sonho de poeta ou um fugitivo devaneio de donzella.

Pobre Angelo! De tudo que sua alma podia conceber, só uma cousa lhe não esconderam — a Biblia. E era com o auxilio d'esse poema quente e cheiroso como os perfumes de Cedar, que elle, o infeliz, enchia de estrellas os seus devaneios de sonhador impubere.

N'esses momentos, o canto que o seu coração cantava chorando, e chorando lhe fazia agitar da bôca as petalas trementes, era o *Cantico dos canticos*, o livro do poeta rei, amante de todas as mulheres formosas do Oriente.

Ironia dolorosa! Angelo, o casto, arrebatava-se nas azas da inspiração do poeta de mil amantes!

« Eu durmo e o meu coração véla: eis a voz do meu amado que bate, dizendo: — Abre-me, irmã minha, amiga minha, pomba minha, immaculada minha; porque a minha cabeça está cheia de orvalho, e me estão correndo pelos aneis do cabello as gotas da noite.

« Eu abri a minha porta ao meu amado, mas elle já se tinha ido, era já passado a outra parte. A minha alma se derreteu, assim que elle fallou: busquei-o, mas não o achei: chamei-o, e elle me não respondeu. »

E Angelo, quando estes versetos lhe vinham ao espirito, misturados com os suspiros da vaga saudade, que elle mal definia e em que mal acreditava, cahia em fundas scismas, para as quaes só havia uma consolação: — escrever. Não versos, d'esses que o publico exige dos poetas mundanos, porque Angelo não conhecia regras de arte, mas lançava sobre o papel phrases como as que lia no livro de Salomão, ao correr da penna, e impregnados da quente virgindade de sua alma.

Quem roubasse da escura cella as tiras de papel, esquecidas sobre a tosca mesa de pinho, leria nas tremulas linhas, ahi traçadas todas as noites com mão nervosa, estranhos pensamentos como os que formam o capitulo a seguir.

IV

VEM! QUE TE CHAMO!

« Amado da minha alma, aponta-me onde é que apascentas o teu gado, onde te encostas pelo meio dia, para que não entre eu a andar feito uma vagabunda atraz dos rebanhos dos teus companheiros.

« O meu amado é para mim como um ramilhete de myrrha. Elle morrerá entre meus peitos.

« Meu amado, vem commigo pelos campos, dá-me a tua mão; que eu perfume nella os meus cabellos e que eu sorva tremente o cheiro da tua bôca, como a cabra monteza que morde os lirios da ladeira.

« Tu és bello e forte como o cedro, suave como a ribeira, e tua voz é como o gemido das pombas.

« As tuas faces têm toda a maravilha de um prado illuminado por dous sóes, e onde os meus beijos, como um rebanho, descançam á sombra dos teus cabellos.

« Vem, amado meu do meu coração, que eu por ti definho de amor e morro de tristeza.

« O amado do meu coração é bonito que nem essa cabra arisca, que grimpa á tardinha pelos

escalvados oiteiros sem relva, e que de noite e de manhã a gente não bispa mais. Elle é como o veadinho branco, que corre mais depressa e se some, se lhe querem pôr a mão em cima. Elle é como aquillo que nós mais queremos, e que não está dentro dos nossos braços e junto dos nossos labios.

« Mas não, alma minha mentirosa, eil-o que ahí está elle, todo amoroso e rubicundo, posto de pé por detraz da parede do meu quarto, olhando o meu leito pelas frestas da janella, chorando de amor e estendendo a vista dos seus olhos por entre as gelosias.

« Lavei os meus pés assentada no meu leito. Como os hei de sujar agora?

« O sandalo e a murta estão rescendendo.

« Vem, amado de minha alma, as vinhas já puzeram o primeiro cacho de seus fructos, e as moças de Jerusalem estão dormindo á sombra das parras, para sonhar com aquelles que as querem para amar.

« Eu só, amado das minhas entranhas; eu só, a mais mesquinha entre as filhas de Jerusalem, não durmo o somno da noite, e estou á espera que a minha vinha amadureça e tome côr, para te puxar para meu lado e repartir contigo a minha uva doce.

« Virás, que te chamo com as minhas mãos, e te abro meus peitos.

« Tu és, amado de minha vida, o escolhido do

meu coração. Tua cabeça é como a espiga de ouro que o sol beija de manhã, pensando que beija a mesma cabeça de seu filho, os teus cabellos são como as fibras que as palmeiras choram, quando lhe arrancam a penca dos seus fructos que ellas produziram. São leves, macios, correntes e ondulados, são como os cabellos do milho doce, e mais doces que o mel gostoso da flôr da banana.

« Eu te amo, porque tu és formoso. Mira-te, tu, nos meus olhos amorosos, e verás se te mentem minhas palavras. Não me fujas como a ave que deixa a irmã sósinha no ninho, sem o companheiro para cobrir os ovos. Teu rebanho não se perderá na montanha, enquanto tu dormires com a cabeça entre meus peitos de amor.

« Vem, amado meu. As nossas noites serão como os regatos tranquillos, em que se abrem os nenuphares, brancos e perfumados como sonhos de amor. Teus labios serão dos meus labios, teus cabellos serão dos meus cabellos, teu seio do meu seio, como a raiz é da terra, como a flôr é da abelha. Vem, põe a cabeça em cima de mim e dorme o teu somno, que eu tambem dormirei, mas desfallecida de amor. Dá o teu ultimo pensamento vivo para os meus labios, para que eu o guarde dentro de mim, e te o restitúa depois na tua bôca. Falla-me para dentro, e minha alma te ouvirá captiva e amorosa.

« Conjuuro-te, amado meu, que desças da montanha, pelo teu pé e venhas até a mim, que te

quero. Traze tu o teu rebanho branco, e iremos, nos juntos, apascental-o muito longe pelas campinas, até que morra o sol e a noite chegue sacudindo os cabellos orvalhados de estrellas.

« Junta-te commigo, que eu sou o mel de que teus labios gostam. Bebe a doçura da minha bôca, e tu me pedirás o favo inteiro.

« A aza procura a flôr, porque a flôr esconde o mel doce nos seus seios. Vem; vem e fecha nas tuas azas de sol as petalas do meu desejo.

« Desce donde estiveres, vem, que te espero eu, sem poder fechar o meu tormento, emquanto não chegares para me amar.

« Mas quem és tu, amado de minha alma, que meus olhos te não distinguem por entre as sombras da minha vida, nem meus braços te alcançam, quando de noite te busco nos meus sonhos?... Quem és tu, amada visão, que eu busco e que me acompanha?... Quem és tu, que te evoco e me não vales, quando todo meu desejo é que me desejes e me tenhas?

« Minha porta dorme tão aberta como meu poito. Meu leito não tem muros, e meus braços não se cruzarão para o teu encontro, posto sejas tu o senhor e eu a escrava que te espera.

« Tu me reconhecerás na sombra, se chegares; basta que ponhas a mão sobre minha carne. E isso será um sello para que tu nunca mais me percas.

« Vem, amado do meu coração! Vem! Vem,
que toda eu te quero! »

E, no entanto, Angelo era um innocente, ou,
pelo menos, nunca tinha visto uma mulher.

TRIUMPHO INCONSCIENTE

Dotado, como ficou dito, de grande actividade intellectual e poderoso talento de assimilação, Angelo aos quinze annos já embasbacava os seus ingenuos professores, com as argucias das suas réplicas e com os engenhosos commentarios que fazia do Velho e do Novo Testamento.

Ozéas, cada vez mais profundamente convencido da procedencia divina do seu pupillo, guardava-o e escondia-o afinal com o respeitoso carinho e desvello com que se guarda uma reliquia consagrada.

E a crença de que Angelo era um inspirado por Deus, foi ganhando o espirito de todos que com elle praticavam no convento.

Havia com effeito no ar d'aquelle pobre adolescente prisioneiro de um claustro, alguma cousa que impressionava a quem o observasse de perto. Os seus grandes olhos azues, muito escuros, quasi negros, tinham uma hybrida expressão feita de innocencia e perspicacia; eram vivos como os da aguia, mas transparentes e doces como os de uma criança, e tinham, ao mesmo

tempo que deixavam transluzir toda a virgindade d'aquella alma immaculada, subitos clarões, intelligentes, que denunciavam um espirito agudo e forte. Na suavidade das suas faces de moço, havia a sombra das duras penitencias e das grandes vigalias mysticas sobre as paginas do breviario, ou defronte do altar da Virgem Santissima, mas havia tambem uma juvenil frescura de flôr, d'essas mysteriosas e pallidas, que só á noite desabrocham e rescendem. A sua bôca imberbe era um conjuncto fascinador de graça e de tristeza, seus labios, um tanto cheios e sanguineos, pareciam todavia talhados mais para os beijos de amor do que para o frouxo balbuciar das orações. Seus cabellos negros, crescidos á nazarena, como então usavam os religiosos de França, derramavam-se-lhe em fartos anneis sobre a brancura do pescoço e cahiam-lhe em tremulas madeixas de lado a lado do rosto.

Devia ter sido um rapaz muito forte, se não fôra a enervadora clausura a que o condemnára seu infeliz destino. Era de natural esbelto e airoso, tinha os dentes brancos e rijos, o queixo energico, o nariz feito de uma só linha, a fronte alta e severa.

As macerações dos jejuns e das asperas disciplinas não conseguiram desfibrar-lhe de todo a solida compleição com que a natureza o dotára. Apezar de tudo, era ainda, nos seus candidos vinte annos, uma garbosa e gentil figura, que

havia fatalmente de impressionar ás damas sensuaes da côrte de Luiz XV.

Effectivamente assim foi.

Conduzido até ao pulpito por seu pai espiritual, Angelo, mal se mostrou e percorreu com os olhos inexperientes o auditorio que o aguardava ancioso, um subito rumor de sympathia percorreu toda a igreja. As mulheres, installadas nas tribunas, alongaram o pescoço para o vêr melhor. O rei sorriu interessado, e logo toda a sua côrte sorriu tambem.

A capella, completamente cheia, palpitava de curiosidade. Pariz elegante estava todo alli, entre aquellas bonitas paredes de marmore côr de rosa, guarnecidas de florões e filetes de ouro rebrilhante. Sentia-se o tilintar dos pingentes de crystal dos immensos lustres de mil vélas, e sentia-se, por entre o farfalhar dos velludos e das sedas, o fremir dos leques de tartaruga e madreperola, suavemente agitados contra os adereços preciosos. O cheiro sagrado da myrrha e do incenso confundia-se no espaço com os voluptuosos perfumes do toucador.

Angelo, immovel, de pé, mãos pousadas no rebordo do pulpito, olhos postos no alto e labios entreabertos, fazia a sua oração preparadora, inteiramente alheio a toda aquella luzida e refulgente côrte que o cercava.

Comprehendia-se que sua alma, arrebatada no

enlevo da prece, vagava n'aquelle instante pelos infinitos paramos do céo.

Toda a sua fé, toda a sinceridade das suas crenças e toda a pureza do seu corpo e do seu espirito, vieram-lhe ao semblante n'aquelle momento de profundo extasis.

Parecia um archanjo em dulcissimo idyllio com a Divindade. Dir-se-ia que elle, de um instante para outro, ia desprender-se da terra e partir lentamente para Deus, como a propria supplica que lhe agitava as rosas da bôca e se evaporava como um perfume.

Quando as suas primeiras palavras sahiram-lhe do coração, n'um doce murmurio de voz angelica, houve em todas aquellas pobres creaturas, estafadas pelo vicio e pela libertinagem, uma inesperada commoção que lhes humedecia os olhos.

E elle, sempre arrebatado no vôo do seu enlevo religioso, continuava a fallar, como se estivesse sonhando, cercado de uma nuvem de anjos.

A sua voz, de crystal e ouro, virgem e sonora, enchia o recinto, produzindo n'aquelle extatico e maravilhado auditorio o effeito de uma estranha musica desconhecida, que baixasse dos céus para acordar-lhe, no corrompido e morto coração, uma idéa generosa e consoladora.

Foi geral e profunda a commoção. As mulheres arfavam, sem despregar os olhos da encantadora figura de Angelo. O rei deixára pender a

cabeça sobre o peito e scismava, possuido de uma expressão de bondade, que até ahí ninguem lhe tinha jamais visto. A condessa de Pompadour, debruçada no seu genuflexorio de velludo carmezim, tinha a physionomia paralysada e parecia orar contritamente.

Entretanto, Angelo fallava sempre, e sempre alheio ao que o cercava. Suas phrases vinham-lhe aos labios naturalmente, sem que houvesse n'elle a mais ligeira preocupação de agradar ao publico ou armar ao effeito. Era nada mais do que a confissão do seu entranhado amor pelo martyr do Golgotha, um descrever de dôres cruciantes, que elle soffria dizendo-as alli, como se naquella occasião as experimentasse, possuido de uma revolta de archanjo fiel e cheio de piedoso entusiasmo por esse Deus humilde, que abandonou o seu throno celeste para vir padecer, na terra ingrata, como o derradeiro dos homens.

Fallava de Jesus como se fallasse de um desgraçado companheiro, a quem arrancaram de seus braços para leval-o de rastos por essas ruas, cuspidolhe sobre as feridas, rasgando-lhe as carnes nas pedras do caminho, e matando-o afinal n'um poste infame, onde se justificavam os ladrões e os assassinos.

A sua dôr era sincera, e por isso se apoderava do coração de todos que a escutavam; tanto que Angelo, ao terminar a prédica, lançando o derradeiro lamento de desespero pela morte do Re-

dempstor, e pedindo a Deus que o fulminasse tambem n'aquelle mesmo instante, para nunca mais ter olhos, nem bôca, nem ouvidos para este mundo de maldades, viu erguerem-se todos em volta d'elle e um grito de enthusiasmo acompanhar as suas ultimas palavras, como se de repente acordassem sobresaltados, depois da embriaguez em que os lançára aquella estranha e capitosa eloquencia.

Mas, antes que tivessem tempo de apoderar-se d'elle, e antes que as damas descessem das tribunas para felicital-o, já frei Ozéas, cioso do seu thesouro, arrastava-o pelos corredores da sacristia e mettia-se com elle no carro, mandando tocar a toda pressa para o convento.

Quando o rei lhe mandou dizer pelo seu primeiro criado particular, o Sr. de Laborde, que viesse á sua presença para fallar-lhe, já a sege de praça em que elle ía com o frade, havia desaparecido muito tempo antes.

VI

UM HOMEM PURO DISCUTIDO POR MULHERES

O sermão de Angelo foi um verdadeiro acontecimento, que logo se apoderou da curiosidade de Pariz inteiro.

Por toda a parte se fallava em tal, e se commentava aquelle pallido e meigo seminarista, que vinha, da sombra silenciosa de um pobre mosteiro, abalar o coração de toda a côrte de Luiz XV.

Discutiam-lhe os olhos, a bôca, os cabellos. Fallava-se do seu ar angelico, da sua encantadora expressão de santo inspirado, e da maravilhosa doçura da sua voz.

Formaram-se logo mil lendas a respeito d'elle, e sabia-se que o rei, depois de lhe offerecer um logar na capella real, o que foi immediatamente recusado pelo velho Ozéas, propoz-se assitir á sua missa nova, graça que não tinha até ahi concedido a nenhum outro iniciando, e prometeu tambem presentear-o com as vestes e paramentos que o seminarista tinha de pôr n'esse dia, o que

equivalia a dizer que Angelo iria ordenar-se cercado de todos os esplendores.

E começaram, tanto os que presenciaram o famoso sermão de quinta-feira santa, como os que apenas ouviram fallar d'elle com insistencia, a esperar o dia da iniciação de Angelo, para ter, ao menos, o prazer de ver esse imberbe e afortunado prégador, que assim abalava escandalosamente o alto e baixo publico de Pariz.

Angelo era o assumpto de todas as palestras da rua e das salas. No theatrinho que o duque de Orléans tinha no seu palacio de Bagnolet, celebre pelas scenas licenciosas que ahi se representavam, tratava-se já de fazer subir á ribalta uma peça com o nome d'elle, na qual o duque desempenharia um dos principaes papeis.

No salão theatral da duqueza de Villeroi, onde o rei da Dinamarca viera uma vez para ouvir declamar o popularissimo *Le Kain* e *Mlle Clairon*, pensava-se tambem em montar uma comedia de assumpto sacro, cuja acção se passava na capella real, e cujo protagonista era um prégador de vinte annos.

E, assim, no theatro do barão de Esclapon, no da duqueza de Mazarin, no do Sr. de Magnauville, no do principe de Condé, no da Guimard, e nas salas alegres de Sophia Arnould, pontos esses de reunião em que melhor se fazia espirito e, com mais graça e mais picante maldade, se discutiam as novidades e os escandalos do dia, era

ainda Angelo o assumpto da palestra e o objecto de mil epigrammas, satyras e trocadilhos.

Mas onde incontestavelmente o assumpto despertou maior escandalo, foi no salão da condessa Alzira, bella, cynica e espiituosa cortezã, celebre por ser n'essa época a mulher mais insensivel e mais fria de Pariz. Juravam todos que a formosa condessa jamais sentíra por ninguem a menor particula de amor, e que o seu melhor momento de alegria era quando, por causa della, algum dos seus innumerados apaixonados cahía morto em duello ou mettia uma bala nos miolos.

Começando pelo rei, que fôra o seu primeiro amante, pertencêra ella depois simultaneamente, ora mais, ora menos tempo, a toda a gente da cõrte capaz de manter mulheres caras.

Tinha uma virtude: a ninguem enganava, porque, não só confessava francamente ao seu dono da occasião toda a sua insensibilidade, fosse lá por quem fosse, como não repartia com um segundo aquillo que um primeiro houvesse arrematado já e pago á vista.

Esta sinceridade, original em uma pessoa das suas condições, valeu-lhe a estima de alguns homens de espirito. De sorte que as quintas-feiras de Alzira eram frequentadas por bõa roda de rapazes, e a gente se não aborrecia entre as quatro paredes das suas riquissimas salas.

Como fiéis, reuniam-se lá todas as semanas

suas amigas, a cantora Sophia Verrière, Gabriela Vanguyon, Margarida Duclos, o conde de Saint Malô, Arthur Bouvier, e, principal e invariavelmente, o seu velho amigo, o unico homem para quem Alzira tinha ás vezes um sorriso de amisade, o Dr. Cobalt, medico de nomeada, que fazia algum ruido em volta do proprio nome com os seus estudos sobre o materialismo, então apenas nascente em França.

E as reuniões eram boas quasi sempre. Na immediata ao sermão de quinta-feira santa, era Angelo o assumpto forçado em todos os grupos.

— Um triumpho! exclamava Sophia; um verdadeiro triumpho! Em alguns dias o tal discipulo do velho Ozéas tornou-se quasi tão popular como a Pompadour!

— E' exacto! confirmou o conde de Saint Malô; depois de Bossuet, não se ouviu em Pariz uma prédica tão notavel. Nem as melhores de La Rose!

— Ah! interveiu Arthur Bouvier; o sermão de quinta-feira foi com effeito uma obra prima no seu genero! Vi desfazerem-se em pranto creaturas, a quem eu suppunha fosse impossivel arrancar uma lagrima!

— Pois se até a Guimard chorou!... disse Margarida, mostrando os seus dentes grandes como os de uma ingleza.

Bouvier replicou:

— A Guimard não admira. é uma mulher!

Feia, é verdade; magrissima, não ha duvida; sapintada de marcas de bexiga, ninguem o nega; mas afinal é uma mulher! Commoover, porém, o duque de Fronsac e o marquez de Sade até á lagrima... isso é que é verdadeiramente extraordinario!...

— Pois esses dous monstros choraram?... perguntou Gabriella, affectando grande surpresa. Oh! como hoje em dia a lagrima está ao alcance de todas as bolsas!...

— Pois choraram... insistiu Bouvier. Tanto que a proposito Sophia Arnould disse que o joven prégador, fazendo brotar agua de taes rochedos, conseguira maior milagre do que o seu legendario collega Moysés.

— Ah! suspirou Margarida. Não ha duvida que o talento sabe fazer todos os milagres!...

O Dr. Cobalt, que a um canto da sala conversava com Alzira, mas applicava meio ouvido á palestra dos outros, exclamou de lá:

— Não! não! perdão! não foi o talento que fez o milagre, minhas gentís amigas; não foi o talento, nem tão pouco a illustração theologica do joven seminarista, o que tão profundamente impressionou Pariz...

Estas palavras do medico abriram na sala um silencio de surpresa e indignação.

— Como? Pois o Dr. Cobalt tinha a coragem de negar talento ao prégador de quinta-feira santa?... Oh!

O conde de Saint-Malô aprumou-se ainda mais sob os bofes bordados da sua camisa de rendas. Bouvier cerrára os labios, revoltado, e Gabriella assestára sobre o doutor o seu *lorgnon* de tartaruga.

— Negar talento ao pobre moço!... Com effeito!

Cobalt sorriu, levantou-se, e, indo collocar-se entre elles, respondeu com a sua fleugma habitual, afagando o ventre:

— Sim senhor, sim senhor; não foi o talento, nem foi a illustração do seminarista, o que impressionou Pariz inteiro. Ha por aqui milhares de theologos, muito mais fortes na materia e mais oradores do que Angelo, que não conseguem abalar um só dos seus ouvintes.

— Então o que é que foi?... interrogou a formosa Gabriella, sem abaixar o *lorgnon*.

— Uma cousa muito simples, minha querida senhora, uma cousa extremamente simples...

Todos se aproximaram d'elle, vencidos pela curiosidade.

— Que foi? — Que foi? — Que foi então?...

— A sinceridade, respondeu o medico.

— A sinceridade?... exclamaram em côro.

— Sim, meus caros amigos. A verdadeira convicção nas suas crenças, o verdadeiro sentimento do que elle affirmou no pulpito. Foi só d'ahi que lhe veiu aquella poderosa e dominadora eloquencia. Angelo fallou mais com o coração do

que com a cabeça, e só por isso Pariz o ouviu tão commovido.

E depois de uma pausa: — Sim, porque é preciso confessarmos uma cousa, meus idolatrados amigos: os parizienses de hoje dispõem de muito espirito e de muita encyclopedia, mas, em questão de sentimento e de sinceridade... são de uma pobreza franciscana.

— Não é tanto assim!... arriscou Arthur.

— Nós, os parizienses de hoje, proseguiu o medico, somos muito cortezes, muito engraçados, sim senhor, mas... falsos e hypocritas como ninguém...

— Ora essa, doutor!... resmungou o conde com um tregeito de resentimento.

Cobalt accrescentou, torcendo para baixo a linha fria da sua bôca barbeada:

— Pariz admirou em Angelo o que Pariz já não possúe e só por isso considera extraordinario. Foi o assombro do homem desfibrado e gasto, produzido pelo homem ainda forte e perfeito. Admirou a fresca e delicada flôr do sentimento, que elle suppunha ha muito tempo extincta; admirou esse estranho Angelo como se admirasse uma raridade preciosa, uma das nossas armaduras dos tempos gaulezes por exemplo.

— Não sou d'essa opinião! oppoz Gabriella, voltando o rosto.

Alzira, que não deixára o canto do seu divan,

ia cada vez mais se mostrando empenhada no que dizia o medico. Agora tinha o cotovello fincado na almofada, a mão amparando o rosto, e os olhos espetados no tecto.

— Era muito natural, continuou aquelle; muitissimo natural que, em meio de uma sociedade devassa, em meio da França da Pompadour, aquelle verbo sincero, ingenuo, convicto e apaixonado, a todos fulminasse, como se fôra elle raios de luz vingadora enviada directamente por Deus. Pariz, meio electrizado de Champagne, havia adormecido embalado por uma canção de Boufflers, guinchada por qualquer *espalier* do theatro de Audinot, e acordou estremunhado no dia seguinte á voz crystallina e matinal de uma criança, que vinha repetir em linguagem biblica o que ha quasi dezoito seculos apreogavam em Galiléa os discipulos de Christo. E' natural que se commovesse... e foi isso justamente o que succedeu. Pariz, que ha tanto tempo só sabe fazer uma cousa bem feita e com graça, — a orgia, — ficou embasbacado defronte da casta e simples palavra de um pobre seminarista sem pretensões. Nada mais justo! Mas o que lhes affianço, meus amigos, é que, se o simplorio do padreca visasse a qualquer effeito; se desconfiasse, ao menos, da impressão que ía produzir no publico, a ninguem teria commovido. Se elle conhecesse a sociedade que hoje o acclama; se elle tivesse tido a menor aspiração de

gloria; se elle não fosse, emfim, coitado! mais innocente e mais puro do que a menina mais innocente de Pariz, juro-lhes que não conseguiria o triumpho que obteve. O choque foi grande, porque foi inesperado. Os parizienses morrem pelo imprevisito e pela novidade; e ninguem, hoje em dia, lhes poderia proporcionar melhor novidade, do que o singularissimo caso de um rapaz de vinte annos perfeitamente immaculado e puro!

— Mas, doutor, elle será com effeito tão puro como se diz por ahi?... perguntou Gabriella em ar de riso. Não creio!

— O que ha de mais puro, confirmou o medico.

— Um homem virgem em pleno seculo dezoito!... Qual! disse Sophia Verrière, soltando uma risada. Tambem não acredito!

— Nem eu! reforçou Margarida, sem rir.

— O Dr. Cobalt exagera com certeza... observou Gabriella.

— Não exagero, tornou o materialista; e digo mais, que elle nenhum merito revela com semelhante raridade, porque tal pureza não é obra sua, mas sim de frei Ozéas.

— Mas, afinal, perguntou Alzira, sahindo da sua abstracção e encaminhando-se para o doutor; afinal, qual d'essas mil e uma lendas, que correm por ahi a respeito de Angelo, é a verdadeira?...

— Quaes sejam as mil e uma, não sei... disse

o medico, sentando-se no meio do grupo; mas a verdadeira é esta que vou contar:

- Pois venha a lenda!
- Venha a lenda!
- Attenção!

VII

FRAGIL COMO UMA LAGRIMA!

O Dr. Cobalt, com o espirito alegre de que era dotado e com a sua pittoresca e original maneira de contar as cousas, narrou ás damas e cavalheiros que se achavam no palpitante salão da condessa Alzira, a curiosa e singela historia de Angelo.

Foi escutado com o maximo interesse. A formosa e fria dona da casa, essa mulher que diziam de coração surdo a todas as ternuras e de olhos seccos e fechados para todas as dôres, era todavia a que mais se mostrava presa dos labios do narrador, e a que mais avidamente lhe bebia as palavras.

— Ozéas, disse o medico, concluindo; queria emfim fazer um padre perfeito, para poder dar a alguem por si, quando, despido da traiçoeira carne, tivesse de apresentar-se de alma nua perante o Creador, e tivesse, como sacerdote, de prestar contas do que praticára n'esta vida. Queria fazer um grande coração, muito forte e muito amoroso; amoroso para Deus, forte para o mundo. Queria que o seu discipulo amado fosse

uma torre de crystal, invulneravel e incorruptivel, mas tão alta e tão solida que ligasse a terra ao céo e o homem a Deus!

Dito isto, calou-se por um instante; depois sorriu para o attento grupo que o cercava silencioso, e accrescentou, pondo-se de pé e abrindo os braços, na galante reverencia de uma quasi mesura:

— Ora ahi têm, meus adoraveis amigos, tudo o que sei de fonte pura a respeito do singular moço, que tão formidavel impressão deixou sobre Pariz na quinta-feira santa.

Alzira quebrou o seu silencio para perguntar, com os olhos fitos no medico:

— E elle, antes de quinta-feira, nunca então havia sahido á rua?...

— Nunca, affirmou aquelle. Fez todos os seus estudos e recebeu as ordens sem arredar pé do convento, ao qual o seminario é annexo. Seus dias, desde a mais tenra idade, foram todos, todos, dedicados de corpo e alma aos livros santos e aos misteres da igreja.

— Então é um ente perfeitamente puro? interrogou ella.

— Puro como um anjo.

— E' extraordinario! exclamou Margarida, sem poder conter o seu enthusiasmo.

— E' inacreditavel! disse Sophia, meneando a cabeça com um gesto de incredulidade.

Gabriella Vauguyon soltou um suspiro e

deixou escapar esta phrase, que fez rir a sociedade:

— Um homem puro em Pariz! A dous passos de nós!...

E o Dr. Cobalt, que saboreava o effeito da noticia da castidade de Angelo sobre aquellas mulheres, cujo olphato já de ha muito se tinha esquecido do delicioso perfume da flôr de laranja, accrescentou, para alfinetar-lhes as fibras da admiração:

— Um homem purissimo, virginal! Immaculado como a Virgem Santissima! Um homem completamente innocente, sem a menor idéa do que seja sociedade, nem paixões mundanas, nem sexos, nem...

— Nem sexo?! inquiriu Gabriella, escancarando os olhos, sinceramente pasmada.

— Nem nada! nada! nada! respondeu o medico, sorrindo e apertando os labios. Nada, minhas adoraveis peccadoras! Mas o que se chama « nada »!

— Estudava e lia muito, não é verdade, Dr. Cobalt?... quiz saber Margarida Duclos.

— Sim, mas só cousas sagradas... biographias de santos, anedotas religiosas e dissertações espirituaes... Ora, succedeu por acaso que essa misera criança, que o mesmo acaso atirou ás mãos do padre Ozéas, dispuzesse das mais valentes faculdades mentaes, e, não conhecendo ella outro meio além daquelle em que vegetou, e, não

tendo outro pasto para seu espirito além da doutrina christã e da manhosa theologia, deu-se todo inteiro a estas duas estereis e seductoras senhoras, e no fim de contas apresentou escandalosamente aquelle imprevisto typo, que fez as nossas delicias e as delicias da côrte na quinta-feira passada.

— Ah! disse o conde de Saint-Malô; não ha duvida, porém, de que elle tem muito talento oratorio: é uma capacidade em materia de religião...

— Qual! desdisse o materialista em ar de pouca importancia. Acho que aquelle pobre moço é mais uma intelligencia aproveitavel que se perde, e mais um infeliz doente que ganham os hospitaes!

— E porque?... exclamou Alzira vivamente.

— Ora! desdenhou aquelle. Porque toda a sua sciencia, se é que elle a tem, baseia-se nos mais falsos principios. A sua philosophia é bonita, não ha duvida, mas completamente inutil. Não passará nunca de um metaphysico. Construiu o seu edificio intellectual sobre areia movediça; e no dia em que o primeiro sopro quente de vida real cahir-lhe em cima, lá se irá por terra a igreja! No dia em que a natureza, indefectivel nas suas leis, o chamar friamente á verdade das cousas e exigir que elle cumpra com o seu destino physiologico de homem, o seu proprio talento ha de revolucionar-se com o seu san-

gue, e elle terá de abrir guerra aos falsos e arbitrarios principios em que o educaram. E então, o desespero e a decepção d'aquella pobre victima do visionario Ozéas, serão tamanhos e tão fortes, que o desgraçado talvez não tenha forças para resistir ao golpe!

Alzira estremeceu.

— Infeliz... balbuciou ella.

Arthur Bouvier tinha-se aproximado do Dr. Cobalt, e disse-lhe pousando-lhe a mão no hombro:

— Pode ficar tranquillo, meu amigo, que o innocente Angelo não conservará por muito tempo as suas pennugens de anjo. A questão foi pôr o nariz á primeira vez fóra do convento, ainda que para prégar sermão; respirou este ar de Pariz, está prompto! está perdido! Um atomo d'esta complicada atmospherá, composta da exhalação de todos os luxos e de todas as misérias, de todas as febres e de todas as paixões, é o bastante para revolucionar-lhe o espirito e corromper-lhe o corpo até á medula. Além de que, o rei, com certeza, já o tem de olho, e não deixará escapar uma joia tão rara; é natural que a cobice para a sua côrte. Não dou muito tempo para vermos o tal santinho de olhos bonitos entrando para o quadro da capella real, com uma boa sinecura e um bom ordenado que lhe chegue para ter carruagem e para pagar uma gentil preceptora, encarregada de completar-lhe a edu-

cação. E juro-lhe que essa terá tanta paciência e tanta solicitude, quanta teve o santarrão do velho Ozéas, mas para lhe ensinar aquillo justamente que este lhe não quiz revelar...

— E não será difficil encontrar quem se queira encarregar de completar-lhe a educação... observou Sophia; porque, segundo a opinião geral, o tal anjo de pureza é notavelmente sympathico...

— Sim, tornou Cobalt, mas para isso era preciso que o « Santarrão, » como disse aqui o nosso Bouvier, não estivesse de olhos bem abertos.

— Ora! oppoz Margarida por detraz do seu leque; o velho Ozéas tem mais de setenta annos! Já deve estar com a vista curta...

— E as pernas tropegas... accrescentou Gabriella.

— E não viverá eternamente... completou Sophia. Se o santinho não tiver por si outra guarda, póde ir desde já resando por alma da sua virginal capella!...

— Sim! apoiou o conde. Não ha duvida que está ahi, está cantando a primeira missa e entrando logo em seguida para a capella real. E ha de fazer carreira!

— Pois engana-se, caro conde, acudiu o doutor; engana-se redondamente. Angelo não entrará para o quadro da capella real, posto que o rei já o convidasse. O velho Ozéas tenciona car-

regar com elle para Roma, depois para Jerusalem, com o fim de alargar-lhe quanto possivel o cabedal das suas luzes; e, quando o rapaz estiver bem homem, bem forte, completamente desenvolvido, então o velho Ozéas o atirará sobre Pariz, oppondo o discipulo como um terrivel protesto vivo contra a grande e desenfreada decadencia moral dos nossos tempos. Conta que a lucta se travará um dia afinal, tremenda e sem treguas. De um lado, o invencivel apostolo, fechado na armadura da sua virtude e armado até aos dentes com toda a sua sabedoria divina; do outro lado, Pariz, Pariz friamente inabalavel nos seus vicios e na sua libertinagem, Pariz crapula, Pariz abjecção, Paris lodo!

— Ah! essa lucta ha de ser fatal! disse Arthur Bouvier no meio do silencio dos outros.

— Não! accrescentou o materialista, perdendo por um instante a sua fleugma natural e deixando escapar dos olhos uma estranha scintillação, que lhe transformou o ar bondoso da physionomia. Não ha de ser com supplicas e sermões que a França se resgatará, mas a metralha, a canhão e a ponta de bayonetas!

— A sangue?! exclamou o conde.

— Sim, a sangue... confirmou o medico, sacudindo a cabeça.

E calaram-se.

O sorriso havia desaparecido de todos os

labios; as mulheres tinham desmaiado de côr ligeiramente.

Cobalt accrescentou em voz cava, como se fallasse comsigo mesmo:

— O que talvez não esteja longe!...

E um indeciso sobresalto agitou-lhes o sangue e opprimiu-lhes vagamente o coração, nem que n'aquelle momento entrasse alli, como um sopro presagioso, agitando as cortinas da sala e empallidecendo a luz das vélas, um clarão vermelho vindo das bandas septentrionaes da America.

Era o anhelito da revolução que se aproximava lentamente da França.

Se prestassem ouvidos, quem sabe? talvez escutassem um surdo ruido subterraneo: Diderot e d'Alembert abriam já a sua mina por debaixo da terra, para depois Voltaire lançar-lhe fogo.

Só Alzira não parecia sobresaltada. Encaminhando-se para o Dr. Cobalt, tomou-o pelo braço, afastou-o para um canto da sala e perguntou-lhe, reclinando no hombro d'elle a sua formosa cabeça:

— Já sabe qual é o dia marcado para a missa nova do padre Angelo?...

— Segunda-feira.

— Onde?

— Em Notre-Dame.

— Quer ir commigo?

— Com mil desejos, minha encantadora amiga.

— Obrigada. Iremos juntos.

VIII

FULMINAÇÃO

No dia marcado para a missa nova de Angelo, a cathedral de Pariz, onde devia ella effectuar-se, começou, desde muito cedo, a encher-se de gente de todas as classes, desde a mais alta até á mais baixa camada social.

Iria o rei, e com elle lá estaria, sem duvida, a côrte em peso. A côrte arrastaria o que de mais brilhante houvesse no alegre circulo das loureiras; estas, por sua vez, chamariam atraz de si um mundo de namorados, de poetas, de artistas e folgasões, aos quaes acompanharia espontaneo o povo, sempre curioso e avido de festas.

N'um dos longos corredores lateraes da sacristia, corredor abobadado e feito todo de pedra, o Dr. Cobalt conversava tranquillamente com um padre velho chamado Azarias, e com um sacristão que se mostrava muito enthuziasmado com a escandalosa e original fortuna do seminarista.

O medico não tinha perdido a sua calma habitual; dir-se-hia que elle estava alli mais para observar do que para se divertir. Com os seus

frios labios sempre contrahidos, parecia abstracto e afagava o queixo escanhoado, cheirando de vez em quando uma pitada. O sacristão, esse não ficava quieto um só instante, ía e vinha de carreira, furando por toda a parte, e procurando saber quem entrava na igreja.

— Chih! exclamava elle esfregando as mãos defronte do padre Azarias. Que furor! Que furor! Não imaginam que de gente cada vez mais chega, para assistir á missa nova do discipulo de frei Ozéas! Já vi a Sra. marqueza de Vandenesse e a sua encantadora irmã; a Sra. De Conti, a Sra. condessa de Laranguais, de quem dizem que o rei...

E interrompeu-se para declarar, dando um salto e apontando para uma das portas por onde se via quem chegava:

— Olhem! Olhem! alli vai o poeta Boufflers!... vai com o conde de Saint-Malô e com o cavalheiro Arthur Bouvier. Agora entrou a Sra. marqueza de Tournelles!

— Ora! disse Azarias. Pois se até a rainha, que agora pouco sahe á rua, aposto que ha de vir!...

O sacristão, depois de nova carreira e novo esfregar de mãos, veio segredar quasi ao ouvido do padre:

— E veiu tambem, reverendo, o que ha de mais espaventoso entre o mulhero pariziense!...

— O' maroto! resmungou o velho sacerdote.

Alguem aqui te perguntou por isso? Anda! Sai de junto de mim, tinhoso!

O sacrista voltou-se então para o medico, e disse, contando pelos dedos:

— Está ahi a fallada Duthê, com o seu eterno vestido côr de rosa e com o seu actual amante, o duque de Durfort! Está ahi Sophia Arnould com o seu cãozinho — o duque de Chartres!

— Não te calarás?! bradou o padre velho, tornando-se vermelho.

O sacrista não fez caso e continuou, dirigindo-se ao medico, como se este lhe dêsse attenção:

— Vieram tambem as Berrière, com as quaes confesso que embirro solememente, a Dervieux, de quem eu cada vez mais gósto, a Guimard, a Cleophile, e, mais bella que todas, mais seductora e mais diabolica, a celebre condessa Alzira, a mulher mais insensivel de Pariz! veiu com o seu amante d'estes ultimos tempos, o marquez de Florans!

— Este sacristão é entendido no genero!... observou o materialista a rir-se.

O padre resmungou, em resposta, coçando a calva:

— Ah! Pariz! Pariz das Pompadours!...

— Tambem acaba de chegar! exclamou o endemoninhado sacristão. Está na primeira tribuna da esquerda, com o principe de Henin e o conde de Aranda.

O velho tornou a coçar a cabeça e disse com azedume:

— Não sei que tem a cheirar na casa de Deus semelhante gente!... Mas que quer? Fizeram d'esta missa um divertimento! O culpado é o rei. Aposto que está ahí tambem o duque de Fronsac, esse maldito libertino, que herdou todos os vícios de seu pai, o cardeal de Richelieu, sem herdar nenhuma das virtudes! Vem ao faro das aventuras, o desavergonhado!

— E o que ahí está de homens illustres... observou Cobalt ao ouvido do padre. Já avistei Favart, Gentil Bernard, Condorcet, Luchet, Fréron, d'Alembert, Diderot, Beaumarchais, Mally, Lavoisier...

— Este seminarista, declarou o outro, é com effeito de uma fortuna inacreditavel! Creia, meu doutor Cobalt, que nunca vi tanta gente bôa reunida n'uma igreja para ouvir missa! E uma missa nova! E' extraordinario!

Mas Angelo n'esse momento saltava do carro para entrar com Ozéas na porta lateral da sacristia, e um rumor geral se levantava provocado pela sua chegada.

O Dr. Cobalt afastou-se de carreira, a ver se arranjava um logar na capella, em que devia ser a iniciação do adorado presbytero.

A capella, sumptuosamente preparada para a cerimonia, refulgia, fulgurando de luzes e de ouro, de alvas rendas preciosas, brilhantes colgadas

de damasco e riquissimas alfaias de mil côres.

Grande esplendor! Grande riqueza! Grande deslumbramento!

O altar-mór, onde Angelo ia celebrar, parecia sahir de dentro de um immenso ramalhete, tão grande era a profusão de rosas, que as damas lançavam nos seus degrãos á medida que iam chegando.

As tribunas regorgitavam de mulheres luxuosamente vestidas, e venustamente decotadas á moda caprichosa do tempo. Viom-se formidaveis penteados, em que scintillavam diamantes por entre perolas e plumas de crystal finissimo.

Legros, então o mais querido entre os mil e duzentos cabelleireiros do bom tom, passára tres noites em claro a aviar toucados, sem conceder mais de dez minutos a nenhuma cabeça, e occupando sob suas ordens, n'aquelles ultimos dias, mais de quinhentos ajudantes.

E toda aquella gamenha gente, com as suas fantasiosas roupas de sedas multicôres; as mulheres de saia e *panier* á Pompadour; os homens de casaca *á la Ramponneau*, com as suas cabelleiras empoadas, de tres e quatro canudos, *á la Sartines*, grandes bofes de cambraia, chapéo de tres bicos debaixo do braço e florete á cinta; toda essa gente, agglomerada, sussurante e irrequieta, apresentava, no interior d'aquella austera e formosa cathedral, o folião e brilhante aspecto de um luxuoso carnaval de côrte.

Conversava-se e ria-se.

Mas, de repente, calaram-se todos e todos se agitaram. Os que estavam assentados puzeram-se rapido de pé.

Era o rei que chegava, acompanhado por sua pomposa comitiva.

Com um gesto frio e distrahido Luiz XV fez um ligeiro cumprimento de cabeça, e deixou-se cahir na cadeira á frente da real tribuna, cruzando as pernas negligentemente e bocejando de tedio.

O olhar que elle lançou para os sorrisos e para as reverencias, que de todos os lados o receberam, foi um pallido olhar de desdem e cansaço. A ceia da vespera devia ter sido prolongada.

Ouviram-se, então, do lado do côro, as primeiras notas, severas e plangentes, do orgão.

Ia começar a missa.

Algumas pessoas preparavam-se já para a contrição. Muitos ajoelhavam, de mãos postas e cabeça baixa. O silencio estendia-se respeitoso. Vieram do alto vozes de cantores, e o vermelho cabido respondeu cá de baixo, tambem cantando, junto ás suas estreitas cadeiras de alto espaldar de madeira negra.

Angelo, ricamente paramentado com as vestes talaes com que o presenteára o rei, tinha chegado ao altar, e, d'entre uma nuvem de incenso, erguia-se no extasis da sua oração, com os bra-

ços abertos, os olhos póstos na doce imagem de Christo crucificado. Estava bello como um joven Deus!

Assim, nos seus sumptuosos damascos bordados, parecia um anjo todo vestido de ouro. E o seu formoso rosto era bem o rosto de marfim, de que fallava na biblia a triste e voluptuosa filha de Jerusalem, decantando o seu amado.

Ozéas servia-lhe de acolyto. E a sua curva figura, detraz d'aquelle moço, lembrava, no tremulo arrebatamento da contrição, o vulto de um velho rei louco, irmão de Leer, guardando com os olhos anciosos o seu lindo principe desejado por todas as mulheres.

E, com effeito, sobre Angelo, de todas as tribunas, desciam raios de tentação.

Alzira fitava-o como uma serpente paradisiaca.

A missa, entretanto, seguia o seu curso, inalteravelmente, por entre o vago murmurio dos collos que arfavam, não de piedade, mas de desejo e de amor.

Mas, quando Angelo, terminado o divino sacrificio, erguia o olhar pela derradeira vez, procurando o céo, seus olhos de repente se fecharam fulminados, e todo o seu corpo estremeceu da cabeça aos pés.

Em vez do céo, seus olhos tinham encontrado o olhar de Alzira.

Ozéas, soltando um grito, correu para elle, tomou-o violentamente nos braços, escondeu-lhe

a cabeça entre as suas mãos tremulas, tapando-lhe o rosto contra seu peito.

E ficou por longo tempo a fitar, ameaçadoramente, a linda cortezã.

A multidão precipitou-se para junto dos dous electrizada de curiosidade. Todos queriam saber no mesmo instante o que havia acontecido.

Mas os sinos começaram a repicar alegremente; a orchestra tocava já uma musica profana; nuvens de incenso ergueram-se de novo. A missa estava terminada.

E Angelo, sem levantar a cabeça do collo de seu pai, afastou-se do altar e sahiu da capella, vagarosamente, arrastando os pés como um cego.

Não se lhe ouviam os soluços, mas todo o seu corpo se agitava nas couvulsões do choro.

IX

UM OLHAR DE MULHER

Angelo de volta da igreja, assim que se achou no carro a sós com Ozéas, abriu a soluçar, n'uma convulsa explosão de todo o seu ser.

Não podia, entretanto, determinar o que se passava em sua alma. Era uma agonia estranha e dolorosa, que a revolucionava sem dizer porque; um intimo martyrio, feito de vagas apprehensões, que a atordoavam de terror por imminentes e desconhecidos perigos.

Sem ter a menor idéa da vida commum, sem desconfiar sequer do maravilhoso effeito que o seu sermão de quinta-feira santa produzira sobre o publico, que poderia o misero comprehender de todo aquelle ruidoso enthusiasmo que o cercára, e de todos aquelles ávidos olhares feminis que o devoraram de curiosidade?

Seu proprio nome, ouvira-o elle repetido por tantas bôcas ao mesmo tempo, que agora lhe chegava á memoria como o estribilho de uma singular canção, fallada em lingua alheia.

Ozéas, a seu lado, meditava sem erguer a cabeça, recolhido em profunda preocupação.

Não deram ambos uma só palavra durante a viagem, até chegar ao mosteiro.

Entraram na cella como duas sombras.

O presbytero foi direito ao altar da Virgem, cahiu de joelhos defronte d'ella e quedou-se a fital-a, enquanto as lagrimas lhe escorriam pelo rosto, agora silenciosamente.

Depois ergueu-se e começou a considerar, abstracto, tudo que o cercava alli, como se visse aquelles objectos pela primeira vez.

E tudo aquillo nunca lhe pareceu tão miseravel, tão ermo e turvo, como n'aquelle instante. Aquella dura prisão, onde surdamente se escoára a sua triste mocidade, nunca lhe pareceu tão árida e tão mesquinha. Aquellas núas paredes, empallidecidas pelo tempo, nunca lhe pareceram tão apertadas, e aquelle sombrio tecto, tão baixo e tão suffocante.

Olhou longamente para as suas velhas estantes carregadas de pesados livros religiosos, olhou para a sua tosca e tranquilla meza de estudo, para a sua pobre enxerga de condemnado, e ficou a considerar o cilicio pendido da parede junto ao altar da Virgem.

Ozéas observava-o, immovel até ahi, de braços cruzados, com uma inconsolavel e funda expressão de mágua no olhar.

Afinal, foi ter com elle, e tocou-lhe no hombro. Angelo despertou sobresaltado.

— Então, meu filho, disse o velho com voz segura; continúa a tua perturbação?...

Angelo não deu resposta.

— Vamos! Falla!

— Sim, meu pai, tartamudeou o pobre moço, volvendo para elle os olhos innocentes. E peço-lhe que me deixe a sós; preciso concentrar-me, até voltar á minha primitiva tranquillidade...

O velho insistio, segurando-lhe as mãos e fitando-o, como se procurasse arrancar-lhe pelos olhos a confissão da revolta que lhe ia n'alma.

— Mas como explicar semelhante perturbação?... exclamou elle. Pois então jústamente hoje, hoje que tua alma devia, melhor que nunca, resplandecer de santo jubilo; hoje, que déste o teu ultimo passo para chegar ao coração da igreja; hoje, que déste o teu supremo voto; hoje é que te sentes conturbado e afflicto?!... Como explicar semelhante anomalia?!...

— Não sei... não sei... balbuciou Angelo. Deixe-me ficar só, meu pai! Deixe-me conversar com a minha pobre alma!...

— Mas tu nunca faltaste a nenhum dos teus deveres... tornou o frade. Tu nunca peccaste, por palavras, nem por obras, nem por pensamentos... tu, que foste por bem dizer educado pela mão de Deus, porque até hoje te não afastaste uma linha do seu divino ritual... tu, que não tens sequer a idéa da culpa... tu, que és tão innocente e tão puro como no dia em que te trouxe em

meu collo para este convento... tu, que viêste das mãos de Deus para as minhas, e das minhas tornaste hoje directamente para as mãos de Deus... porque tremes agora e porque me olhas d'esse modo, Angelo?!

— Não sei, não sei, meu pai!

E Angelo, como se receiasse a traição dos proprios olhos, sentou-se no banco e escondeu o rosto nas mãos.

Ozéas chegou-se mais para elle e disse, depois de contemplal-o em silencio por algum tempo:

— Acaso estará o demonio a cercar-te, cubiçoso de tua alma tão branca e tenra?... ou a tua perturbação será causada pelo echo profano d'essa capital que te admira e te acclama, e cuja multidão só hoje atravessaste pela primeira vez?...

Angelo ergueu-se e descobriu o rosto.

A sua physionomia tinha-se transformado.

— Não sei! exclamou. Não posso explicar o que sinto, o effeito que me produz o confuso rumor que ouço em torno de mim!... Não posso determinar qual é o facto que me perturba, qual é o ponto de onde me vem esta agonia, mas sinto-me espavorido e frio, como se estivesse abandonado sobre o pincaro de um rochedo nú, em torno do qual se agitassem todos os mares do globo. Sinto em derredor do meu cerebro o terrível vozear d'esse interminavel oceano... E não

arruido das suas vozes ameaçadoras, ha como que a repercussão de um inferno suffocado pelas aguas! Afigura-se-me a cada instante que o oceano se vai abrir defronte dos meus olhos, e que então o inferno apparecerá com as suas guelas de fogo, prompto a devorar-me. Não comprehendendo, nem distingo uma só d'essas vozes, não consigo destacar uma palavra ou uma nota musical de todo esse murmurar de espectros, não sei o que é que me preoccupa e consterna, mas sinto a alma pequena e transida de medo, como se em volta d'ella girasse rosnando um bando de leões esfaimados!

E lançando os braços em torno do pescoço de Ozéas, terminou com uma explosão de soluços, deixando cahir a cabeça sobre o peito d'elle.

— Não sei o que me cerca! não sei o que me ameaça! Mas tenho medo, meu pai! Tenho medo! Salve-me, por piedade!

— Tens medo?! bradou Ozéas. Entretanto, hoje não devias ouvir, nem vêr, nem sentir outras vozes que não fossem as vozes do céu! Tua alma devia estar toda voltada para elle e só a elle reflectindo, como um grande lago quieto, crystallino e limpido, cuja superficie não tolhasse sequer a aza de uma abelha...

— Bem sei, bem sei, meu pai! soluçou Angelo; mas, a despeito dos meus esforços, outras vozes vinham ainda ha pouco misturar-se ás vozes celestiaes, outros perfumes perturbavam os aromas

da igreja, outras idéas distrahiam minha alma, outro sangue me pulsava em todo o corpo! Afigurava-se-me até ter dentro do peito outro coração que não o meu, dentro do cerebro pensamentos que me não pertenciam!

Ozéas, ouvindo estas palavras, teve um forte sobresalto de terror, e apossou-se de Angelo como se o quizesse resguardar do mundo inteiro.

— Oh! bramiu elle, aterrorisado. E' preciso que fujas, quanto antes, d'este covil de tentações diabolicas! E' preciso deixar Pariz, immediatamente, já! E' preciso que te refugies na parochia mais humilde, mais pobre, mais miseravel, e onde só possas encontrar sacrificios e dôres a sofrer! E se ahi mesmo, arredado de tudo que fôr brilhante e fascinador, isolado das perdições mundanas, approximar-se outra vez de ti o demónio e fizer com que o sangue te volva ao cerebro, ameaçando estrangular os teus votos sagrados, então agarra aquelle cilicio e fustiga e martyrisa com elle a tua carne, até que a faças calar para sempre!

E, chegando-lhe a bôca ao ouvido, segredou-lhe mysterioso, a tremer, a tremer, convulsionadamente, como se n'aquelle instante todo o seu passado se erguesse de novo, para vir, ainda, como dantes, pedir mais punição para os desvarios da sua juventude:

— E se, apezar de tudo, encontrares alguma mulher, que te leve a sonhar estranhas venturas... bate com os punhos cerrados contra o

peito, dilacera as tuas carnes com as unhas, até sangrares de todo o veneno da tua mocidade! Esmaga, á força de penitencia, toda a animabilidade que em ti exista! aperta os teus sentidos dentro do voto de ferro da tua castidade, até lhes expremeres toda a seiva vital! Fecha-té, enfim, dentro do teu voto de castidade, como se te fechasses dentro de um tumulo!

Angelo soltou um grito e cahiu de joelhos, balbuciando uma prece por entre os seus soluços.

Ozéas acalmou-se e estendeu o braço, abençoando-lhe a cabeça com a mão aberta.

— Sim, reza! disse; reza, meu filho, ao pai misericordioso o maior tempo que pudéres!

E depois accrescentou, inspirado por uma súbita idéa:

— O velho cura de Monteli acaba de succumbir á peste que se manifestou n'essa pobre aldeia. Vou ter com o arcebispo e peço-lhe que te nomeie para lá. Em Monteli não terás tentações!

E sahio vivamente, enquanto Angelo, ajoelhado ao meio da cella, de braços abertos e olhos erguidos para o céo, em vão procurava alar-se como d'antes no vôo dos seus extasis.

Era inutil. Seu pensamento cahia por terra e ia arrastando-se até á esplendida cathedral, á procura de um bem, em busca de uma ventura, que elle não sabia qual era, mas tão doce e tão irresistivel, que lhe deixava alma e coração vagamente enleados de desejo.

Angelo não conseguira concentrar-se.

— Mas que estranha perturbação será esta?... exclamou elle, desistindo da súplica e erguendo-se dos joelhos. Que teria eu feito para estar assim?... Que teria eu commettido, sem consciencia minha, para que a oração já não exerça no meu espirito a efficacia consoladora que tinha d'antes?...

E nada respondia ás suas palavras anciosas. E em torno da sua afflicção era tudo cada vez mais surdo, mais fechado e mais morto. Voz amiga não lhe acudia nenhuma em seu soccorro, quer viesse ella de dentro d'elle mesmo, quer baixasse do céo para amparal-o.

O misero lançou em torno do seu abandono os olhos supplicantes, e deu com a Biblia.

Correu a buscal-a, tomou-a nas mãos sofregamente, levou-a aos labios e beijou-a.

— Minha boa amiga! disse apertando-a contra o peito; minha fiel companheira de tantos e tantos annos! foste tu a minha doce consolação, o meu refugio carinhoso, o meu confidente, o escriptorio das minhas primeiras lagrimas e dos meus

ultimos sorrisos; foste tu a discreta testemunha dos meus extasis e o grande manancial das minhas alegrias religiosas, vale-me tambem agora! vale-me tu, que me abrigaste durante o longo tempo, em que vivemos os dous encerrados com as minhas magoas n'esta prisão sombria! Ah! como eu era então feliz!... como tinha a alma tranquilla e descuidosa!... Vale-me, amada minha, que talvez consigas o que a oração não pôde!

E, sentando-se no banco, abriu a Biblia sobre os joelhos e leu, ao acaso, alguns versiculos do primeiro capitulo que seus olhos encontraram.

Era o livro de Job.

« A minha alma tem tédio á minha vida; soltarei a minha lingua contra mim; fallarei na amargura de minha dôr desconhecida.

« Direi a Deus: As tuas mãos me fizeram, e me formaram todo em roda, e assim de repente me despenhas?

« Lembra-te, eu te peço, que com barro me formaste, e que me has de reduzir a pó.

« Vida e misericordia me concedeste, e a tua assistencia conservou o meu espirito.

« Se eu pequei, tu me perdoaste na mesma hora; porque não permittiste tu que eu esteja limpo da minha iniquidade?

« Tu multiplicas contra mim a tua ira, e as penas combatem contra mim.

« Porque me tiraste tu do ventre de minha

mãe? Oxalá que eu tivesse perecido, para que nenhuns olhos me vissem. Que tivera sido como se não fôra, desde o ventre trasladado para a sepultura.

« Deixa-me, pois, que eu chore um pouco a minha dôr:

« Antes que vá para não tornar para aquella terra tenebrosa, e coberta da escuridade da noite. Terra do miseria e de terror. »

Mas o seu espirito rebellado fugia da pagina da Biblia, e punha-se a cantar-lhe ao ouvido as palavras do velho Ozéas: « E, se apezar de tudo, encontrares alguma mulher, que te leve a sonhar estranhas venturas... »

Angelo estremecia, tornava á pagina e punha-se a ler. Mas aquelles lamentosos versiculos, que d'antes o arrebatavam para Deus, agora nada mais conseguiam do que deixal-o n'um vago entorpecimento de desanimo.

E vinha-lhe uma frouxa vontade de morrer, ou pelo menos de envelhecer logo, de repente, alli mesmo; um desejar que seu corpo se fizesse de subito alquebrado e frio, que seu cabelo, de preto e lustroso, se tornasse branco e desbotado, que os seus dentes amarellecsem, e que a sua fronte se despojasse n'aquelle mesmo instante, e abrisse toda em rugas.

Desejava refugiar-se covardemente na velhice, como dentro de um abrigo seguro contra a feroz matilha que lhe rosnava no sangue. Mas

a mysteriosa phrase de seu pai vinha-lhe de novo á superficie dos pensamentos, furando e abrindo caminho por entre todas as outras idéas.

« E, se, apesar de tudo, encontrares alguma mulher, que te leve a sonhar estranhas venturas, bate com os punhos cerrados contra o peito, dilacera as tuas carnes com as unhas, até sangrares de todo o veneno da tua mocidade! »

— Mas que estranhas venturas serão essas que as mulheres nos levam a sonhar?... interrogou-se elle, erguendo o rosto e cruzando as mãos sobre a pagina da Biblia. Então a mulher não é tambem uma creatura de Deus?... um ente, tão abençoado e protegido por elle, que até foi por elle escolhido para servir de mãe a seu filho Jesus?... Pois tão grande honra se concederia a um ente desprezível, posto n'este mundo só para tentar os justos e desvial-os do caminho da virtude?... Se a mulher é má, porque existe?... Se existe, porque Deus a fez má e perigosa?... Porque me é vedado ama-la tanto quanto me cumpre amar aos homens?... A ella ainda devia amar muito mais, porque é mais fraca, mais mesquinha, mais amorosa e mais desamparada. Por que não devo amar as mulheres?... Não serão minhas irmãs?... Não seremos todos filhos do mesmo pai?...

Fechou os olhos, como se quizesse fugir a estes pensamentos; mas a idéa da phrase de Ozéas alastrava-lhe pelo cerebro, estrangulando todas

as outras, que nem a planta egoista e damninha que não permite viver e crescer a seu lado nenhuma outra planta.

— Se a mulher é producto dos infernos... continuou elle a pensar; todos temos em nós um pouco de Deus e um pouco do demonio, porque todo o homem nasce, tanto do homem como da mulher. Não comprehendo bem este phenomeno do nascimento... nunca m'o explicaram... Mas sei que o homem nasce da mulher, como Jesus nasceu do ventre de Maria... Não m'o explicaram, e todavia ensinaram-me a odiar a mulher... Porque?...

N'isto, entrou na sombria cella um alegre casal de borboletas brancas, e começou a cruzar-se no ar, doudejando em volta da cabeça de Angelo. Depois uma d'ellas, emquanto a outra a perseguia, foi pousar tranquillamente na amarellenta pagina da Biblia, que elle conservava aberta e esquecida sobre os joelhos.

O presbytero pôz-se a fital-a. A borboleta fugiu para o tecto, á procura da companheira, e elle a seguiu com a vista.

— Um casal de borboletas!... disse consigo. Duas!... Um par!.. E porque duas?... Porque andam juntas? Porque não veio uma só?...

Ellas interromperam de novo o seu aereo e irriquieto idyllio, e foram pousar, uma ao lado da outra, na pequena cruz latina que encimava o oratorio da Virgem.

Angelo continuava a pensar:

— Se o sexo é uma immundicie condemnada por Deus, porque Deus então fez as suas creaturas aos pares, e porque fez o sexo?... Porque os homens não continuam a nascer como Adão e Eva?... « Por castigo » diz a Escriptura Sagrada... Logo, a procreação não é um bem, é um mal; logo, o mundo inteiro é um purgatorio, e a vida um tormento!...

As borboletas começaram de novo a doudejar no espaço.

— E estas desgraçadinhas, interrogou Angelo a si mesmo; estas tambem peccaram no Paraiso, para que Deus as obrigasse a viver e procrear?...

As borboletas, redobrando de impaciencia, iam e vinham por toda a cella, á procura de uma sahida.

O padre compadeceu-se d'ellas e quiz dar-lhes o ar livre. Foi abrir a janella, mas encontrou resistencia; os gonzos oxidados não queriam acordar do seu ferruginoso somno de vinte annos. Angelo empregou toda a força e conseguiu afinal abril-a.

Um jacto de luz alegre e cantante inundou a fria prisão. Um mundo de vidas patenteou-se no ar, á doiradora claridade que vinha lá de fóra.

O presbytero correu ás grades da janella.

— Que bello! Que bello! exclamou elle, deffrontando com a extensa paizagem que se des-cortinava aos seus olhos deslumbrados.

Estava a uns cem metros de altura. O ponto de vista era esplendido. Primeiro, o grande parque do convento, todo cercado de altos muros; depois, as ruas da cidade, as praças e os jardins, e logo em seguida o Sena, coberto de barcos, e afinal as longinhas arvores do campo, que se perdiam suavemente nas tintas duvidosas do horisonte.

— Que bello ! Que bello !

E vendo o casal de borboletas, que fugia espaço a fóra :

— Oh ! Como vão ligeiras... Como brincam no espaço... Agora dizem um segredo... Vão de novo... Desapparecem...

Abaixando o olhar, descobriu sobre um telhado um casal de pombos que arrulhava.

— Como são lindos ! pensou. Como são brancos e amorosos ! Agora se beijam ! Que bello ! Que bello !

Na rua descobriu um homem de braço dado a uma mulher, levando elle um pequenito pela mão.

— São casados !... A criança parece-se com ambos !... Oh ! agora conversam... elle tomou as mãos d'ella entre as suas ; ella sorri, abaixa os olhos... São felizes !

Afastou-se bruscamente da janella. O espectáculo d'aquella tranquilla ventura fazia-lhe mal, e quasi que o irritava.

Não sabia dizer porque, mas um intimo e profundo malquerer, contra tudo e contra todos,

principiava a tortural-o com uma dura e secreta agonia de inveja.

— São felizes ! são felizes ! soluçou de punhos cerrados e com o coração opprimido. E por que hão de elles rir e eu chorar ! Qual é o meu crime ? ! Por que todos n'esta vida têm uma companheira e eu não a posso ter ? ! Porque hei de ser só, eternamente só, quando a natureza deu um par a cada uma das suas creaturas ? !...

Mas cahiu logo em si, e derramando pela cella um olhar de quem desperta de traiçoeiro sonho, deu com a imagem da Virgem, que, de dentro do seu nicho de pedra, parecia lançar-lhe um triste sorriso de resentimento.

— Não ! bradou elle, atirando-se de joelhos e arrastando-se até aos pés da Santa. Não estou só ! nunca estarei só ! Sou um padre e a minha esposa sois vós, Senhora amorosissima, lyrio celeste, perfeição dos céos ! Perdoai-me, se por um instante de delirio me esqueci do nosso amor !

E correndo á janella, bramiu, ameaçando lá para fóra, com a mão fechada :

— Oh ! Bem te comprehendo, natureza perfida e seductora ! bem comprehendo os teus embustes ! E's peor ainda que a tua rival, a sociedade ! Mas em vão te enfeitas com as tuas galas e com os teus sorrizos de amor ! Não me seduzirás, pantano de lama coberto de flôres ! Não me corromperás, porque tenho n'alma bastante energia para governar os meus sentidos, e tenho e meu coração

cercado por uma muralha de fé! Atira-me aos pés o ouro do teu sol, atira-me o perfume das tuas flôres, o mel dos teus fructos, o mysterio dos teus crepusculos, a musica das tuas florestas, os deslumbramentos das tuas auroras! tudo será baldado! Hei de resistir a todas as tuas provocações! hei de lutar contra todos os inimigos da minha pureza, e, ou cahirei morto, ou hei de supplantal-os a todos, um por um!

E sentindo-se arrebatado no delirio da sua fé, bradou como um louco:

— Venham! Venham, filhos do inferno! Podem vir todos, que me encontrarão armado e de pé firme!

Em seguida atirou-se de novo aos pés da Virgem e começou a resar fervorosamente.

Quatro horas depois foi surprehendido pelo velho Ozéas, que lhe bateu no hombro.

Angelo voltou para elle os olhos desvairados.

— Amanhã, disse aquelle, partiremos de madrugada para Monteli.

— Estou ás suas ordens, meu pai.



XI

ANGELO AMEAÇADO

Era a antecâmara da formosa Alzira rigorosamente posta ao caprichoso gosto da época.

Guarneciam-na moveis de madeira esculpida e pintada de branco, com arabescos de ouro, que variava entre o fusco e o luzente, formando torturados desenhos de ornato. Pombas aos pares e anjinhos rechonchudos serviam de adorno ás guarnições das portas. Sobre peanhas e cantoneiras havia jarras de Sèvres, com pinturas assignadas, em que se viam pastores enfeitados de fitas azues e côr de rosa, na cinta, nos joelhos, no pescoço e nos tornozelos, tocando avena e fruta, ao lado de roliças raparigas de saia curta listrada, com sobre-saia de tufos de seda clara, chapéo de palha, coberto de flôres, uma corbelha enfiada no braço, sapatinhos quasi invisiveis, e um dos peitos á mostra, branco e levemente rosado, como trémula gotta de leite sobre uma petala de rosa.

As cortinas de estofa alvadio, adamascado de prata, eram arrepanhadas ao meio por grandes florôes de pennas multicôres.

Os espelhos tinham cercaduras de florinhas de porcellana, primorosamente acabadas e coloridas com muita arte. Era uma recordação do luxo de Luiz XIV.

Em cima do fogão, dourado quasi todo, havia um grande relógio de Boule, tirado por leões de ouro, entre varias lampadas e espevitadores tambem de ouro.

Nas paredes, forradas de uma tapeçaria azul celeste, destacavam-se suavemente, por cima das portas e contornando os moveis, desenhos do mesmo azul um pouco mais escuro, representando allegorias pastoris.

Prendiam a tapeçaria cordões de arame de prata entrançado, com grandes nós de espaço a espaço, terminando em amplas borlas do mesmo metal, que afinavam admiravelmente com os bordados das cortinas.

O tapete era felpudo e azul sombrio, á moda dos voluptuosos tapetes da Turquia. Os batentes das portas eram forrados de velludo côr de perola e fechavam como tampas de estojo.

Alzira, ainda em penteador, estendida negligentemente n'um divan fofo e rasteiro, fumava uma doirada cigarrilha oriental, e acompanhava distrahida as espiraes do fumo com as palpebras semi-cerradas.

O relógio marcava meio-dia. Ella acabava de levantar-se do leito, onde fizêra a sua refeição

da manhã: uma pequenina chicara de chocolate e dous biscoitos de Reims.

Um rico dominó de seda negra, arremessado sobre uma cadeira, e uma meia mascara cahida sobre o tapete, diziam que n'essa madrugada se recolhêra ella depois de um baile; e um pobre lenço de rendas preciosas, que jazia a um canto estراçalhado em tiras, denunciava todo o frenezido tédio com que a linda condessa, á volta do baile, entrára nos seus aposentos.

Mas agora, sósinha, no perfumado e tepido remanso da sua antecamara, parecia já esquecida dos aborrecimentos da vespera, alheia a tudo que a cercava, e só entregue e abandonada, voluptuosamente, á memoria do venturoso sonho d'essa manhã.

Pensava em Angelo. Via-o em meio dos esplendores da igreja, cercado de ávidos olhares, surgindo, todo paramentado de ouro, d'entre uma nuvem de incenso. Via-o, formoso e candido, de braços abertos, defronte do altar, com os olhos virginaes voltados para o céu. Via o tremulo sorrir da sua bôca de anjo, via o melancolico balancear dos seus negros cabellos meridional. Tinha-o todo inteiro e todo vivo defronte da sua alma, pela primeira vez enamorada; tinha-o alli, defronte d'ella, com a sua mysteriosa pallidez de flôr de estufa; tinha-o com aquelles labios tão divinos e tão puros, com aquelles gestos donairosos e tranquilllos, com-

aquella voz embriagadora, que parecia sahir de uma garganta de crystal e sandalo.

Tinha-o todo inteiro, e sentia-lhe até os perfumes do damasco da sua vestimenta, o aroma do seu halito e o balsamo dos seus cabellos.

E Alzira espreguiçou-se com um profundo suspiro, de olhos fechados e labios entreabertos, dilatando e pescoço, como se procurasse alcançar com a bôca a sombra de uma outra bôca fugitiva.

E deixou-se cahir sobre a almofada do divan, suspirando de novo, inconsolavel na sua deliciosa magoa de amor.

O que em Angelo a fascinava d'aquelle modo, o que a arrastava para elle tão irresistivelmente, não era, todavia, a singular formosura do pallido presbytero, mas a sua phenomemal pureza de corpo e de alma ; era aquella seductora virgindade, ligada a tão altiva e clara intelligencia.

Ella, que vira rendida a seus pés a fina flôr de espirito pariziense e a flôr brilhante de toda a fidalguia do seu tempo, e que nunca se deixára escravisar pelo ouro dos nababos, nem pela vermelha gloria dos herôes victoriosos, ou pela gloria azul dos poetas endeusados ; ella, que até ahi jamais entregára os pulsos, sequer por um instante, a uma d'essas paixões, que fazem da pessoa amada o dono e senhor exclusivo da nossa vida e dos nossos pensamentos ; ella, a insensi-

vel Alzira, a cortezã de marmore, sentia-se agora captiva de Angelo, o casto; e seria capaz de trocar, por um beijo d'aquelles labios immaculados, todos os seus thesouros, todas as suas joias, todas as suas baixellas e todo o valimento do seu corpo esculptural.

Era a primeira vez que amava, era a primeira vez que todo o seu ser desejava alguém; a primeira vez que ella se sentia pequena, humilde, miseravel, defronte de um homem; a primeira vez que se suppunha capaz de ajoelhar-se aos pés do seu amante e beijal-os doida de amor, pedindo ternura como um cão pede caricias aos pés do dono, supplicando-lhe que a fizesse morrer suffocada nos seus braços, para que fosse d'elle a ultima vibração d'aquella fragil carne de mulher, e d'elle fosse o extremo beijo d'aquella pobre alma apaixonada.

E começou a soluçar.

Era mulher pela primeira vez : pela primeira vez chorava.

D'ahi a instantes, agitou-se o reposteiro de uma das portas, e um negro, de libré vermelha, entrou na antecamara, com os braços cruzados e os olhos baixos.

— Que é, Amilcar?... perguntou Alzira sem tirar o lenço dos olhos.

— O Dr. Cobalt... respondeu o africano com a sua accentuação ethiope.

— Cobalt, sim, póde entrar... E mais ninguem, ouviste? nem o Marquez!

O negro retirou-se. E o medico entrou pouco depois, risonho e prazenteiro como sempre.

Foi logo beijar a mão da condessa e ficou a tomar-lhe o pulso.

— Então?... indagou, olhando-a no fundo dos olhos. O mal tem progredido?

Ella respondeu com um suspiro, e offereceu-lhe um lugar a seu lado no divan.

Cobalt assentou-se e deu um estalo com a lingua.

— Não estou nada contente com isto, sabe?... declarou elle, em ar de paternal censura. No seu melindroso estado de sobreexcitação nervosa, produzida pelo excesso dos prazeres, póde ser-lhe fatal este singular capricho da fantasia, porque nunca poderá ser satisfeito. Angelo, como homem, é um caso perdido... não podemos contar com elle para nada. E receio que esta circumstancia traga perigosas consequencias... Ora, a condessa nunca amou, nunca soffreu esse adoravel genero de loucura; o seu organismo não tem por conseguinte a menor pratica da molestia de que agora se sente atacado, e aquillo que para outra mulher nada valeria, póde n'estas condições transformar-se em cousa muito seria!...

— Mas que hei de eu fazer, meu amigo?

— Oh! Se fosse possivel, receitava-lhe: « An-

gelo em estado simples, duas doses por dia, uma antes e outra depois do somno. E' bom sacudir o remedio antes de o tomar. » E prompto! Afianço que ficaria bôa!

Alzira teve um gesto de impaciencia, e o medico, percebendo-o, tomou-lhe as mãos e disse, como se fallasse com uma criança caprichosa e doente:

— O que ha de fazer?... Ora essa! nada mais simples: evitar semelhante preocupação!...

— E' impossivel!

— Viaje! Vá até á Italia! Corra o mundo inteiro, se fôr preciso; e leve o marquez...

— Não me falle no marquez!

— Aqui é que não convém ficar, deixando-se consumir por um desejo, que naturalmente nunca será satisfeito... Pelos seus olhos, percebe-se que já hoje chorou! E' muito bonito, não ha duvida!

— Não ralhe commigo, doutor!

— Ralho com razão! Sempre lhe perdoei as fantasias, mas...

— Sabe se é verdade o que disseram?

— A respeito de que?

— A respeito d'elle. Parte?

— Sim. E' exacto; parte para Monteli.

— Quando?

— Não sei. Por estes dias.

— Monteli! Irei tambem!

— Está sonhando, condessa?... Monteli é hoje

o lugar de mais peste! Não irá, que não consinto!

— Ha de consentir e até ha de acompanhar-me...

— Eu? ! qual!

— Nesse caso irei só. Vai ver!

E foi ao tympano e vibrou-o.

Reappareceu Amilcar.

— O marquez já está visivel?... perguntou-lhe ella. Vai a vêr, e, se estiver, dize-lhe que faça o favor de vir cá.

Quando d'ahi a pouco o marquez, com a sua desafinada figura de homem muito alto e muito gordo, entrou na perfumada antecamara de Alzira, esta, antes que elle tivesse tempo de apresentar-lhe uma galanteadora phrase de saudação, e antes que elle correspondesse ao cumprimento do Dr. Cobalt, disse-lhe sem mais preambulos e no tom de quem dá uma ordem irrevogavel:

— Meu amigo, de hoje até depois de amanhã o mais tardar, preciso de uma casa de campo nas immediações de Monte: Vá! não se descuide! E' caso urgente!

O marquez contentou-se, na sua surpresa, de fazer uma cara de assombrado.

E sorriu constrangidamente.

O medico tambem sorriu, mas sem nenhum constrangimento.

XII

FLORYS EM TEIAS DE ARANHA

Na subseqüente quinta-feira achava-se no salão de Alzira a roda do costume, e conversava-se ainda a respeito de Angelo e da sua perturbação ao terminar a missa em Notre-Dame, quando Amilcar appareceu para annunciar que a ceia estava servida.

— Meus amigos, disse a condessa, não faço cerimonia comvosco. Dispensem-me.

Afastaram-se os commensaes para a sala de jantar, e o Dr. Cobalt correu a encontrar-se com a dona da casa.

— Sente alguma cousa, minha amiga?... perguntou-lhe sollicitamente, apoderando-se de uma das mãos d'ella.

— Não, doutor. E diga-me: sabe se elle partiu hontem, como estava previsto?

— Ainda não. Foi detido por uma febre.

— Molestia grave?...

— Qual! Sobrexciação nervosa, produzida naturalmente pelo fanatismo.

— E quando parte?

— Não sei, condessa. Logo que possa fazer a viagem. O marquez já comprou a casa?

— Já.

— Onde?

— Em Raismea.

— Bom.

E vendo que o marquez se aproximava:

— Ahi vem o seu verdugo. Vou tomar chá...
Afastou-se.

— Pensei que nos não deixassem um momento em liberdade!... disse o amante de Alzira, encaminhando-se para ella.

— Ah! Estava ahi, marquez? Não vai á mesa?... perguntou a formosa mulher, affectando um gesto de interesse.

Florans franziu a testa.

— Minha presença a incommoda, condessa?... segredou elle, chegando-se mais. Impacientava-me por me vêr a seu lado... sósinhos...

— Está no seu direito...

— Não me falle em direito, minha flôr. Não é por um direito que eu desejo privar-a dos seus momentos de solidão...

— Então por que mais é?...

— Desejava que fosse por seu gosto, pelo prazer que a condessa encontrasse em conversar a sós commigo...

— Isso não é cousa que dependa só da vontade...

E como o marquez fizesse um triste ar de re-

sentimento: — Não se póde queixar, meu amigo, creio que, depois que estamos juntos, ainda não deixei uma só vez transparecer má vontade em supportar a sua companhia...

— Supportar!... repetiu o pobre marquez com um suspiro. Supportar!... eis um termo que, só por si, patenteia toda a indiferença que a senhora tem por minha pessoa...

— Supportal-o é a minha obrigação, e faço por cumpril-a o melhor que me é possível... Repito que o marquez não tem o direito de queixar-se...

— Ah! suspirou elle de novo. Não! não tenho! Sou tão infeliz que nem esse direito possúo... Juro-lhe, entretanto, que preferia menos zelo no cumprimento da obrigação de que falla, e um pouco mais de escrupulo no que me diz ás vezes. A franqueza, minha cara amiga, em certos casos e usada de certo modo, é offensa... e a senhora, creio eu... não tem motivo algum para me offender...

— Ah! que o senhor hoje está n'um dos seus máos dias!... respondeu ella, meneando a cabeça com impaciencia.

E, notando que elle se afastava, accrescentou a meia voz, como se receiasse detel-o com as suas palavras: — Desculpe se o offendi...

Mas o marquez voltou, e ella então acudiu desabridamente: — Sr a sua intenção é dizer-me qualquer cousa, ou exigir de mim seja e

que fôr, falle logo com franqueza e por uma vez. Bem sabe que estou ás suas ordens!...

— A's minhas ordens!... resmungou o infeliz. A's minhas ordens!... Tem graça! Preferia estar eu as suas, como estou, mas que lhe não ouvisse a cada instante palavras duras e apoquentadoras...

Alzira perdeu a paciencia .

— Oh! basta! exclamou. Que impertinencia! Está sempre a queixar-se...

— Queixo-me com razão! retorquiu elle, por sua vez irritado, e fazendo-se vermelho. A condessa bem sabe que a minha ligação com a senhora, não foi um simples impulso dos sentidos!...

— E que tenho eu com isso?... interrogou ella, apertando os olhos. Que tenho eu com os motivos que o levaram a ligar-se commigo?...

O marquez, coitado! já se não podia conter, e proseguiu com a voz tremula:

— A senhora bem sabe que, para ficar a seu lado, tive de sacrificar tudo que de melhor e mais sagrado possuia no mundo! Sabe que este amor invincivel que a senhora me inspirou, foi a causa da morte de minha esposa e será a desgraça de meus filhos.

— Mas o marquez tambem sabe e ha de convir, replicou Alzira, que eu não tenho culpa alguma em tudo isso! Ha de convir que não dêi o menor passo, nem empreguei o menor esforço,

para provocar esta união!... O marquez viu-me um dia, apaixonou-se; fez-me uma proposta, que eu aceitei porque me convinha... N'esse contracto não me comprometti a amal-o, comprometti-me apenas a não pertencer a outro, emquanto estivesse na sua dependencia... Ora, creio que até hoje ainda não faltei com a minha palavra!...

— Tem razão, condessa... disse o marquez, já vencido. Tem toda a razão. Mas tudo isto é porque a amo, muito, muito, leucamente!

Quiz tomar-lhe as mãos; ella não deixou, e respondeu, virando-lhe as costas:

— Ama-me muito! Isso não diminúe a impertinencia de suas palavras! Não é a primeira vez que o senhor me lança com rosto a morte de sua mulher e o futuro de seus filhos!...

— Perdõe, Alzira...

— Se lhe não convenho, se lhe sou pernicioso, afaste-se de mim! Ninguem o obriga a ficar a meu lado!

E arredou-se d'elle, para ir assentar-se em um divan. O marquez acompanhou-a.

— Se o trahisse, vá! continuou ella; se lhe desse occasião de ter ciúmes, ainda vá! mas, que diabó? eu cumpro lealmente com o que prometti e, quando não estivesse disposta a amal-o, dil-o-hia com tranqueza, porque afinal sou livre! Como, pois, admittir que me expõe factos, pelos quaes não sou responsavel? e scmbor, se

fez sacrificios para obter-me, não foi sem duvida com o intuito de praticar uma bôa acção, mas simplesmente para proporcionar a si mesmo um prazer que lhe appetecia. Se fez sacrificios, não foi por mira, foi pela sua propria pessoa; e, se não tinha elementos para a empreza, porque a emprehendeu?...

— Porque a amava!

— E amava-me, porque sou bella, sou moça e estou na moda! Ora, meu caro marquez, ha de convir que com isso não teve originalidade alguma!... (E soltou uma risada de escarneo). Original seria se tivesse a desvairada pretensão de ser, durante algum tempo, o amante exclusivo da condessa Alzira, sem despendere alguns milhões de francos!...

— A senhora bem sabe que não é o dinheiro despendido o que eu deploro...

— Pois eu com o resto nada tenho que vêr!... São-me indifferentes a morte de sua mulher e o futuro de seus filhos!... Quando o senhor se descuidou d'elles, quanto mais eu!... O senhor que fosse melhor marido e melhor pai! Se ha um criminoso entre nós, não sou eu de certo: na minha qualidade de cortezã, sou logica, não me afasto uma linha do meu programma; o senhor é que se afastou dos seus deveres, na qualidade de chefe de familia. Queixe-se por consequente de si mesmo e não me aborreça!

— E a senhora quem me diz isto? !... exclamou o marquez, abrolhando os olhos.

— Certamente, respondeu Alzira, com toda a calma.

— No entanto, volveu elle, a condessa sabe perfeitamente que eu a tudo me resignaria, se a senhora fosse para mim um pouco mais amorosa... eu tudo perdoria, se...

— Perdoaria?... mas eu é que não quero o seu perdão para cousa alguma... Não me sinto absolutamente culpada.

— Pois devia sentir-se! disparatou o fidalgo, fazendo-se outra vez vermelho. Tenho o direito de ser tratado melhor n'esta casa!

Alzira olhou para elle sem voltar o rosto.

— Minhas palavras são amargas?... disse. E' o senhor quem as provoca... Quanto aos meus actos — são irreprehensíveis!...

Esta ultima phrase teve o encanto de transformar o marquez.

— Tudo isso, resmungou o queixoso, prova que a senhora nunca sentiu por mim o menor vislumbre de amor...

Alzira soltou uma gargalhada sincera.

— Ora, marquez, não me faça rir! disse de novo, cobrindo o rosto com o lenço.

— Não é de balde que todos a citam como a mulher mais insensível do mundo!...

— Mas por que razão quer o marquez que o amasse?...

— Quando por mais não fosse, por * atidão...

A condessa, já séria, ouviu-o de alta a brava.

— Nunca lhe pedi obsequios! disse.

— Mas aceitou-os...

— Engana-se!

— Com a senhora despendi o necessario para enriquecer cinco familias!...

— Esta! (E ella d'esta vez bateu com o pé.) Já me tardava que o senhor me lançasse tambem em rosto esse dinheiro que suppõe ter gasto commigo!

E encaminhou-se lentamente até ao tympano e vibrou-o com força.

— A senhora vai pôr-me fóra?... gaguejou o marquez, fazendo-se pallido.

— Não, explicou ella, muito tranquilla. Vou ordenar ao criado que não o receba quando o senhor voltar. Não tenho o direito de o mandar sahir, mas tenho o de nunca mais o receber!

Um raio não fulminaria tanto o marquez como estas palavras. De pallido passou novamente á côr de cereja. Hesitou um instante, limpou o suor da testa e, afinal, foi ter com Alzira, e disse, empregando todo o esforço para sorrir:

— A senhora de... forma obriga-me a não voltar... (Ella sacudiu os hombros.) E, para evitar que isso aconteça... só vejo um meio... é não sahir mais d'aqui...

Foram interrompidos pelo criado, que exclamou da porta, fazendo uma continencia:

— O cavalheiro Boufflers!
 — Boufflers?... repetiu Alzira.
 — Boufflers aqui!... resmungou entre dentes
 o marquez.

E accrescentou, dirigindo-se á condessa :

— Eis ahi um... com quem a senhora não usaria da franqueza que usa commigo...

— Por que não?

— Porque é moço, é bonito, e tem talento...
 Alzira gritou para o pagem:

— Dize-lhe que ainda desta vez o não recebo...

— Não lhe convém recebê-lo em minha presença, condessa?...

— Ah! sim?... disse ella.

E voltou-se de novo para o criado:

— Faze-lo entrar.

O criado sahiu.

— Mas eu, exigiu o marquez, quero ficar alli, por detraz d'aquella cortina...

— Com uma condição, propoz a condessa; haja o que houver, o senhor não se baterá com elle...

— Prometto, mas a senhora não lhe dirá que o ama...

— Ah! Não! Isso não direi com certeza...

— Pois então juro que me não baterei.

— Póde esconder-se.

O criado reapareceu, erguendo o reposteiro, para dar entrada ao satirico e famoso poeta Boufflers.

XIII

AH, MULHERES ! MULHERES !

Boufflers entrou aos pulinhos. Estacou no meio do salão e fez a mais extraordinaria medida que é possível imaginar, mesmo conhecendo os complicados e genuflexorios salamaques d'esse tempo galante. Os altos e empoados canudos da sua cabelleira roçaram-lhe tres vezes pelos joelhos, e o rabicho, guarnecido por um laço de fita preta, tres vezes se agitou no ar, como a irrequieta cauda de um cãesinho fraldiqueiro.

Vinha vestido a rigor e com extrema elegancia.

Trazia uma casaca de seda côr de pérola, forrada de branco e guarnecida de botões de prata. Bofes de rendas de Veneza, nobremente salpicados de pó de tabaco hespanhol, saltavari-lhe do peito por entre um collete de velludo côr de ambar; tinha calções da mesma seda da casaca e meias bordadas a ouro, sapatos de salto vermelho, e espada, não de barba de baleia, como então alguns usavam, mas de bom e bem temperado aço de Toledo, com bainha de couro,

forrada de velludo branco, e guarda coberta de vistosa pedraria multicôr.

Deu alguns passos para Alzira, e, assim que se vio defronte d'ella, perfilou-se de novo e pôz a mão esquerda sobre o punho da espada, de modo a arrebitar com a ponta d'esta a grande aba da sua casaca á la Ramponneau.

E, empertigado, conservou-se um instante com o chapéo de tres bicos debaixo do braço, e disse depois, fazendo um passo de minuete:

• Ora graças a Cupido,
N'este empyreo da belleza
Emfim me foi permittido
Entrar. sem maior despeza !...•

— Trazia a musa em sua companhia, Bouffiers?... N'esse caso devia ter pedido licença para dous...

— Descance, formosa estrella; minha musa é rapariga discreta... não contará ao Marquez o que entre nós dous se passar aqui...

— Discreta?...

— Não diz mal de ninguem...

— Informe a pobre senhora de Durfort...

— Uma satyra innocente...

— Oh! muito innocente!...

— Tão innocente como o padre Angelo.

— Ah! Já o conhece?...

— Pudera!

E, armando de novo a sua choreographica
mesura, improvisou:

• Dizem que Pariz inteira,
Apoz o célebre sermão
Da sagrada quinta-feira,
Anda toda em devoção...

Traz no peito as mãos cruzadas,
Os olhos fitos no céu,
Calça meias encarnadas,
Põe estola e solidéo!

Até consta que a marqueza
De Pompadour vai além;
Quer abrigar sua alteza
A tomar ordens também..

E, chegando-se mais para Alzira, segredou in-
tencionalmente:

Que certa moça galante,
Ouvindo a missa, fitou
Por tal modo o celebrante,
Que o celebrante... corou!

E ficaria engasgado
Com o proprio corpo de Deus,
Se não bebesse, coitado!
Duas gotas de Bordeus... •

— Isso é uma semsaboria de máo gosto!...
declarou a condessa.

— Porque? Dar-se-ha o caso de que a inæn-

sivel e tyranna condessa Alzira, tambem esteja com o peito ferido pelo casto prégador de quinta-feira?...

— Como « Tambem »?... Ha então muitas que o estejam?

— Oh! oh!

• Foi o caso que o sujeito,
Tendo as damas convertido,
Tanto as fez bater no peito,
Que o peito lhes pôz ferido!...

— Falle antes em prosa, Boufflers! O verso fatiga muito.

— Pois seja! exclamou elle, encaminhando-se para a condessa com um bello sorriso de namorado, e disse tomando-lhe uma das mãos que levou aos labios: Eu te amo, Alzira, flôr insensivel! flôr dos meus sonhos! flôr das minhas desventuras! e quero saber quando será o dia venturoso em que receba eu de tua formosa boquinha...

— Um sorriso?...

— Não! Uma palavra de animação...

— Bravo!

— Bravo?!

— Não conheço melhor palavra de animação...

— Não zombe de mim, condessa!...

— Zombar de Boufflers! ...Oh!... Se o conseguisse, vingaria meia humanidade, tão fe-

rozmente satyrisada pelos seus versos máos e pelos seus máos versos!

— Conclúe-se d'estes trocadilhos, que sahirei d'aqui sem ouvir uma palavra de esperança...

— Está fallando a sério, meu pobre amigo?...

— Juro-lhe que sim, condessa. Juro-lhe pelas musas, que a minha maior felicidade seria merecer-lhe uma palavra de amor...

— E por que razão havia eu de amal-o?...

— Ora essa! Porque razão é que os outros se amam?...

— Mulheres da minha especie, caro poeta, só amam, quando as fascina qualquer cousa extraordinaria, muito extraordinaria! Seja o que fôr, mas que seja — extraordinario!

— Paciencia!... Todavia, quero crêr que o marquez de Florans nada tem em si de extraordinario, e no emtanto...

— E' meu amante... Ah! O caso é outro! O marquez é muito rico... póde dar-se a esse luxo!... Ama-me, d'ahi porém a ser amado — vai um abysmo!

— Se o marquez a ouvisse?...

Alzira sacudiu os hombros.

— Elle sabe d'isso tão bem como eu; a ninguem engano!...

— Nem ama, tão pouco!

— Quem sabe lá?... Talvez...

— A condessa? Qual! Duvido! A senhora não é mulher! Não tem coração!...

— Então que sou eu?...

— E' um lindo-cofre de marfim rosado, com o competente officio para receber o ouro dos papalvos.

— E era para dizer-me semelhante galanteria, que o poeta ha tanto tempo fazia empenho de vir á minha casa?

— Não! Era na esperança de ser correspondido no meu amor...

— O cavalheiro ás vezes não me parece um homem de espirito...

— Em questões de amor todos os homens são igualmente estupidos!...

— Mas, valha-me Deus, Boufflers! por que razão havia eu de amal-o?... O senhor é um bonito rapaz, não ha duvida; está na flôr da idade, não lhe falta talento, mas... é só isso!...

— E acha pouco?... moço, bonito e com talento! Tenho os encantos das tres graças — mocidade, amor e belleza, e ainda me sobra um!

— Não — dous — o talento e a vaidade.

— Ou isso!

— Mas falta-lhe o principal...

— O que não falta ao marquez... dinheiro?...

— Qual! O dinheiro não se conta...

— Não se conta?...

— Gasta-se!

— Então que me falta? Juizo, talvez...

— Ainda menos ! O juizo é a negação do espirito !...

— Então não soi que me falta !...

— Sei-o eu ! exclamou uma voz grossa.

E o marquez surgiu defronte de Boufflers, fulo e tremulo de raiva.

— Oh ! Oh ! interjeicionou este, zombeteiramente e sem se alterar. Estava escondido, senhor marquez ?... Divertia-se a escutar-nos... magnifico !

E voltando-se para Alzira: — Obrigado, condessa !

Depois resmungou de si para si:

— Pagal-o-hão bem caro !

O marquez, sem poder domar a colera que o suffocava, proseguiu no tom em que começou:

— A qualidade que lhe falta, senhor poeta, não é dinheiro, nem juizo; é prudencia ! E' grande temeridade dizer mal de quem quer seja á propria amante d'essa pessoa !

— Não é só temeridade... respondeu Boufflers, pondo a mão na cintura e empinando a cabeça: é insolencia. Estou ás suas ordens ! Avie-se !

A condessa corrêra para junto de Florans.

— Lembre-se do que me prometteu !... disse-lhe ella rapidamente e em voz baixa.

— Só não me baterei... segredou o marquez ao ouvido da amante, se a senhora me não fechar a sua porta...

— Não fechearei, marquez!

— Pois não me baterei, Alzira!

Boufflers, que durante este curto dialogo, media os dous com ar de desprezo, entortando a cabeça e sacudindo a perna, gritou para o marquez, como se fallasse ao seu cocheiro:

— Olá, senhor prégador de prudencia, é esta que o aconselha a consultar a sua amante, antes de pôr a limpo as injurias que lhe fazem?... Creio ter dito bemalto que estou ás suas ordens!

— Não me bato com o senhor... balbuciou o outro.

— Ah! Ah! escarneceu o poeta. Já o desconfiava!...

E calçando de novo a luva, que elle havia principiado a despir: — Pois chega-me a vez de dar-lhe tambem um conselho: quando não se reconhecer com animo de assumir dignamente a responsabilidade dos seus actos, meça melhor as palavras e não se apresente como se apresentou defronte de mim!

— Insolente! bradou o marquez, avançando de punho fechado sobre Boufflers.

— Então!... interveiu Alzira, mettendo-se entre os dous.

— Mas este atrevido affronta-me! exclamou Florans.

— Pois é desaffrontar-se! retorquiu o poeta. Para isso tem uma espada á cinta!

Alzira chegou os labios ao ouvido do marquez.

— Se acceitar o duello, disse-lhe; não ponha mais os pés aqui!

O fidalgo fez-se côr de cera e murmurou imperceptivelmente:

— Esta mulher despoja-me de tudo!...

Boufflers sorriu e acrescentou:

— Registre, condessa, mais esta qualidade a meu favor: — a coragem!

— Vale menos que as outras n'este instante... desdenhou Alzira.

E tomando as mãos do marquez: — Em certos casos, o forte é aquelle que resiste á provocação. Obrigado, meu amigo! Poujou-me remorsos!... Ah! já os tenho em demasia!... Creia que lhe estou grata!... Quanto ao senhor, cavalheiro...

E voltou-se para Boufflers, fazendo-lhe um gesto de despedida.

— Obrigado! respondeu este. Antes, porém, de sahir, permitta que a felicite pela bella escolha que fez para seu amante!... Este adoravel palerma merece bem uma cynica da sua ordem!

E, pondo o chapéo na cabeça, encaminhou-se para a sahida.

— Miseravel! exclamou o marquez, correndo sobre elle.

— Infame! disse Alzira, acompanhando-o.

Mas foram detidos pelo conde de Saint Malô, Arthur Bouvier, Cobalt e as damas que acudiram lá de dentro em sobresalto.

— Que foi?!

— Que significa isto?!

— Boufflers!

— Um escandalo?!

— Que succedeu?!

— Covarde! covarde! covarde! exclamou Alzira, procurando chegar até onde estava Boufflers.

— Todos os teus insultos, repontou este, armando a carreira para fugir; não valem uma palavra, uma só, que qualquer homem tem o direito de atirar-te á cara!

E, rapido, chegando a bôca ao rosto d'ella, segredou um termo que a fulminou.

È fugiu.

— Ah! gritou a cortezá, levando as mãos ao peito e cambaleando.

E correu ao marquez para brador-lhe, segurando-lhe o braço :

— Vá! Siga-o! Alcance-o ainda que no inferno! Não me volte aqui sem o haver matado!

— Oh! Obrigado, condessa! exclamou Florans.

E, desembainhando a espada, desapareceu da sala e bateu pelas escadas, ligeiro como um raio.

XIV

ERA O AMOR

Quando Boufflers chegou á rua, lançou para o palacio de Alzira um olhar de indifferença, e disse, cruzando a capa sobre os hombros:

— Ora! Não perdi grande cousa! Alzira e o marquez que vão para o diabo!

E depois cantarolou, seguindo em direcção da tavolagem do conde de Charolais, principe de sangue:

• Corramos ao jogo,
Que o proverbio diz :
Amor sem ventura.
— E' jogo feliz... !•

Mas, ao dobrar a esquina, o marquez, que desgárgara a escada a quatro e quatro, assomou á porta da rua e gritou-lhe, correndo:

— Olá! O' poeta bedado! Se não és um covarde, espera!

Boufflers voltou-se incontinente e levou a mão aberta sobre os olhos.

— Quem é?!

Reconheceu o marquez e perguntou com im-

paciencia: — Que queres de mim, basbaque?...

— Castigar-te, miseravel! como se castiga um perro!

— Ah! Ah! Chegou-te afinal a indignação?... Ainda bem! (E desembainhou a espada). Vá lá! Antes tarde do que nunca!... Já fizeste a tua oração, bruto?... Não te quero despachar para a eternidade com a alma suja! Vamos! Dei-te tempo de sobra!

— A rua é escura e deserta!... considerou o marquez. Não precisamos ir mais longe. Aqui defronte da porta de Alzira, temos a claridade sufficiente...

Approximaram-se da porta, procurando collocar-se no foco da luz que vinha do corredor.

— Vê lá onde queres que te fira, fanfarrão! exclamou Boufflers pondo-se em guarda.

Arthur Bouvier, o conde de Saint Malô e o Dr. Cobalt tinham descido a escada do palacio.

As damas os seguiram.

— Marquez, disse o conde, tem em mim uma testarunha!

— E eu por ti, Boufflers! exclamou Arthur.

— E o medico, prompto! accrescentou Cobalt.

— Não é preciso!... faceciou Boufflers. De qualquer modo se mata um cão!...

E cruzaram os ferros.

— Defende-te, poeta libertino! bramiu o marquez; porque a minha intenção é matar-te!

O outro retrucou, aparando-lhe destramente os golpes:

— Antes guardasses tanto empenho para defender tua mulher, alma de Meneláo!

E gritou, cahindo-lhe em cheio: — Toma!

Florans desviou o tiro e fez-lhe pontaria de fundo.

— Toma tu lá este em paga da tua insolencia, bandido!

Mas Boufflers soltou uma risada, e, depois de um salto para traz, desferiu-lhe um bote certo, que lhe atravessou o peito.

— Ai! gemeu o marquez.

E cahiu estatelado no chão.

— Já?... perguntou o poeta, inclinando-se. E a pena! Principiava a tomar interesse pela brincadeira!

E tirou do bolso o seu lenço de rendas, para limpar a lamina da espada que escorria sangue.

Alzira acudira com um grito e lançára-se de joelhos ao lado do amante, beijando-lhe a fronte.

— Meu bom amigo, dizia entre soluços; perdô-me! perdô-me! Oh! Quanto sou desgraçada!

Bouvier, o conde e o medico approximaram-se tambem e cercaram o ferido.

— Ai! Eu morro! gorgolejou o marquez, afficto, virando a cabeça de uma banda para outra.

— Agradece-o a esse demonio que ahi tens

a teu lado!... exclamou Boufflers, lançando fóra o lenço com que limpára a espada.

E voltando-se para as damas: — Bôas noites, gentis mulheres!

Depois fallou aos outros: — Cavalheiros, bôas noites!

E bateu no hombro de Arthur: — Obrigado, Bouvier!

Em seguida traçou a capa e perdeu-se na sombra da rua, cantarolando de novo:

• Corramos ao jogo,
Que o proverbio diz :
Amor sem ventura,
— E' jogo feliz !... •

E desapareceu.

— Marquez! marquez! clamava o conde de Saint-Malô, enquanto Alzira, desesperada, levantava soluçando os braços para o ceu.

— O' meu Deus! ó meu Deus! lamentava-se ella. E' mais um que me vai pesar na consciencia! E' mais um que morre por minha causa!

N'esse instante, do lado contrario ao que Boufflers tomára, surgiam da treva da noite dois vultos negros, que lentamente se approximavam, silenciosos e tristes como duas sombras.

Vinham envoltos, da cabeça aos pés, em grandes capas talaes, que lhes davam ao aspecto um tom sinistro.

— Anda, meu filho.. dizia um d'elles ao com-

pauheiro. Tem resignação, e apresse os passos, que precisamos alcançar a diligencia de Naismes, para chegarmos a Monteli antes de raiar o dia...

— Sim, meu pai...

— Ai! gemeu de novo o marquez, debatendo-se no seu estertor. Morro sem confissão! Morro sem confissão!...

Ouvindo isto, um dos dous embuçados precipitou-se sobre o moribundo, exclamando afficto:

— Que vejo?... Um corpo coberto de sangue!

E, arriando o capuz, para mostrar a sua veneranda cabeça de cabellos brancos, interregou ao grupo que o cercava:

— Quem feriu este homem?

— Um adversario em duello... murmurou o proprio marquez. Ai! morro! morro!

O mysterioso velho arrancou do seio um crucifixo, e levou-o com a mão tremula á bôca do agonisante.

— Pede a Deus perdão das tuas culpas... segredou elle com a voz commovida. Entrega-lhe tua alma em plena confiança, porque eu rogarei por ella ao Senhor misericordioso!

E ouviu-se o debil sussurro de um gemido de amor esvoaçar entre os labios do moribundo.

Era o nome de Alzira, que elle chamava pela ultima vez.

O medico abaixou-se para auscultar-lhe o coração.

— Está morto... disse.

Houve uma triste concentração em que se ouviram prantos abafados.

E o negro vulto de barbas brancas poz-se a rezar, ao lado do cadaver, com as mãos postas, o pallido rosto pendido sobre o seio.

Entretanto, Alzira, n'um transporte de afflicção, corrêra a ter com a outra sombra, que se quedava a distancia, de cabeça baixa e rosto escondido sob o capuz, e exclamou entre soluços, estendendo-lhe os braços supplicantes:

— Meu padre! Meu padre! Sou eu a culpada de tudo isto! Sou muito, muito desgraçada! Peça perdão a Deus por mim!

O vulto se agitou e tremeu todo, através do mysterio da sua negra tunica.

Ouvia-se-lhe o ancioso arquejar do peito.

Depois, como se precisasse de ar, arremeçou para traz o capello do habito e recuou aterrado.

Alzira soltou um grito.

— Elle!

E teria cahido no chão, desfallecida, se Angelo a não amparasse nos braços.

Acudiram todos e se apoderaram d'ella.

O presbytero puxou de novo o seu capuz sobre o rosto, deu o braço á outra sombra, e começaram os dous de novo a seguir o seu caminho.

Angelo tinha afinal compreendido bem a verdadeira causa da sua perturbação.

A sua perturbação era o amor.

XV

DUAS VEZES ENGETADO

Angelo chegou a Monteli, acompanhado por Ozéas, ás sete da manhã.

Veiu recebê-lo á porta da casa uma velha chamada Salomé, antiga criada que fôra do fallecido parcho do logar.

— Então? então, meu filho?... perguntou-lhe o egresso. Que em ti significa tamanha tristeza?... Pareces-me um vil criminoso sobrecarregado de remorsos!... Vamos! Não te convem esse aspecto! Dize-me com franqueza o que sentes...

— Nada! Nada, meu pai! São intimas tristezas sem razão de ser!... são desgostos só meus, que só eu mesmo comprehendo!... A viagem fatigou-me. Preciso repousar... Bem sabe que ainda não estou bom de todo...

— Pois sim, recolhe-te! Alli está o teu quarto. Já mandei pôr lá a imagem da Virgem. Eu ficarei aqui. Até breve.

— Até breve, meu pai.

E Angelo, arrastando a sua melancolia, entrou no pequeno aposento que lhe era destinado.

Um triste quarto, em que a formosa imagem da Virgem se destacava, como na outra cella do convento de S. Francisco de Paula. Paredes nuas e velhas, tecto esborcinado e sem forro.

Angelo sentou-se no catre que havia a um canto, e começou a soluçar, com o rosto affogado nas mãos.

Chorava, e não sabia dizer porque. Soffria e não se animava a confessar a si mesmo de onde lhe vinha aquella dôr, que assim lhe arrancava tão quentes lagrimas do coração.

Mas seu desejo era poder n'aquelle momento apertar nos braços alguém, cujo nome seus labios não se atreviam a balbuciar, receiosos de magoarem a candidez da sua alma virginal, branca noiva de Deus! O seu desejo era poder dizer o que lhe ensinára a biblia; era poder cantar a capitosa musica do Cantico dos Canticos, que nunca alma nenhuma jamais no mundo sonhou e repetiu sósinha. O seu desejo era poder dizer: « Eu te amo! » e sentir a miragem d'esta doce palavra reflectida inteira n'uns labios de mulher, que lhe não fallavam, porque já não tinham voz senão para soluçar de amor.

O seu desejo era Alzira!

Era Alzira de carnes brancas e olhos negros! O seu desejo eram longos cabellos nús, soltos no vendaval de todos os desejos. O seu desejo eram labios trementes e vermelhos, eram doces braços de velludo, eram a funda morte do supremo

gôzo, bebido de bôrco sobre um niveo collo de Eva paradisiaca!

O seu desejo era o peccado.

E Angelo chorava.

Mas, de repente, como se o espectro do dever lhe tocára no hombro, elle ergueu-se estremunhado, e trocou um olhar, ancioso e supplicante, com o triste e quieto olhar da Virgem.

Correu para junto d'ella e ajoelhou-se a seus pés, mesquinho de remorso e tremulo de arrependimento.

— Valei-me! disse, erguendo para a imagem os olhos lacrimosos. Valei-me a mim, a mais desgraçada de todas as vossas creaturas!

E soluçava.

— Maria! Maria purissima! exclamou elle depois, como um desprezado amante aos pés da sua cruel amada. Vêde! Attendei, flôr dos céos! Vêde bem que sou eu quem aqui vos falla e quem vos chama n'este momento!

E arrastando-se de joelhos, com os labios estendidos para alcançar-lhe a fimbria do vestido: — Mãi casta! mãi sempre virgem, valei-me! Vós sois o meu ultimo recurso, a minha ultima salvação! Escondei dentro da urna de marfim da vossa misericordia a pureza da minha pobre alma, que a besta immunda a cêrca, fa-rejando! Salvai-me, virgem mãi sem macula; abrigai-me n'uma das dobras do vosso manto azul, constellado de estrellas! Defendei-me

contra mim proprio e contra o meu sangue traçoeiro! Vós, que sois o eterno prodigio da castidade, protegei a minha castidade contra os meus intimos inimigos! Não me dexeis cahir em pensamentos depravados! Exorcisai de dentro do meu corpo o demonio que me morde as carnes e cospe fogo no meu sangue! Enxotai a luxuria, que baba minha alma para sorvel-a depois! Salvai-me! Salvai-me, rainha de bondade! Se querieis abandonar-me assim, á mercê dos meus sentidos, porque pois me aninhastes carinhosa, durante tanto tempo, sob as azas brancas da vossa divina graça?... Se a vossa intenção era atirar-me assim ás garras do peccado, porque, pois, me ensinastes a amar-vos tão castamente desde a minha infancia mais innocente?... Dormi tão confiante em vossa guarda, respirando as rosas mysticas do vosso divino amor, e de repente acórdo, sobresaltado, entre uivos de fêra que me cêrca, para devorar-me!

« Onde estaes vos, mãi purissima, onde, que desde aquelles malditos olhos tão formosos e tentadores, já me não ouvis as supplicas e já me não enxugaes, com o vosso alvo sudario côr de neve, as lagrimas d'este meu desespero?

« O' peito de amor! entranhas de piedade! como é que assim vos fechaes para quem vos ama?... Oh! volvei para mim os vossos lindos olhos misericordiosos! Voltai a ter commigo, a sós, na minha cella, como d'antes, quando eu era um

dos anjos rubicundos do vosso throno de nuvens!... Tornai a ter commigo, Maria, cheia de graça!

« Se tinheis de abandonar-me e perder-me n'um segundo, para que então vos dei toda a minha existencia de vinte annos, mais brancos do que a torre de David?... Se assim tinha de ser, amada minha, não valia a pena então conservar-me tão puro e tão candido!...

« Maria! Virgem amorosissima! vida e doçura! esperanza nossa! se não quereis vir em meu soccorro, matai-me! eu aqui estou a vossos pés, e não me levantarei dos meus joelhos senão por um ar da vossa divina graça!...

E Angelo, de olhos fitos na Virgem, esperava um milagre, esperava alguma cousa que lhe restituísse a sua antiga tranquillidade de espirito.

Nada! A imagem parecia surda ao seu desespero de salvação.

« Oh! por piedade! por piedade, minha mãe querida! enviai-me do vosso peito de amor a inspiração do meu resgate! »

Nada! Nada!

Angelo deixou cahir o rosto para a terra; abandonou os braços, com as mãos entre os joelhos, e quedou-se pensativo.

Infeliz! infeliz!

Não era a primeira mãe que o engeitava!...

E as lagrimas de abandonado correram-lhe tristes pelo marmore das faces, e o misero

deixou-se levar de rastos pelas garras da sua dôr immensa, para o inferno da sua desesperança sem consolo.

Foi despertado pela velha criada, que, depois de bater varias vezes, resolveu-se a entrar no quarto.

— Perdão, senhor vigario. Queira desculpar interromper as suas orações, mas...

— Falle, minha irmã...

— E' que está ahí uma dama, toda vestida de negro e coberta por um longo véo, que deseja fallar a vossa mercê...

— Uma mulher?... E não disse quem era?...

— Não quiz dizer, senhor vigario.

— Bem, minha filha, faça-a entrar para a capella e diga a frei Ozéas que tenha a bondade de vir cá.

A criada sahiu e o egresso appareceu pouco depois.

— Ha, ahí, disse-lhe o presbytero, uma mulher que me procura. Devo escutal-a, meu pai?...

— Que estranha pergunta, Angelo!... Deves, de certo! E' talvez alguma desgraçada que precisa de quem a conduza ao arrependimento. A consciencia pura e bem apoiada na fé jámais teme as ciladas do inferno. Vai! Falla-lhe! E, se fôr uma peccadora, supplica a Deus, noite e dia, até conseguires o perdão para sua alma.

— Bem, meu pai...

E Angelo afastou-se lentamente, tomando a direcção da capella.

XVI

DIABO, MUNDO E CARNE

Angelo aproximou-se vagarosamente da mysteriosa mulher que o esperava na capella, e perguntou-lhe a que vinha.

Ella, cuja commoção se percebia, apesar do espesso véo que a occultava da cabeça aos pés, respondeu indicando-lhe o confissionario. Elle encaminhou-se então para lá, sentou-se, e, com um gesto, convidou-a a que se ajoelhasse a seus pés.

O vulto tremia todo, quando vergou os joelhos e abaixou o rosto, para rezar entre dentes o *confiteor*.

— Não se amedronte, minha pobre irmã... disse o presbytero com a voz amiga; não trema d'esse modo, que por mais fundas que sejam as chagas do seu coração, e por maior que seja o remorso da sua alma, a misericordia divina ha de chegar até lá, se o arrependimento já lhe abriu o caminho e franqueou as portas. Não se assuste, porque não é a mim que vai fallar, é a Deus, cujo seio de amor e de bondade jámais se fechou uma só vez aos que soffrem e pedem

a remissão das suas culpas. Vamos! Abra-me a sua alma de par em par. Confie-me as suas dôres, que eu as farei minhas, e ajudal-a-hei a carregal-as até aos pés do nosso pai supremo!

A embuçada, em vez de responder ás palavras do confessor, deixou cahir a cabeça sobre os joelhos d'elle, e abriu a soluçar desesperadamente.

Era um pranto convulso e sem treagoas, que lhe agitava o corpo inteiro, e que menos parecia a dôr silenciosa e triste dos arrependidos, do que a explosiva revolta de quem chora pela ausencia de uma ventura sensual e terrestre.

Angelo, por sua vez, estremeceu perturbado e tolhido de alheios sobresaltos. D'aquella mysteriosa carne de mulher que palpitava a seus pés, erguia-se um quente effluvio, traiçoeiro e lascivo, que lhe entontecia a alma, um odorante e luxurioso vapor de estranhos vinhos que o enleavam. Dir-se-hia que aquellas lagrimas res-cendiam á volupia e que aquelles soluços eram soluços de amor, chorados no sigillo de uma alcova.

Elle ergueu-se, a embuçada segurou-lhe as mãos, cobrindo-as de beijos apaixonados.

Angelo quiz fugir. Ella, com um gesto rapido, regeitou o véo que lhe rebuçava as fórmãs, e alli, no sagrado retiro d'aquella pobre capella de aldeia, surgio a perigosa Alzira, a terrível condessa de gelo, mais pallida e mais seductora

do que nunca, assim humilde e triste sob a dura violencia d'aquellas queixas de amor.

— O' meu Deus!... balbuciou Angelo de si para si, abaixando os olhos, como se estivesse defronte do demonio. O' meu Deus, dá-me coragem! dá-me coragem!

E recuou alguns passos, estendendo o braço, como para isolar-se d'aquelle abysmo.

N'esse instante, Ozéas acabava de surdir ao fundo da capella, observando os dous, escondido por detraz de um altar. Seu peito arfava tão convulso como o peito de seu filho, mas n'elle o sobresalto era de outra especie.

Angelo, todavia, parecia calmo e senhor absoluto de si mesmo. Apenas o trahiam a subita pallidez das faces e um ligeiro tremor de labios.

— Creio, minha irmã, que nada mais tem que fazer aqui... disse elle pausadamente, apontando-lhe a sahida. Queira retirar-se... não é este o logar que convém ás suas lagrimas... Vamos... váia, e, em beneficio de sua propria alma, não torne a commetter semelhante desatino, que a faz muito mais culpada do que todas as outras maldades commettidas. Vamos! Retire-se! Este sagrado e tranquillo recanto pertence sómente aos arrependidos que soffrem! ...

— Mas eu soffro! exclamou ella. Eu soffro muito! soffro infernalmente!

— Soffre?! inquiriu o padre, transformando-

se. E' talvez o arrependimento! Falle, minha irmã!

— Não! não soffro pelos delictos commettidos, não soffro pelas mortes que provoquei: soffro porque te amo, Angelo! porque te amo loucamente!

E quiz chegar-se para elle. Angelo tornou a apontar-lhe a sahida.

— Retire-se! Eu pedirei a Deus que se compadeça dos seus desvarios...

— Oh! eu te amo! eu te amo! eu te amo! soluçou ella, cahindo novamente de joelhos, e procurando beijar-lhe a fimbria da samarra. Amo-te: eis o meu crime! eis a minha grande culpa! Perdôa-me, já que tens um coração de santo! Sei que devia esconder o meu segredo e morrer com elle fechado dentro dos labios!... Sei que nenhuma esperança tenho de ser algum dia correspondida no meu desgraçado amor, porque nada mereço de um ente tão puro como és!... Mas perdôa-me! sou uma fraca mulher que nunca a mais ninguem amou, e tu o homem que pela primeira vez me acordaste o coração, e me encheste a alma de sonhos de ternura! Perdôa-me, se te amo tanto, Angelo!

Elle escutava-a, immovel e pallido como um cadaver. Não se lhe percebia nas feições a luta homicida que se lhe travára n'alma.

— Se me amas... disse, quasi em segredo, cumpre com o que te vou pedir. Volta para

Deus, minha desgraçada irmã, todo o teu amor de mulher!... Ama-o! ama-o extremosamente, e no seu peito de pai encontrarás perenne manancial de consolações! Sê honesta, e serás feliz!... Se tens medo de ti mesma e dos que te cercam, recolhe-te a um asylo religioso e faze-te monja! E principalmente nunca mais tornes aqui, nunca mais me procurees ver, se queres possuir o meu amor de irmão e o meu reconhecimento de sacerdote. Vai, e não tornes nunca mais. Adeus.

Dito isto, voltou-lhe as costas e afastou-se vagarosamente, como tinha vindo.

— Angelo! exclamou ella com a voz supplicante.

Elle virou-se, pôz o dedo nos labios, impondo silencio, e sahiu.

Alzira, ainda de joelhos, conteve-se um instante; depois ergueu-se e precipitou-se de carreira para alcançal-o.

— Mas a veneranda figura de Ozéas cortou-lhe a passagem, surgindo-lhe de improviso pela frente.

A formosa cortezã estacou defronte d'aquellas longas barbas brancas, abaixando a cabeça e cravando os olhos no chão.

Ozéas, sem dizer palavra, alongou o braço, apontando-lhe a sahida, e quedou-se immovel n'essa postura, até que ella **desappareceu**, lenta e silenciosamente.

Por esse tempo Angelo ganhava o seu quarto e, cahindo de joelhos aos pés da Virgem, agradecia-lhe a victoria que elle alcançára sobre os seus proprios sentidos, postos n'aquelle dia em tamanha provação.

— O' mãe de bondade! dizia elle com as mãos cruzadas no peito; fazei com que ella nunca mais volte a ter commigo, que nunca mais soluce sobre os meus joelhos!... Se soubesses, mãe querida, como lutei para não tomal-a nos braços e estancar-lhe com a minha bôca os seus dolorosos soluços de amor!... Se soubesses como o meu coração chorava enquanto meus labios a repelliam!... Oh, por piedade! que ella nunca mais, nunca mais me volte a ver!

E, deixando cahir o rosto sobre os pés da Virgem, poz-se a rezar com todo o fervor e reconhecimento da sua alma dolorida.

Alzira, entretanto, ao sahir da capella, mettêra-se no carro que a esperava la fóra, e atirára-se para o fundo das almofadas, a soluçar afflicta. O carro tinha de seguir para Raimes; ella mandou tocar para Pariz.

Ia com o coração despedaçado. Já lhe não restava a menor esperança!... Angelo a repudiava... Angelo, o primeiro homem que ella amava, repellia-a, como quem repelle um reptil venenoso!

Todos os sonhos d'aquelle seu primeiro amor

ruíram por terra, antes mesmo de bem vingados.

Oh! como n'esse momento Alzira desejava ser pura! Como desejava ser casta!...

Doía-lhe fundo aquelle tranquillo desprezo com que o padre rejeitára os seus sinceros protestos de amor, accendendo-lhe, sem saber, o desejo da luta para conquistal-o.

Se Angelo a tivesse recebido com palavras duras, se a enxotasse da sua presença como o archanjo do Paraiso enxotou a Eva peccadora, é possivel que ella não levasse tão longe o empenho de ser amada por elle; mas só a idéa d'aquella frieza, d'aquella inalteravel superioridade de ente puro e forte, que não teme seducções de especie alguma, só isso era o bastante para leval-a a não desistir da campanha e lutar até vencer ou cahir morta.

— Sim! disse ella, cerrando os punhos, desesperada. Agora, dê por onde dér, soffra quem soffrer, hei de vencel-o, hei de possuil-o, ou buscarei na morte o completo esquecimento d'esta fatal paixão!

Si nous rêvions toutes les nuits la même chose, elle nous affecterait peut-être autant que les objets que nous voyons tous les jours.

PASCAL. — *Pensées.*

SEGUNDA PARTE

EMMURCHECER DE UMA FLOR

Seis mezes são decorridos depois que Angelo foi para Monteli, e poucas cousas extraordinarias se têm passado com as personagens que figuram n'esta amorosa narrativa.

O Dr. Cobalt, durante esse tempo, apresentou á Academia Franceza um livro de physiologia e de philosophia, revolucionando a sciencia de então com as suas novas idéas materialistas. A obra fez grande alvoroço e foi condemnada a um tempo pela Sorbonne, pelo Papa e pelo Parlamento. Mas elle, sustentado enthuasiaticamente pelos discipulos de Moraud, Picard e Hecquet, não desaminou e prometeu voltar a campo, armado agora para a luta com um novo trabalho, ainda mais formidavel que o primeiro, em que se propunha provar que as famosas convulsões, provocadas pelo milagroso diacono Pariz, no cemiterio de Saint-Médard, nada mais eram do que phenomenos nervosos

da hysteria, molestia que só então começou a ser estudada e conhecida em França.

Boufflers, esse, coitado! havendo escripto uma satyra contra o duque de Choiseul, que nunca mais o perdeu de vista, cahiu na tolice de aceitar os ternos favores de demoiselle Tiercelin, então mantida pelo rei no seu famoso serralho do *Parc-aux-cerfs*, e teve a infelicidade de ser descoberto nos seus amores por aquelle ministro, que o denunciou a Luiz XV, e o fez prender e encerrar na Bastilha. Lá ficou.

Frei Ozéas, pelo seu lado, tres mezes depois de permanecer em Monteli, fôra accommettido pela peste; esteve á morte, e vira-se forçado a separar-se do filho por algum tempo. Persistia muito enfermo, e ainda em perigo de vida, n'um hospital para onde o levára o Dr. Cobalt.

Quanto a Alzira, depois de novas e inuteis tentativas para conseguir arastar Angelo a seus braços, precipitára-se de novo na antiga vida dos prazeres largos, e continuava em Pariz a servir de retorta ao ouro dos libertinos, cada vez mais terrivel e funesta para os seus amantes.

Diziam que a devorava uma implacavel sede de orgias e loucuras, a qual nenhuma virtude, por mais solida, resistia.

Angelo, entretanto, ia resignadamente cumprindo o seu estreito e obscuro destino de pobre parocho de aldeia.

Estava, porém, muito mais magro, mais pallido, mais concentrado e mais triste.

Fugira-lhe das faces a candida frescura da sua mocidade, fugira-lhe dos olhos aquelle puro e ardente brilho, que era como o reflexo da sua apaixonada alma de inspirado asceta, fugira-lhe dos labios a purpurina flôr dos seus sorrisos virginaes, e agora todo elle nada mais era do que a trémula sombra do que d'antes fôra.

Sombra lenta e mysteriosa, que em silencio se arrastava pela vida, offegante e curvada, como se sobre ella andasse a pairar eternamente o anjo da melancholia, roçando-lhe os cabellos com as suas azas humidas de pranto.

Impressionava vê-lo, á hora do crepusculo, errar no jardim por entre as loisas mortuarias, com a fronte pendida para a terra, como se estivesse a procurar o derradeiro abrigo no seio d'essa mãe melhor que as outras, que nunca engeita os filhos.

Impressionava aquelle negro vulto, arrastando a tunica pela areia dos caminhos, para levar, aos que soffriam menos do que elle, a misericordia da sua consolação e do seu amor.

Uma noite, já nove horas tinham dado, e Angelo não apparecia em casa.

A velha Salomé, afflicta, ia de vez em quando á janella e voltava desapontada, agitando os braços e sacudindo a cabeça.

— Que digo eu?... exclamou ella sozinha,

olhando a estrada deserta. São quasi dez horas, e o senhor vigario ainda fóra!... Vão ver que está por ahí á cabeceira de alguma victima da peste, sem se lembrar de que não tem no estomago mais do que uma chicara de leite e um pedaço de pão! Ah! definitivamente...

Um relampago cortou-lhe a palavra.

— Chit! Santa Barbara! Vamos ter tempestade! E o pobre homem por onde andará?...

Ia a sahir da janella. Mas uma voz gritou-lhe lá de fóra, estrangulada pela ventania.

— O' tia Salomé!

— Ah! disse ella. E' você, mestre Jeronymo?...

— Não pensei achal-a acordada!

— Pois se o senhor vigario ainda não chegou!... Entra.

Foi abrir a porta, e mestre Jeronymo, um hortelão da vizinhança, penetrou na modesta sala, trazendo seguro pelo braço um rapazola de uns doze annos, que mal se podia ter nas pernas de tão ebrio que estava.

— E' que, declarou o hortelão, encontrei no caminho este mariola no bonito estado em que o vê, e trouxe-o, porque calculei que elle com certeza não acertaria com a casa!

— O Robino como vem!... Virgem santissima!... exclamou a velha, pondo as mãos nas cadeiras. Não sei quando este rapaz tomará ca-

minho! Por isso é que o maroto, mal acabou de ajudar a missa, desapareceu até agora!...

— Vinha da taverna do Bruxo, explicou Jeronymo. Que quer? Os fidalgos do Roudier gostam de o ver assim, e não largam de lhe dar o que beber enquanto não o põem por terra! Suacia de vadios!

E, como Robino, no seu persistente cabecear, lhe dêsse um empurrão: — Fica quieto, ó rapaz! Ora já se vio que mona?... A estês não leva a peste!

Robino empertigou-se e resmungou alguma cousa entre dentes.

— Cala-te! gritou-lhe Salomé. Merecias é que te deixassem na rua como a um cão sem dono! Mal faz o Sr. vigario em conservar em casa semelhante biltre!...

— Ora! gaguejou o emborrachado. E' o proprio vigario quem todos os dias me abre o appetite!... Elle á missa escorropiça a sua pinga com tanto gosto!...

— Cala-te, demonio! ralhou Salomé. Se estivessemos no tempo do padre René, andarias mais direito! Isso te affianço eu!

— Ah! com certeza! affirmou o hortelão.

— O padre René bebia muito mais do que eu!... tartamudeou Robino.

— Não te calarás, cousa ruim?...

E Salomé voltou-se para o outro enquanto

o pequeno, depois de um longo bocejo, adormecia encostado á parede.

— Tenho saudades do defunto vigario... declarou ella, com um suspiro. Era uma boa alma!... Sempre bem disposto, alegre, amigo de pilheriar... E' o que não tem este agora, o padre Angelo!... Não ha duvida que é muito santa pessoa, mas nunca vi creatura tão triste!... Até mette pena, coitado!...

— Ainda o não vi rir uma só vez... considerou Jeronymo.

— Muito! muito triste!... continuou a velha. A's vezes, fica horas esquecidas á mesa, com os olhos pregados no tecto, a scismar!... E a comida ás moscas!... Vão lá tiral-o d'ahi! D'outras vezes dá-lhe p'ra passeiar no jardim ou no cemiterio, e então, adeus! E' preciso ir buscal-o quasi á força p'ra dentro de casa! Põe-se então a andar p'ra baixo e p'ra cima, que nem uma alma penada, Deus me perdôe!

— E' que talvez esteja resando... disse o hortelão, muito interessado com o que lhe contava a tia Salomé.

— Ainda hontem fui chamal-o para fallar ao filho do Mongol, que ahi veio pedir-lhe que o casasse com a pequena do tio Jorge, e toquei-lhe no hombro. Pois acredita você, mestre Jeronymo, que o senhor vigario soltou um grito e ficou a olhar-me espantado, como se eu cá fosse algum fantasma?...

— E porque, tia Salomé?

— Ora! sei cá porque!... Ficou mais branco que aquella cal da parede! E todo a tremer!... Já se vê, pois, que não rezava, porque elle quando reza, ouve-se-lhe a oração e vê-se-lhe o movimento dos labios... N'essas occasiões é até quando fica ao contrario um poucachito mais tranquillo e de melhor humor. Cá p'ra mim, ninguem me tira da cabeça que alli anda tentação do cão!... Alli anda rabo de demonio!

— Ou talvez de saia!... acudio o hortelão, coçando a cabeça.

— Credo, mestre Jeronymo! Não diga isso nem brincando, que brada aos céus! Aquillo é um santo! Olhe! Se frei Ozéas estivesse ainda aqui, juro-lhe que o senhor vigario não chegaria ao estado a que chegou! Até o acho meio apatetado! Deus me perdôe!

— Apatetado, tia Salomé?...

— Pois se lhe disser que de uma feita o deixei ajoelhado no altar depois da missa e que, voltando só á tardinha á igreja, para reformar o azeite da Virgem, encontrei o homem ainda na mesma posição!... Os braços abertos, os olhos ferrados na santa, e tremendo de frio, coitadinho! que mettia dó! Chamei-o, qual! « Senhor vigario! O' senhor vigario! » Respondeu você, que lá não estava?... Pois assim respondeu elle! Afinal agarrei-o pelo braço e disse-lhe que aquillo não tinha goito!

— Não tinha, de certo, tia Salomé!

— Acompanhou-me tiritando. Você sabe como a capella é fria!... É mal deu alguns passos pelas lages, desatou n'um pranto de chôro, como eu nunca vi!

— Chorando?! Que me diz, tia Salomé?!...

— Como uma criança, mestre Jeronymo! Nunca vi chorar tanto! Ao depois, metteu-se alli no quarto, não quiz comer nada, e levou toda á noite a andar de um para outro lado, até que...

Mas interrompeu-se, porque a porta acabava de abrir-se, e Angelo entrava na sala, com o seu passo lento e o seu ar triste e acabrunhado.

Fez-se silencio.

II

MAL SECRETO

Angelo vinha profundamente pallido e abatido, mas com a physionomia serena. Um quê de tranquillo cansaço immobilisava-lhe o rosto, não deixando distinguir bem qual a fonte da expressão que n'elle predominava. Seria a piedosa resignação do justo que, seguro da sua fé, caminha de olhos fitos no divino idéal, passando, sem rasgar os vestidos da alma, por entre todos os espinhaes mundanos; ou seria o surdo desfallecimento de quem, a pura violencia, esmaga dentro do proprio peito a fecunda semente das suas mágoas, como a mãe desnaturada suffoca nas entranhas o palpitante fructo dos seus amores?

Vagarosamente atravessou a sala e foi sentar-se n'uma velha cadeira, ao lado da tosca mesa de carvalho.

A criada e o hortelão acompanhavam-lhe os movimentos com um lastimoso olhar.

— Bôas noites, tia Salomé, bôas noites, mestre Jeronymo, disse elle, cumprimentando-os humildemente.

— Deus Nosso Senhor lhe dê as mesmas, senhor vigario! respondeu a criada, quasi que ao mesmo tempo que o hortelão.

E a bôa velha, pensando em Robino, que continuava a dormir a um canto, foi tratar de afastal-o d'alli, para poupar a Angelo o espectaculo d'aquella immoralidade.

Mal, porém, lhe pôz as mãos em cima, o pequeno gritou acordando:

— E' de virar! E' de virar! Hup! Hup! Hurrah!

— Que é isto?... perguntou Angelo, voltando o rosto.

— Ora! Que ha de ser?... explicou a criada, enquanto Jeronymo carregava o pequeno lá para dentro. E' o mariola do Robino que está que se não póde ter nas pernas! Se não fosse o hortelão, ficaria ahi estendido pelo caminho e talvez se afogasse na enxurrada, que vamos ter muita chuva! Seria bem feito!

Coitado!... murmurou Angelo.

— Coitado?! Ainda o Sr. vigario diz: « Coitado! »?... nunca vi cousa assim! Isto já não é bondade, é tolerancia de mais! ter pena de um maroto que se vai metter na taverna do Bruxo até ficar a cahir!... O Sr. vigario faz mal em proteger semelhante biltre, que para nada serve! Queria vêr se o despedissem d'aqui, onde elle encontraria quem o aturasse!...

— Por isso mesmo não devemos despedil-o...

observou o cura. Se elle não tem para onde ir, como quer a tia Salomé que o ponhamos fóra de casa? seria matal-o de penuria!...

A criada abaixou a cabeça e disse, de si para si, a endireitar o seu avental: — E' mesmo um coração de anjo!...

— Ouça, minha boa Salomé... acrescentou 'Angelo, pousando-lhe a mão no hombro; você ás vezes finge-se má... Aposto que, se eu expulsasse d'aqui o Robino, seu coração, minha irmã, soffreria com isso mais do que o d'elle proprio...

— Não digo o contrario, Sr. vigario, mas...

— Porque então ha de fingir-se aquillo que não é?... porque ha de dizer o que não sente?... porque fazer-se má, quando os seus sentimentos são humanos e compassivos?... Saiba, pois, que tanto se offende a Deus com a falsa maldade, como com a verdadeira. Com a falsa ainda mais se offende, porque a outra tem a sua absolvição na fatalidade dos instinctos, ao passo que esta é toda producto do raciocinio, e como tal deve ser punida. Se Robino é um miseravel, é um perdido, por isso mesmo devemos soccorrel-o; se não dispõe de ninguem por si, devo eu estar ao lado d'elle, e, se eu tambem o abandonasse, ainda ficaria Deus, que não abandona nunca os desgraçados.

E proseguiu, depois de uma pausa, deixando-se arrebatado no vôo do seu amoroso enlevo pelas cousas mysticas:

— O santo missionario Francisco Xavier, quando percorreu a longa India com a sua esfarrapada sotaina, tocava uma campainha para attrahir o povo, e entre este ia escolhendo os desgraçados de toda a especie, para soccorrel-os e dividir com elles a melhor parte do seu pão e do seu coração. Schwartz, Marshman, e quantos outros soldados de Jesus, affagaram toda a escala das miserias humanas, como se percorressem o doce teclado de um órgão, entoando hymnos de amor á Virgem Purissima! Vicente de Paula, reduzido á escravidão em Argel, humilhou-se de tal modo e com tamanha devoção, que acabou convertendo o seu heretico senhor á fé catholica. E mais tarde, em Marselha, eil-o que desdenha a honrosa companhia do conde de Joigny, para ir cohabitar com os galés, até chamal-os, a todos, um por um, ao caminho da moral e da religião de Christo! Mas o proprio Christo?... Não foi elle quem recolheu nos seus braços a peccadora das peccadoras, a desgraçada repellida por todas as multidões? Não foi elle quem fez de Magdalena o louro archanjo da regeneração?... Não foi elle quem d'ella fez uma santa? Sim! Sim, Jesus, meu Mestre! toda a tua religião e toda a tua sabedoria se reduzem a esta palavra: — Amor!

E um longo suspiro sahiu-lhe do fundo d'alma.

Salomé, que do meio para o fim da divagação do presbytero se fôra commovendo progressivamente, dava agora repetidos soluços, limpando os olhos com o avental.

— Perdôe-me!... gaguejou ella; perdôe-me, Sr. vigario!... Vossa reverendissima tem toda a razão... Vossa reverendissima é um santo... mas que quer?... Eu estava contrariada... Eu estou muito zangada! Tenho que lhe ralhar!

— Porque, minha bôa irmã?...

— Ora, porque! porque vossa reverendissima pelo modo que vai, dá cabo de si!... Tem lá jeito! Levam até a estas horas com o estomago vasio, a andar por ahi todo o santo dia, em risco de lhe acontecer como ao frei Ozéas!...

— E todavia não tenho fome...

— Mas ha de sempre comer alguma cousa, senão é que me zango devéras!...

— Tenho é muito cansaço...

E assentou-se.

— Pudera não! Fazendo d'estas!... Isto até offende a Deus!

E, de carreira, foi lá dentro em busca do que havia para ceiar.

Angelo, mal se viu a sós, deixou pender a cabeça e poisou as mãos sobre os joelhos.

— Ah!... pensou elle. Como estou transformado, meu Deus!... Como eu proprio me des-

conheço!... Como sou miseravel e fraco!... (E agarrando o peito, desesperado.) Carne traiçoeira e maldita! de que lama és tu feita?... E não póder quebrar-te n'um instante, immundo barro sensual e podre!

Mas Salomé voltava com a ceia.

— Ingrato! exclamou ella. Eu que lhe havia preparado uma sopa tão appetitosa!... Vamos! Coma a'lguma cousa...

E enchendo-lhe o copo com o vinho que trouxe n'um cangirão: — Beba, Sr. vigario! beba um bom trago de vinho! Este ainda é da colheita do defunto padre René... Ah! o padre René!... Esse é que tinha sempre um appetite... que mettia gosto vel-o comer!... Comia tão bem o santo homem que, ás vezes, vendo-o jantar, jantava segunda vez! Um dia pregou-me uma formidavel indigestão!... Santa creatura!...

— Você o estimava muito, não é verdade, tia Salomé?... perguntou Angelo, tomando uma colherada de sopa.

— Como não?... Pois se o servi durante dezoito annos seguidos?... Se não fosse a congestão que o raspou, ainda...

— A congestão?! interrompeu o vigario. Pois elle não morreu atacado pela peste?...

— Qual o que! negou a criada, rindo. Isso foi uma ballela que se arranjou aqui em Montelil!... Os amigos d'elle entenderam que lhe

não ficava bem, como sacerdote, morrer de congestão, havendo tanta peste na aldeia...

— Ah!

— Coitado! Foi lástima! Bello homem! Não parecia ter setenta annos! Forte, sadio e trabalhador como gente!... A's vezes, depois do almoço, agarrava-se a uma enxada e dava-lhe para labutar, que tres ou quatro trabalhadores não lhe levariam a melhor! Não vê o senhor vigario toda aquella parte do muro do cemiterio que está reconstruida?... Pois quem foi que a levantou?...

— Ah! Elle tambem trabalhava de pedreiro?...

— Se trabalhava! Queria que o visse, em mangas de camisa e calças arregaçadas, pé no chão, a fazer barro e a carregar terra! Mas tambem, quando cahia na cama, era aquella certeza!

— Dormia bem?...

— E roncava, senhor vigario! roncava, que se ouvia de longe! Uma vez...

Um trovão mais forte estalou no espaço, fazendo tremer as folhas da janella.

— Chit! gritou Salomé, correndo até á porta; que tempestade vamos ter! Olha se o senhor vigario se demora mais um pouco!... Felizmente tenho ahi alecrim bento para queimar!...

Mas Angelo já não a ouvia. Tinha os olhos cravados no tecto.

— Então que é isso?... perguntou ella, tocando-lhe familiarmente no hombro. Já cahiu na scisma?... Vamos! coma ainda alguma cousa! Vá uma fatia de queijo. (Angelo repelliu o prato.) Sempre queria que me dissessem o que foi que o senhor vigario comeu!... Não sei do que se sustenta!... Se isto continúa assim, mando pedir ao boticario o remedio que elle deu ao filho do tio Curvado. Aquelle tambem não comia, nem á mão de Deus Padre, mas o boticario deu-lhe uns papelinhos, e o rapaz indireitou logo! Hoje, de gordo, não passa por aquella porta!

Interrompeu-a um novo trovão, mais forte ainda que o primeiro.

— Vulham-me São Jeronymo e Santa Barbara! Parece que vem hoje o mundo abaixo! Vou accender uma véla benta!

E sahiu da sala, a correr, benzendo-se com ambas as mãos, estonteada de medo.

Angelo, immovel na posição em que cahira esquecido, só d'ahi a pouco moveu com os labios, para murmurar entre dentes:

— « E se, apezar de tudo, encontrares alguma mulher, que te leve a sonhar estranhas venturas... »

— Oh! disse em voz alta; meu pai tinha razão!... tinha toda a razão!...

E erguendo-se, como se acordasse de um lethargo:

— Pois eu não terei energia bastante para reagir contra esta fraqueza?... Não poderei estrangular a matilha que me rosna no sangue?... Pois a idéa d'aquelle demonio matará em mim todas as outras idéas?... Oh, meu Deus, não é possível! seria uma injustiça! Uma tremenda injustiça!

Salomé reapareceu, para perguntar:

— Então, Sr. vigario! que faz que se não recolhe?... Vamos! Deite-se, que precisa de repouso. Já accendi o oratorio da Virgem. Não fique aqui a soismar!

— Vá! vá descansada, tia Salomé, que eu me recolho immediatamente. Boa noite.

Angelo, uma vez recolhido ao quarto, começou a passear de um para outro lado, entregue todo á sua implacavel preocupação.

— Não! protestou elle, estacando no meio do aposento, depois de longo meditar. Não! A idéa d'aquella mulher não matará meu coração e minha alma! Preciso não pensar n'ella! preciso arrancar d'aqui de dentro esta terrivel loucura, que me absorve, gotta a gotta, toda a substancia do meu espirito!...

E circumvagou em torno o olhar ancioso e desvairado.

— Mas, proseguiu o misero, como poderei não pensar n'ella, se, mal me vejo a sós, sinto-a comigo?... Sim! Sim! Ella aqui está e em tudo se denuncia!... Sinto-a perfeitamente; sinto-a

no perfume dos seus cabellos, no farfalhar do seu vestido, na tentadora luz de seus olhares!... Parece-me que, ao voltar-me, darei com ella, face a face, a sorrir-me de amor e a estender para mim seus braços peccadores...

E atirou-se de joelhos defronte da Virgem, com a cabeça pousada no rebordo do altar. Depois ergueu o rosto, e, de mãos postas, tentou dizer uma oração. Mas o seu espirito não acompanhava a religiosa palavra que seus labios proferiam, e o desgraçado, louco de desespero, deixou-se cahir por terra, soluçando, estendido ao longo do chão, como um cadaver.

Perdeu os sentidos.

Lá fóra a tempestade continuava, roncando no espaço.

No fim de algumas horas, Angelo passou da syncope ao somno, e começou a sonhar:

— Alzira minha amada... sussurrava elle, entreabrindo os labios; teu rosto é formoso como o rosto da Virgem, teus olhos são como os d'ella — fonte de amor e de ternura, são negros, são doces, augustos e supplicantes; teus cabellos côr de ouro valem pelo seu diadema de rainha dos céos, a carne do teu collo é tão macia como o setim do seu manto constellado... mas eu não te posso dar o meu amor, adoravel peccadora, porque me casei com a Igreja e dei o meu coração a Maria...

N'isto, bateram lá fóra tres fortes pancadas com a aldrava da porta.

— Não! não me chames!... continuava a sonhar o parcho. Não te approximes de mim, flôr de perdição! que eu morreria de pena se te fugisse, mas tambem morreria de remorsos, se tu ficasses nos meus braços. (Bateram de novo e mais forte.) Não! não irei abrir-te a porta! mas não desesperes, minha pobre amada!... Ainda nos havemos de reunir no Paraiso!... Seremos dous espiritos inseparaveis, que percorrerão abraçados os páramos de Deus! Então, como duas azas de anjo, viveremos unidos para sempre e sempre accordes.

Bateram de novo, ferozmente, e Salomé gritou lá de dentro:

— Quem é?

— Queremos falar ao Sr. cura, respondeu uma voz de fóra.

— Agora não é possivel! Voltem pela manhã!

— E' caso urgente!

— Mas elle está dormindo!...

— Precisamos fallar-lhe no mesmo instante!

— E no emtanto... sonhava o parcho; o teu amor deve ser mais doce que o mel das flôres... mais suave que o perfume da myrrha, e melhor e mais saboroso do que os vinhos de Chanaan!...

Salomé, devéras contrariada, entrou na sala de jantar, trazendo na mão uma candeia accesa, e foi até á porta do quarto de Angelo.

-- Tem lá jeito!... remungava ella a gesticular com o braço que trazia livre. Tem lá jeito!... Incommodarem o pobre homem, que ainda não ha muito se recolheu tão cansado!...

E bateu na porta do quarto.

Angelo acordou sobresaltado, ergueu-se e correu a saber quem era.

— Estão ali dous desalmados, que querem por força fallar ao senhor vigario. Eu disse logo que não era possivel; elles, porém, insistiram tanto, que...

— Fez bem em chamar-me, tia Salomé. Faça-os entrar immediatamente. São, com certeza, viajantes que precisam de agasalho!... Que entrem sem demora!... Veja o que ha ali para comer. Elles devem trazer fome...

A criada pousou a candeia sobre a mesa, e afastou-se resmungando.

D'ahi a pouco penetravam na sala dous homens corpulentos, envolvidos em longas capas de panno escuro.

Um d'elles era negro e tinha os olhos vermelhos de chorar.

— Com licença! disse o outro sacudindo o chapéo encharcado de chuva. Por Bacho! pensei não chegar aqui! Bôa noite, senhor cura!

Angelo cumprimentou-os.

— Os senhores, disse, são sem duvida forasteiros e querem agasalho, não é verdade? Vou dar as providencias para...

— Não, senhor cura, muito obrigado, agradeceu aquelle, detendo o parochó. Não queremos agasalho, temos até de voltar incontinentemente!...

— Por este tempo?... observou Angelo.

— Vimos pedir a vossa reverendissima para ir dar a extrema uncção a uma agonisante, que a reclama com insistencia.

— Pois não! pois não! respondeu o padre, correndo a tomar o chapéo e o capote. Estou prompto! Vamos! Onde é?...

— Logo ao entrar na avenida de Blancs-Manteaux, castello d'Aurbiny.

— Avenida de Blancs-Manteaux! exclamou a criada, que até ahi estivera de mãos nas cadeiras, a sacudir a cabeça, furiosa. Quasi uma lingua de distancia! Isso não póde ser! Não consinto!

Angelo foi ter com ella e disse-lhe em voz baixa:

— Cale-se, bôa Salomé... Não me queira desviar das minhas obrigações!...

E foi ainda lá dentro buscar o necessario para dar a extrema uncção.

— Mas é uma imprudencia o que o senhor vigario quer fazer!... insistiu aquella. Sahir de casa a estas horas e com este tempo!...

Ouviu-se um trovão.

— Valha-me Deus! exclamou ella. Os caminhos com certeza estão peiores que o mar!

— Trouxemos um cavallo para o senhor cura.

— Nem sequer trouxeram um carro! Não! Definitivamente o senhor vigario não vai, porque eu não consinto!

— Então, Salomé! disse Angelo; cale-se, minha irmã... O dever não deve olhar máos tempos e perigos mesquinhos...

A bôa velha, em vez de calar-se, collocou-se defronte d'elle, com os braços erguidos, e exclamou:

— Mas, por amor de Deus! repare que esta loucura vai fazer-lhe muito mal!... Lembre-se de que não está bom de saude!... Lembre-se de que...

Angelo interrompeu-a:

— E suppõe que eu poderia ficar aqui tranquillo, sabendo que alguém morre, pedindo inutilmente a confissão?... que eu poderia dormir descansado, lembrando-me que n'esse momento um moribundo me amaldiçoava, porque lhe faltei com os derradeiros soccorros á sua alma!...

E voltando-se para os dous homens:

— Vamos! vamos, irmãos! Estou ás vossas ordens!

E traçou a capa e sahiu, acompanhado pelos outros dous.

D'ahi a pouco, tres cavalleiros negros cortavam a estrada e entranhavam-se na floresta, galopando na treva, como fantasmas.

Pareciam voar nas azas da tempestade. E, a cada relampago, os cavallos aterrados relin-

chavam, accelerando a vertigem do galope.

Só pararam defronte do velho e sombrio castello d'Aurbiny.

Angelo apeou-se, e ao transpôr o largo portão de pedra, em cujo frontal havia ainda as armas fidalgas de uma grande familia extincta, sentiu a alma tolhida por um vago e aspero presentimento de desgraça.

Mas entrou sem hesitar e subiu a longa e esborcinada escadaria de marmore, conduzido por um pagem de libré vermelha, que o veio receber á porta.

PRIMEIRO BEIJO DE AMOR

Em uma desarranjada alcova do velho castello, entre mesas cobertas de frascos de remedio e estojos de cirurgia, ha uma cama com um cadaver de mulher.

Esse cadaver é de Alzira.

Tem soltos os cabellos, que lhe correm de uma e de outro lado do rosto. Os braços sahem-lhe das largas mangas de uma tunica branca, e cruzam-se piedosamente sobre o frio e apagado peito.

Ella, de tão serena que tem a physionomia, parece dormir um somno que não é o derradeiro, e nos seus labios gélidos, para sempre unidos pela morte, ha como que a sombra do ultimo sorriso que por elles passou.

Ao lado da cama, enterrado no fundo de uma poltrona e com o rosto escondido no lenço, Arthur Bouvier chora silenciosamente; junto d'elle o conde de Saint Malô, tambem mudo, contempla o cadaver. E o Dr. Cobalt, com o ar prosurado e a roupa em desordem, arruma a sua carteira de medico e prepara-se para sahir.

— Não me surpreendeu esta morte... disse afinal o conde. Ha muito que a previa...

— Foi um verdadeiro suicidio!... declarou o doutor. Não é impunemente que se leva a vida de extravagancias, a que esta pobre fapariga se atirára por ultimo... Não ha duvida que queria dar cabo de si!

— Pobre louca!... murmurou Bouvier com um suspiro. Dir-se-ia que uma implacavel sêde de commoções a devorava incessantemente!... Quantas vezes, n'estas ultimas orgias da sua vida, a vi ardendo em febre, a tossir, a escarrar sangue, sem animo todavia de recolher-se á cama. Pobre Alzira!

O medico, que acabava de arrumar os seus ferros, disse, approximando-se dos outros dous:

— Moralmente, coitada! foi sempre enferma... Soffreu muito! soffreu muito, porque só desejava o que não podia obter. Fingia-se a mulher mais insensivel do mundo, quando, em verdade, era de uma delicadissima sensibilidade nervosa. Se vivesse ainda por muito tempo, acabaria louca sem duvida!

— Pobre Alzira! repetiu Bouvier.

— Mas o caso é que está morta, disse o conde; e nós, ultimos amigos que a acompanham, precisamos completar a obra, dando-lhe um enterro condigno da sua belleza.

E, vendo que acabava de assomiar a porta a figura de Angelo:

— Ahi está o padre!

Angelo cumprimentou-os com um respeitoso movimento de cabeça, e parou á entrada.

O Conde foi ter com elle e apertou-lhe a mão.

— Já chega tarde, Sr. padre Angelo... não encontra uma agonisante, encontra um cadaver...

— Expirou ha duas horas. . declarou Bouvier, pondo a mão sobre o rosto da morta. Já principia a enregelar...

O parcho, que lentamente se approximára do cadaver, ao dar com aquella branca figura de marmore estendida sobre a cama, soltou um grito e começou a tremer, arquejante e livido.

Bouvier e o conde acercaram-se d'elle, emquanto o Dr. Cobalt, a certa distancia, attentamente o observava com os seus olhos de medico apaixonado pela sua sciencia.

— Não é nada... não é nada... tartamudeou Angelo, procurando esconder a sua tremenda commoção. O espectaculo da morte produz-me sempre este abalo. Não é nada!... Peço-vos que me deixeis um instante só com o cadaver... Vou encommendal-o a Deus.

— Pois não... Pois não...

— Fique á vontade, senhor cura, accrescentou o materialista. Nós passamos á sala de jantar, mesmo porque temos necessidade de comer alguma cousa. Desde pela manhã que aqui es-

tamos a lutar com a morte. Fique, e desejo que os seus esforços sejam mais proveitosos que os meus. Até logo.

Os tres sahiram da alcova.

Angelo foi acompanhá-los á porta, affectando grande tranquillidade, mas, logo que o pesado reposteiro de damasco se fechou sobre elles, explodiu-lhe do peito uma onda de soluços, e o misero precipitou-se para junto do cadaver e cahiu de joelhos, abraçando-lhe o pescoço e beijando-lhe as mãos.

-- Ah! exclamou transportado pela paixão. Posso emfim estreitar-te agora nos meus braços! Já não és uma mulher, és simples materia inerte! Já não és o fructo prohibido! já não és o ente perigoso que nos leva a sonhar estranhas venturas!... E's pó! és nada! Posso agora ao teu cadaver dizer tudo, confessar-lhe o meu pobre amor, o muito que soffri, as longas horas de amargura que arrastei na minha negra solidão! Deus não me castigará por isso! Minhas palavras de amor ficarão contigo, adoravel despojo, sepultadas debaixo da terra! Não! não estou peccando, porque não é á tua carne que eu me dirijo, é á tua alma, e essa não pertence ao mundo, essa não tem sexo!

E, allucinado, accrescentou, como se a morta pudesse ouvil-o:

— Sim! sim! Eu vos amo, eu vos adoro, alma

que te partiste para sempre! corpo que váis para sempre desapparecer da superficie da terra! Eu te amo, Alzira! Eu te amei sempre!

E uma vertigem se apoderou d'elle, e o seu sangue enlouqueceu, accendendo-lhe os sentidos, e apagando-lhe n'aquelle instante a luz da razão.

Soltou um grito. Aos seus olhos desvairados, Alzira acabava de erguer-se a meio no leito, e abria as palpebras, estendendo-lhe os braços com um fugitivo e triste sorriso nos labios.

— Meu Deus! meu Deus! exclamou elle, tremulo e aterrorisado. Que significa isto?... Ainda vives, Alzira?... mas como é que vives, se o teu corpo tem a gelidez da morte?...

E Angelo viu distinctamente que os labios d'ella se moviam, para lhe responder com uma voz quasi indistinguivel:

— Sim, vivo ainda... um instante apenas, um ligeiro instante; o que baste para encher minh'alma com a tua imagem immaculada e santa, antes que eu parta eternamente para as margens desconhecidas que já d'aqui avisto...

— Meu Deus! soluçou Angelo; perdôa-me! perdôa-me!

— Descança, segredou ella, afagando-lhe os cabellos; Deus, que é bom pai, não amaldiçoará o nosso amor... Elle quer que as suas creaturas vivam aos pares e se amem como nós nos amamos... E eu te amei tanto, meu Angelo, tanto.

que Deus perdoou todos os meus crimes só pelo muito que te amei e pelo muito que soffri com ser repellida do teu seio! Eu, a mais depravada de todas as mulheres, eu, que só causei mal durante a minha existencia, não tenho animo de levar minh'alma á presença de Deus, se para sempre não me fechar os labios um beijo do homem mais puro entre todos os que a terra habitam! E' isso que vim pedir-te! Dá-me um beijo, e minh'alma voará purificada aos pés do Creador! Um só beijo dos teus, tão puro e divino, me resgatará de todos os outros, cynicos e vis, que dei durante a vida inteira!

—Eu te amo, Alzira! respondeu Angelo.

E seus labios collaram-se aos labios d'ella, no extase de um primeiro beijo de amor.

Depois, Alzira soltou um fundo e doloroso suspiro e deixou-se cahir de novo para traz, outra vez cadaver.

O allucinado passou-lhe então a mão no rosto, sacudio-a pelos braços e, sentindo-a de novo tão hirta e tão gelada, soltou um formidavel grito de agonia e perdeu os sentidos, cahindo com a cabeça sobre o collo da morta.

Com o grito de Angelo acudiram os que estavam lá dentro, vindo na frente o Dr. Cobalt, que correu logo para junto do padre e começou a observá-lo, radiante como se n'esse momento acabasse de descobrir um thesouro preciosissimo.

— Está sem sentidos! disse, e accrescentou entre dentes, enquanto o apalpava. Que achado! Que rico achado!... Já não o largo!... E' meu! Creio que afinal encontrei o caso que eu ha tanto tempo procuro!...

O conde e Arthur Bouvier entreolharam-se, interrogando mutuamente que significaria aquelle singular sacerdote, que diziam santo, assim desfallecido sobre um inanimado corpo de mulher.

Angelo, entretranto, continuava tão immovel, tão pallido e tão morto sobre a morta, que parecia um cadaver perseguindo em silencio outro cadaver.

POR FORA D'HORAS

O Dr. Cobalt, ajudado pelo conde e por Bouvier, tratou de remover Angelo do funebre leito de Alzira, para um divan que havia na alcova.

O parochó continuava inanimado.

O medico que estivera a tentear-lhe o rosto e as mãos, disse, sem deixar de observal-o minuciosamente:

— O cadaver communicou-lhe o terrivel frio da morte... Vejam como elle tem as faces e as mãos geladas!

— E como está hirto e pallido!... considerou o conde. Parece morto...

— Não! não está morto!... declarou Cobalt, pondo-lhe o ouvido sobre o peito.

— Sente pulsar-lhe o coração? perguntou-lhe aquelle.

— Não! Não se ouve absolutamente pulsar-lhe o coração, mas afianço-lhes que está vivo.

— E' extraordinario!... notou Arthur Bouvier, apalpando a fronte do defallecido.

— Mas, afinal, doutor, que tem este pobre homem? indagou o conde.

— Nada mais simples, explicou o medico; tem um ataque de lethargia... ou cousa que o valha!...

— Ah!

— Producto sem duvida de um profundo abalo nervoso. Vou tratar d'elle. Hei de cural-o e estudar o caso, que me parece muito bonito. O que me convém saber, é qual era o seu estado pathologico antes d'esta crise, e qual o valor dos agentes estranhos que poderiam ter contribuido para ella. Como sabem, a nossa sciencia n'este ponto ainda está muito atrazada em toda a Europa. Quasi nada se conhece d'esse grande mundo, extraordinario, fantastico, impalpavel, quasi incomprehensivel; esse mundo de phenomenos psychicos fornecido pelas affecções nervosas! Basta dizer-lhes que entre nós a hysteria é ainda um mysterio; a suggestão magnetica é um divertimento! as suas singularissimas manifestações escapam ao medico e são exploradas pelo clero, que as explica como obra do diabo e receita para todos os casos os milagres de Saint-Médard! Estamos mais atrazados que nas épocas empiricas de Platão; mas, tempo virá, meus amigos, em que esta mesma França, ignorante de hoje, ha de dar sobre este assumpto as mais bellas lições de sciencia. O futuro vingará a minha obra, tão ferozmente amaldiçoada pela Sorbonne e pelo Parlamento! Juro-lhes que a hysteria, com todo o seu carnavalesco e brilhante

cortejo de loucuras, não será um mysterio no seculo XIX!

— E quanto tempo levará este homem sem dar acôrdo de si?... quiz saber Arthur,

— Não sei,.. respondeu Cobalt. Ainda não posso dizer ao certo, se o que elle tem é uma crise cataleptica, ou se cahiu em lethargia hysterica. Se fôr catalepsia, póde a syncope durar pouco e póde tambem durar muito; póde durar apenas algumas horas, como igualmente póde durar mezes...

— Mezes?...

— Pois não! Ha casos observados de prostração cataleptica, que duram mais de cem dias... Espere! Vou fazer uma experiencia...

E foi buscar um frasquinho de ether, que levou ao nariz de Angelo. Este conservou-se immovel.

— Não! não póde ser simples catalepsia... declarou o medico. Com a acção do ether, os catalepticos põem-se em movimento e reproduzem inconscientemente, por mimica, a scena que lhes determinou a crise.

— Então é lethargia...? disse o outro.

— Creio que sim... E, se fôr... oh! os senhores não imaginam que sonhos extravagantes, que visões, que fantasias, póde elle experimentar durante esse estado!... Foi isso o que no outro tempo levou muita gente á fogueira; taes cousas viam os hystericos nos seus delirios e

taes cousas juraram ter presenciado, que os santos padres resolviam queimal-os, convencidos de que os infelizes eram feiticeiros ou tinham o diabo no corpo. E, mesmo agora, todas essas convulsionarias, que infestam Pariz, protegidas pelos jansenistas, e que pretendem cahir ás vezes em estado de inspiração divina, para conversarem com os espiritos e outros seres sobrenaturaes, o que mais são do que hystericas sinceras ou fingidas?...

— Pobre moço!... lamentou Bouvier, considerando a pallida figura de Angelo estatelada sobre o divan. Ahi está em que deu tanta pureza de corpo e alma!...

— Agora o que convém, tornou o medico, é afastal-o d'aqui, e prohibir que lhe fallem no occorrido. A presença d'aquelle cadaver aggravaria o seu estado e poderia ser-lhe fatal. E' preciso poupar-lhe esse perigo. O melhor será que desperte da lethargia já em casa, deitado na seu proprio leito; e, como já não sou necessario n'este logar, encarrego-me de acompanhal-o a Monteli. Ficam os senhores para tratar do enterro.

— Mas, doutor, observou o conde, permitta que lhe lembre que a noute está horrivel e que o padre Angelo, se me não engano, não mora tão perto!

— Não importa! sei onde é... Levo-o na minha carruagem. Os cavalloes são bons e o co-

cheiro conhece bem o caminho! D'aqui a pouco estarei lá.

— Como quizer... Uma vez que se interessa tanto pelo padre Angelo...

— Não é o homem que me interessa, declarou o medico, enfiando o seu longo capote de jornada; é o doente. O conde não ignora que eu tenciono apresentar ainda este anno á Academia umas memorias a respeito de certas enfermidades nervosas, que não foram estudadas em França... Preciso d'este enfermo como de pão para a bôca!

E foi chamar os criados, e ordenou-lhes que levassem Angelo para o seu carro, o que elle mesmo ajudou a fazer, com uma solicitude de namorado a raptar a amada desfallecida.

— Cuidado, hein! gritou elle a Amilcar, quando o negro se apoderou do parochó. Adeus, conde! Adeus, Bouvier!

E sahiu, acompanhando de perto o seu thesouro.

Durante a viagem não tirou a mão do pulso do hysterico e, por varias vezes, debruçou-se sobre elle, auscultando-lhe o peito.

Continuava a lethargia.

Salomé, quando viu seu amo entrar em casa carregado a braço por dous homens, levou as mãos á cabeça, e desandou n'uma terrivel imprecação, contra todos os que tinham contribuido

para fazel-o sahir áquella noite, fóra d'horas e por um temporal de morte.

— Maldictos sejam! exclamou ella; que me obrigaram o pobre homem a commetter tamanha loucura! Agora, está ahi! Vejam como elle volta! Que digam se eu tinha ou não tinha razão!

O medico tapou-lhe a bôca com uma moeda de ouro, enquanto depunham o defallecido no quarto, sobre o leito.

— Tome lá para o seu rapé... disse aquelle, e não precisa affligir-se, tiasinha! O parochó não está abandonado, nem corre o menor perigo. Sou medico e não o deixarei enquanto elle precisar dos meus soccorros. Apenas desejo que a senhora me ajude n'aquillo que fôr preciso...

— Estou ás suas ordens, senhor doutor...

— Bom! Pois então, em primeiro logar, nada de gritaria, que isso só serve para fazer mal; em segundo: vai a senhora contar-me minuciosamente como tem vivido aqui, até hoje, o nosso vigario, o que tem feito elle, e quaes os incommodos que tem soffrido.

E Cobalt, enquanto ella dava conta da existencia de Angelo, escutava-a com os olhos fitos no chão, e só a interrompia para lhe pedir novos esclarecimentos sobre algum ponto que não ficára logo bem explicado.

Depois, tirou a sua carteira, tomou algumas notas a lapis, e em seguida foi sentar-se á cabe-

ceira do leito do doente, consultando o relógio de instante a instante.

Assim esteve até pela manhã, quando percebeu que Angelo ia voltar a si.

Ergueu-se na ponta dos pés e foi ter com a criada, que dormia a um canto da sala de jantar, sentada n'um banco de páo.

— Olhe! disse-lhe em voz baixa. O vigário vai despertar... E' preciso ter todo o cuidado com elle, entende?... Observe-o com attenção para me dizer depois o que se passar. Convém que elle me não veja e que não desconfie sequer que eu cá estive... E' preciso não deixal-o perceber que está doente, porque senão ficará peor e talvez perdido... A respeito de tudo que se deu aqui esta noite — nem palavra, ouviu? Isso é o principal! A menor palavra a esse respeito pol-o-hia doido! Todo o cuidado é pouco!

Salomé, de bôca aberta e olhos arregalados, ouvia-o sem pestanejar.

— Mas, disse ella, e se o senhor vigário me fizer alguma pergunta a respeito do que se passou á noite?...

— Finja que de nada sabe. Assim é preciso, se a senhora não o quer ver doido varrido! Adeus. Não se descuide, hein?... E tome lá de novo para o seu rapé! Até logo. Eu voltarei mais tarde.

Deu-lhe outra moeda e sahiu, andando cautelosamente, como se receiasse acordar alguem.

Angelo, entretanto, acabava n'esse momento de voltar a si.

Abriu os olhos, passeou-os estranhamente em volta da cama, depois tornou a fechal-os, deixou cahir de novo a cabeça sobre o travesseiro e começou a dormir, como se continuasse um somno, apenas por um instante interrompido.

Eram duas da tarde quando se ergueu do leito.



V

ENTRE A VIDA E O SONHO

Depois d'aquelle immenso temporal da noite inteira, o dia abriu formoso e resplandecente de luz. A areia dos caminhos brilhava, seccando ao sol; as chaminés das cozinhas atiravam para o ar pennachos côr de perola, que se agitavam suavemente ás brisas refrescadas pela chuva.

A aldeia parecia sorrir. Os pardaes saltavam por toda a parte e grasnavam por entre as ripas dos telhados. As borboletas sahiam do mysterio dos seus casulos, e vinham peraltear á grande claridade dos vergeis alegres e floridos.

Angelo, entretanto, continuava a dormir profundamente, como um enfermo que acabasse de escapar á morte, depois de ter atravessado muitas noites em claro. Não sonhava, não se movia no leito. Era um somno de pedra.

Quando acordou ás duas horas, fez as suas orações, tomou um copo de leite, que lhe haviam posto á cabeceira da cama, e deixou-se ficar no quarto até ao momento de ir rezar ás Trindades na capella.

Sahiu em silencio, em silencio atravessou por

entre os aldeões, e foi collocar-se defronte do altar, com os braços abertos, e os olhos perdidos no vago, immoveis, a desfiarem lagrimas.

Já não eram lagrimas de sacerdote, era o seu ferido coração de homem que sangrava.

Por esse tempo, Jeronymo e Salomé conversavam lá fóra, sob o velho parreiral que havia em frente á pobre vivenda do parochó.

Fallavam em voz baixa, como se conspirassem.

— Ora, segredou o hortelão, muito me conta a tia Salomé a respeito do nosso vigario!... Bem me dizia vocemecê ainda hontem que o homem ás vezes parecia apatetado! ..

— Não estou nada satisfeita, mestre Jeronymo! Durante o tempo do defunto padre René nunca vi cousa assim! O padre René contava-me tudo, tudo que se passava com elle; ao passo que este agora, nem só nada me diz, como ainda por cima o medico me prohibe de lhe fazer perguntas!... Tem lá geito!

— Ah! o Dr. Cobalt prohibiu de lhe fallar, hein?

— E' exacto! Jurou-me que, se o senhor vigario ouvisse uma só palavra do que se passou de hontem á noite para hoje, ficaria doido varrido...

— E o que foi que se passou, tia Salomé?

— Sei cá o que se passou! E, ainda que o soubesse, não n'ó diria, porque o medico prohibiu!

— O medico prohibiu de contar ao senhor vi-gario e não a mim... Ora essa!

— Não sei! Prometti de não contar, não conto a ninguem!

— A tia Salomé terá receio de que eu tam-bem fique com a bola virada ao ouvir a tal his-toria?... Se o caso é esse, perca o receio e desem-buche, que eu cá respondo por mim!

— Mas é que eu de nada sei, homem de Deus!

— Não sabe?... Então a que vem a recom-mendação do doutor?...

— Naturalmente cuida que estou a par de tudo... E confesso que já agora não se me dava de saber que historia é essa, que põe a gente com o juizo transtornado...

— O que me parece, tia Salomé, é que para o vermos doido, não é preciso que vocemecê lhe conte a tal historia!...

— Para longe o agoiro, mestre Jeronymo!

— Ora! Um homem que anda sempre como se estivesse dormindo em pé!... Supponho que nem dá pelo que se passa em redor d'elle...

— E' um santo!

— E'! por isso anda sempre lá pelo céo, com a lua.

— Credo, mestre Jeronymo! Isso não se diz. Você está ficando atheu!

Foram interrompidos pelo Dr. Cobalt, que surgiu por entre duas moitas de verbena, a olhar mysteriosamente para todos os lados.

— Onde está elle?... perguntou ao ouvido de Salomé. Sahiu para a rua?...

— Não, Sr. Doutor, está rezando ás Trindades. O senhor vigario, sempre que não diz missa, reza ás Trindades.

— Você nada lhe disse, hein?...

— Não trocámos palavra. Elle só sahiu do quarto para ir direitinho para a capella.

E, como o sino principiasse a tocar, a criada accrescentou: — Acabou a reza! O senhor vigario vai voltar naturalmente.

— Bom! bom! disse o medico, apressando-se. Vou, antes que elle chegue. Não lhe diga que estive aqui, percebe!

— Sim, Sr. doutor.

E Cobalt resmungou contrariado:

— E eu que tenbo de partir esta noite para Pariz!... Diabol!

Voltou-se para Salomé e fallou-lhe de carreira: — Olhe, minha amiga, preciso afastar-me d'aqui, não sei por quanto tempo... você fica encarregada de, quando eu voltar, dar-me conta de todos os passos do nosso doente. Tenha todo o cuidado com elle, que eu a recompensarei. Não o contrarie nunca, ouviu?... Não o apoquente, e principalmente não lhe dê uma palavra a respeito do que se tem passado. Observe-o bem. Adeus. Sáio aqui pelos fundos da casa, para me não encontrar com elle. Tome para o rapé!

E fugiu, depois de atirar-lhe na mão uma nova moeda.

— Deus lhe pague, Sr. Doutor.

E accrescentou para o hortelão:

— Muito gosta este homem de dar dinheiro para rapé!...

— E' um medico exquisito, observou aquelle; tem medo de encontrar-se com o seu doente...

— Bem, mestre Jeronymo, vou lá para dentro cuidar da merenda do Sr. vigario.

— Eu tambem me vou chegando, tia Salomé. Bôa noite.

— Deus lhe dê as mesmas!

E Salomé afastou-se para recolher-se á casa.

Angelo, n'esse instante, acabava de sahir da capella e atravessava o jardim.

Entrou na sala de jantar como um somnambulo, sem olhar para os lados, e foi assentar-se no banco ao lado da mesã, fitando inalteravelmente o tecto.

Estava muito mais pallido e mais abatido que na vespera.

A criada approximou-se para lhe dar bôa noite. Elle não respondeu, nem fez com a cabeça o menor gesto.

Ella sahiu da sala, demorou-se um pouco lá dentro, e voltou com o candieiro acceso.

Angelo durante esse tempo conservou-se na mesma immobildade.

— O senhor vigario quer tomar já a sua sôpa?... perguntou a bôa velha.

E, como não recebesse resposta, chegou-se mais para elle, segurou-lhe o braço com brandura e repetiu a pergunta.

Angelo tomou-lhe as mãos e fixou-a.

— Diga-me uma cousa, minha bôa amiga... pediu elle. Que horas eram, quando hontem á noite vieram chamar-me aqui?...

— Aqui?... repetiu Salomé, desviando a vista.

E acrescentou de si para si: — Agora é que são ellas!...

— Sim, insistiu o parochó; refiro-me áquelles dois homens que vieram buscar-me á noite...

— Que homens?...

— Oh! Aquelles com quem eu sahi a cavallo...

Salomé engoliu em secco, estalou varias vezes a lingua contra o céo da bôca, e declarou afinal, tomando uma resolução:

— Vossa reverendissima hontem á noite não sahi de casa!

— Não sahi?!...

E Angelo ergueu-se, abrindo muito os olhos. Como não sahi?!...

— Não sahi, não senhor. Vossa reverendissima recolheu-se hontem ao seu quarto e só appareceu hoje á tarde para rezar ás Trindades...

O parochio tornou a segurar-lhe as mãos, e perguntou-lhe, devéras abysmado:

— Pois eu não sahi hontem com duas pessoas que vieram chamar-me?... Pois não foi á senhora, tia Salomé, quem me acordou?... Não me disse até que era uma temeridade sahir com o tempo que fazia?...

— Eu?! Eu, não senhor!...

Angelo levou as mãos á cabeça e exclamou:

— O' meu Deus! eu estarei louco?...

Salomé abaixou os olhos, dizendo comsigo mesma:

— Quanto mais se eu confessasse a verdade!...

O padre poz-se a scismar, passeando ao longo da salla. — Seria um sonho?... pensou elle. Ella em verdade não teria morrido?... Estará viva?...

— Posso trazer a merenda, Sr. vigario?... perguntou a criada.

E accrescentou para si, vendo que elle não dava resposta: — Coitado! se eu pudesse dizia-lhe tudo!...

E sahiu.

— Foi um sonho!... não ha duvida... Logo eu, de facto, não pequei!...

E respirou alliviado, encaminhando-se para a mesa.

— Mas, é estranho!... continuou elle a pensar; nunca sonhei assim!... Seria capaz de jurar que não sonhei — que vivi... Verdade é que nem tudo apparece claro e lucido no meu es-

pirito... (E procurou recordar-se). Não consigo lembrar-me do que eu fazia hontem á noite antes de adormecer... Recordo-me que pensava muito em Alzira, tanto que me puz a rezar de frente da Virgem, mas... a Virgem transformou-se em Alzira... Estaria já sonhando, ou tudo isto já seriam allucinações do meu delirio?... Depois, era Alzira que tomava as feições da Virgem... Sim! lembro-me perfeitamente... Depois, sonhei que bateram lá fóra e sonhei que Salomé me acordára... Surgem-me dous homens vestidos de negro e pedem-me para ir dar a extrema unção a um moribundo... Vou... A noite era tenebrosa e só os relampagos nos illuminavam a estrada... Galopámos não sei por quanto tempo... afinal parámos defronte de um velho castello; subo... Receberam-me tres cavalheiros... Approximei-me de um cadaver... reconheci Alzira... Apertei-a nos meus braços... Ella voltou á vida... pediu-me um beijo e... morreu! Depois... (E procurava recordar-se) Depois... nada mais me lembro, senão que acordei já tarde, n'aquelle quarto, sobre a minha cama... Foi tudo um sonho, não ha duvida!...

— E, no emtanto... accrescentou elle, apalpando a fronte e as mãos; no emtanto, dir-se-ia que ainda conservo o frio que me communicou o cadaver!... E' singular! muito singular!...

Despertou d'este devaneio com a voz de Ro-

bino, que acabava de apparecer á janella, mettendo a cabeça para dentro da sala.

— O senhor vigario deixa-me entrar por aqui?... exclamou elle.

— Quem é?

— Sou eu, senhor vigario. A tia Salomé, de má, fechou-me a porta! O senhor vigario consente que eu entre?...

— Sim.

Robino saltou a janella e foi ter com o padre, que continuava entregue á sua profunda meditação.

— Bôa noite, senhor vigario, disse elle. A tia Salomé não tinha razão para me fechar hoje a porta!... Eu não estive na taverna do Bruxo!... Eu fui ver o enterro da tal moça de Pariz, que estava na avenida de Biancs-Manteaux...

— Hein?! Que dizes tu?! exclamou o parcho, voltando-se para elle com subito interesse.

— E' verdade, senhor vigario, que lindo enterro! Parecia uma procissão!...

— De quem era o enterro?...

— Da tal moça que veio doente para o castello de Aurbiny... Ia na frente um carro com o caixão, todo enfeitado de plumas pretas e amarellas; depois...

Angelo interrompeu-o:

— Estás dizendo a verdade? ...

— Pois se venho agora mesmo de lá, a cor-

rer, para não encontrar a porta fechada?... A tia Salomé disse-me que não me deixaria entrar, se eu viesse depois das Trindades!...

— Como se chamava a morta?...

Robino fez um esforço para lembrar-se.

— Chamava-se... Ora! estou com o nome de baixo da língua!... Chamava-se... Ah! Condessa Alzira!

— Não era um simples sonho!... murmurou Angelo, deixando-se cahir na cadeira, a sacudir tristemente a cabeça. Não era um simples sonho!...

VX

MAIS FORTE QUE A MORTE

Salomé, que entrava trazendo na mão a bandeja com a merenda estacou, ao dar com Robino.

— Por onde entrou este mariola?...

— Pela janella, disse o rapaz.

— Pela janella?!

— Foi o Sr. vigario que me deu licença... accrescentou Robino, coçando a nuca e passeiando o olhar entre a criada e o padre.

— Pois o Sr. vigario fez muito mal!... declarou a mulher, depondo a bandeja sobre a mesa. Fez muito mal em deixar este tratante saltar a janella! Assim elle nunca tomará caminho! Não sei o que quer dizer um biltre, que...

Angelo cortou-lhe a phrase, segurando-lhe uma das mãos com ambas as suas.

— Minha bôa Salomé, interrogou vivamente interessado; diga-me com toda a franqueza uma couza: está bem certa de que eu hontem á noite não sahi de casa?... Vamos! responda-me lealmente!

— Peior vai o negocio!... pensou a criada, e accrescentou em voz alta: — Como quer que lhe diga que não, Sr. vigario?...

Angelo voltou-se para o pequeno:

— E tu, perguntou-lhe, estás bem certo de que viste o enterro da...

— Da condessa Alzira?... acabou Robino. Ora se estou! Pois se de lá venho!

— Eu cada vez entendo menos... resmungou Salomé.

E disse, de si para si: — Muito custa a mentir, mesmo por conta alheia!...

Depois, continuou em voz alta, fallando ao cura, que parecia muito preocupado:— O verdadeiro, Sr. vigario, é tomar a sua merenda, que está esfriando, e deixar-se de querer saber de cousas que se não explicam!... Bôa noite! Vou accender o altar da Virgem... Agora, veja se se deixa ficar ahi, a scismar, em vez de fazer a sua refeição...

E, dando uma palmada na cabeça de Robino: — Anda tu tambem d'ahi, ó cousa ruim!...

— Bôa noite, senhor vigario!

Angelo, ao ficar só, cruzou as mãos sobre o ventre e fechou as sobrancelhas fixamente, no mais intenso ar de interrogação e de pasmo.

— Com que... pensou elle; sonhei que a vi morta, e ella com effeito morria, justamente n'essa occasião... Logo, Deus não me abandonou de todo, e, ao contrario, protege-me, en-

volvendo-se n'este meu amor peccador e profano!... Ah! sim, recordo-me agora que, no estranho sonho d'essa noite, a propria Alzira me dizia que o Creador é o grande e nutriente manancial de ternura, que noite e dia se derrama sobre o mundo, para o fecundar, como o sol fecunda a terra!... Sim! sim! agora tudo comprehendo! E' Deus que vem em meu soccorro! é Deus que me acode e me apparece em sonhos, como fazia antigamente com os eleitos do seu amor!... Sim! é que o pai misericordioso, reconhecendo a minha innocencia e a pureza do meu desespero, enviou-me por um dos seus anjos o beijo de paz!...

E, abrindo ambas as mãos sobre o peito, respirou desabafadamente, e, cousa que havia muito não fazia, sorriu.

— Ah! suspirou; que doce tranquillidade sinto agora invadir-me a alma!... Obrigado, meu bom pai! meu bom senhor! meu bom amigo!

E deixou-se cahir de joelhos no chão, com os braços abertos e os olhos erguidos para o céu, na favorita postura dos seus extasis.

— Meu protector e meu abrigo, disse contrictamente; ás vossas sacrosantas mãos me entrego todo, para que me protejaes contra as cousas vis e torpes d'este lameiro de lagrimas!... Minha alma já não sente o frio que a torturava; sente-se aquecida e agasalhada no aconchego do

vosso peito de amor e perdão, sente-se fortalecida na fé e na confiança da vossa infinita bondade! Meu coração, pai dos desamparados, já me não quer saltar encandecido de dentro do peito em braza, e meu sangue já me não ameaça suffocar o cerebro com uma terrivel e infernal onda de fogo... Obrigado, meu Deus!

E accrescentou, depois de respirar de novo, sorrindo para o espaço:

— A luz da vossa divina graça principia a illuminar-me, como nos primeiros tempos da minha virginal pureza d'alma. Vou adormecer como d'antes, como um justo, como um dos vossos servos bemaventurados... Amanhã poderei emfim celebrar o sacrificio da missa, sem o menor escrupulo de consciencia... Já não receiarei que meus labios queimem a hostia consagrada com o fogo que os abrasava... Obrigado, meu Deus!

E fez o signal da cruz, ergueu-se, e recolheu-se á cama.

D'ahi a pouco dormia tranquillamente, sorrindo como uma criança.

A casa adormeceu tambem. Só se ouvia o vento da noite sussurrar nas folhas dos castanheiros lá fóra na estrada.

Angelo principiou a sonhar:

Um côro othereo descia dos céos e vinha cantar-lhe ao ouvido o epithalamio dos anjos. O nicho da Virgem illuminava-se de fogos cam-

biantes, derramando no aposento uma doce claridade de luar multicolor, e a Santa sorria para elle, banhada de ternura, toda de branco e coroadada de flores de laranjeira, como uma noiva.

Angelo volta-se todo para ella e sonha que lhe estende os braços, pedindo-lhe que desça do seu altar e venha collocar-se ao lado d'elle.

Mas a Virgem começa a tomar as feições de Alzira. A sua branca roupa de noiva transforma-se em longa tunica mortuaria, soltam-se-lhe os cabellos e cahem-lhe pelas espaduas, como os da morta do castello de Aurbiny. Os olhos tingem-se-lhe de uma sinistra sombra cadaverica, e os seus labios fazem-se roxos e tiritantes de frio.

Angelo tem medo e volta-se todo contra a parede, cosendo-se aos travesseiros e tremendo afflicto.

Mas o espectro de Alzira desce do nicho, e dirige-se para a cama d'elle.

Angelo, frio de terror, sente-lhe os passos no chão, e ouve o estranho pisar d'aquelles pés duros e ossificados pela morte.

Retrahe-se, encolhe-se, e arqueja com o rosto escondido.

Mas Alzira vai até á cama, verga-se sobre elle e toca-lhe no hombro com a mão gelada.

O raizero quer gritar e não póde.

Ella senta-se ao lado d'elle e beija-lhe os cabellos.

Angelo estremece, mas um voluptuoso fluido percorre-lhe o corpo inteiro, acorda-lhe o coração do sobresalto em que estava, e o seu medo vai a pouco e pouco desaparecendo.

— Angelo!... disse-lhe ao ouvido o espectro, com a voz mais doce e amorosa que um suspiro de saudade; Angelo, amado de minha alma!... Ouve!... Volta-te para a tua Alzira!... Escuta-me!...

— Alzira? exclamou elle, voltando-se.

— Sim, meu amado, sou eu...

— Que desejas de mim?... De onde vens?...

— Venho de muito longe... venho da outra margem da vida, que tu ainda não conheces... venho do mundo dos mortos, mundo de sombras e de sonhos!... venho, de onde nada se conserva d'esta vida senão a memoria do ser que aqui amámos!...

— E que desejas de mim?...

— A tua companhia. Venho buscar-te.

— Buscar-me?...

— Sim. Com a força do meu amor, consegui vencer o abysmo que nos separava e chegar até aqui. Minha alma foi arrojarse aos pés de Deus e pedir-lhe, pelo muito que soffri em vida por amar-te em segredo, que lhe concedesse a graça de apparecer-te todas as noites durante o sonho. Deus, apiedado, porque eu te não persuei na vida dos sentidos, consentiu que me pertencessees n'esta existencia espiritual, melhor

que a outra. Aqui me tens, e todas as noites, mal adormeças, eu virei buscar-te...

Angelo escutava-a attentamente.

— E para onde tencionas levar-me?... perguntou depois do primeiro abalo.

— Para toda a parte, respondeu Alzira, onde possamos esquecer as dôres que já soffrêmos, e fruir as delicias que ainda não gusámos! Para toda a parte, onde cada lagrima derramada pelos nossos olhos, seja resgastada por um beijo de nossos labios...

E deu-lhe um beijo na fronte.

Angelo soltou um gemido e retrahiu-se.

— Que tens?... indagou ella com meiguice.

— E' que teus beijos são frios como as gotas da noite!... Parecem beijos de uma estatua gelada!...

— Sim!. Enregelei na viagem... Ah! São tão frias as paragens que percorri!... Mas tu me aquecerás com os teus ardentes labios de moço! tu me darás um pouco do calor do teu sangue!

Angelo retrahiu-se ainda.

— Não tenhas medo, proseguiu ella; este frio é todo exterior; meu coração arde-me dentro do peito, como um vulcão sob a neve. Não fujas de mim! Vamos! Ergue-te! Principiemos a nossa existencia feliz! Vem, que só poderemos estar juntos até ao raiar do dia! Não ha tempo a perder!...

E a sua tunica mortuaria transformou-se por

encanto n'um rico vestido de castellã da época, e o seu porte readquiriu a primitiva graça fascinadora.

Angelo ergueu-se deslumbrado, e viu com surpresa que a sua pobre sotaina tambem se transformava nas bellas roupas de um cavalheiro nobre, e que seu corpo readquiria destreza e força.

— Que é isto? exclamou elle.

— E' uma das vantagens da nova existencia que te offereço. Agora já não és um miseravel cura de aldeia, és um homem, és livre, és senhor do teu corpo e de tua alma! Correrás commigo o mundo inteiro! Ao meu lado conhecerás todos os gôsos, todas as paixões, tudo emfim que na outra vida representa os prazeres que te são vedados!

Angelo passou-lhe o braço na cintura.

— Sim! sim! disse. Eu irei contigo! Quero gosar! Quero viver!

E uma larga estrada maravilhosa abriu-se de frente d'elles, onde dous negros cavallo, esplendidamente ajaezados, impacientes os esperavam relinchando.

— Vamos! Vamos!

Angelo e Alzira montáram e partiram a galope.

VII

○ MUNDO DOS MORTOS

O sonho continuou.

Angelo, ao lado de sua fantastica companheira, deixou-se arrebatado na vertigem de um galope tão lesto, que lhe dava a sensação de um vôo continuo e rapido.

A floresta fugia em torno d'elles como duas fachas de treva compacta, que se rasgavam de vez em quando ao subito bruxolear dos relampagos.

Depois sentiram-se dentro de uma estreita e profunda galeria toda de pedra, onde o tropel das patas dos cavallos resoava como um frenetico martellar de ferreiros infernaes. E afinal acharam-se defronte de um estranho palacio erguido em abobada, cujo atrio solemnemente se abria em arcadas, illuminado por um sinistro luar phosphorescente.

Os animaes estacaram desalentados, soprando forte pela bôca e pelas ventas.

— Apeemo-nos, disse Alzira, dando um salto em terra.

O companheiro imitou-a.

— Onde estamos?... quiz elle saber.

— Verás. Caminha commigo.

E penetraram n'uma extensa galeria toda formada de ossos.

Angelo olhava para os lados, considerando aquellas longas columnas feitas de caveiras e de tibias, por entre as quaes perpassavam fugitivas sombras silenciosas, que o perturbavam.

A's vezes queria parar para ver melhor, mas Alzira arrastava-o pela cintura, segredando-lhe que se não detivesse alli um só instante.

— Vamos! Vamos! dizia ella, impaciente.

E só deteve o passo ao chegar a um enorme salão, singularmente ornado de estatuas em esqueleto e illuminado por milhares de piras bruxoleantes. Uma vasta galeria perdia-se ao fundo, multiplicando as columnas a perder de vista.

Ao centro um grande orgão, em que velho e carcomido esqueleto, todo vergado sobre o teclado, tocava, com os seus movimentos demoradissimos, uma arrastada harmonia funeraria.

Ao lado do orgão outros esqueletos dansavam estranhamente, requebrando-se por entre sombras e fantasmas vaporosos.

Sobre cochins de velludo negro, enfeitados de lagrimas de prata, damas e cavalheiros, que pareciam ter sahido n'aquelle instante das sepulturas, bebiam e conversavam meio abraçados, trocando sorrisos e beijos.

Por toda a parte viam-se, passeando aos pares, espectros de homens e de mulheres; uns com os ossos á mostra, outros envolvidos em longas tunicas sombrias. Aqui declamavam versos de amor, alli carpiam fundas saudades eternas, e todos surdamente e lentamente se agitavam, se confundiam e se baralhavam.

— Companheiros! disse um espectro no meio de um grande grupo, empunhando a sua taça, de onde sahia um tenue vapor phosphorescente. E' preciso aproveitarmos bem as horas de que dispomos! A noite vai adiantada!... A aurora não tarda ahi!... Bebamos e folguemos!

— Bebamos e folguemos! responderam os outros, erguendo cada um a sua livida taça.

E ouviu-se um côro entoando surdamente uma canção de prazer.

Alzira approximou-se do grupo, acompanhada por Angelo.

— Oh! exclamaram com surpresa, ao vella chegar. Sé tu bem vinda!

— Eis Alzira que volta! Viva a formosa Alzira!

— Sim, respondeu ella; eis-me de novo com-vosco, meus queridos e eternos camaradas! venho de novo reclamar o meu lugar e a minha taça nos vossos bellos e mysteriosos festins!

— Suppúnhamos que não voltasses, observou um esqueleto.

— Mal havias chegado, fugiste logo... accrescentou outro.

— Ausentaste-te de nós tão chorosa e tão triste!... interveiu um terceiro.

— Mas volto alegre como vêem!... declarou ella.

— De onde vens?

— Do mundo dos vivos.

— Da terra?... exclamaram todos.

— E' verdade, amigos, venho da terra...

— E que foste lá fazer?...

— Buscar o meu amante. Cada um de vós tem junto de si a pessoa amada; eu precisava tambem ir buscar aquelle por quem minha alma se apaixonou. Eil-o!

E tomando Angelo pela mão, apresentou-o á roda.

Angelo saudou-os com um amavel movimento de cabeça. Mas os espectros mediram-no com um reverso olhar de desconfiança.

— Parece um vivo!... objectou um d'elles, considerando-o da cabeça aos pés.

— E', infelizmente é um vivo!... confirmou Alzira com ar de tristeza. E por isso mesmo mais me custou a trezel-o commigo...

— E como o conseguiste?...

— Indo supplicar a Deus que m'o confiasse durante as horas consagradas ao somno.

— E o Creador cedeu ao teu pedido?...

— Não! Cedeu ás minhas lagrimas, cedeu á

sinceridade do meu desespero, cedeu á eloquencia da minha dôr! Quando minha alma, rescendendo o aroma do primeiro beijo que recebi de Angelo, penetrou nos céos e foi arrojarse aos pés de Deus, todos os seus anjos choraram com a minha magoa de amor, e uniram as suas vozes celestiaes á minha supplica terrestre.

E, recuperando o ar de satisfação com que entrára: — Ah! mas agora estou resplandecente de alegria!

E passou os braços em volta do pescoço do seu companheiro, e perguntou-lhe com a bôca junto aos labios d'elle: — Não é verdade, meu Angelo, que todas as noites, mal o sol se esconda, serás meu, só meu, para sempre, como aquelles dous velhos amantes de tres mil annos que alli vão abraçados?...

— Quem são elles?... perguntou Angelo, observando as duas sombras que ella indicava.

— Esope e Rhodope. Mas, responde, amado da minha alma; não é verdade que durante as doze horas do dia pertencerás á outra vida, mas durante a noite serás todo d'esta, onde estaremos juntos?... Falla!

E, como percebesse que Angelo se intimidava com a presença dos espectros: — Confundem-te os nossos companheiros?... oriança que és tu! pensas que ainda estás na outra vida! Aqui o amor não é um mysterio ou um peccado... ninguém aqui dissimula o que sente, porque nin-

guem sabe fingir!... Olha! Não vês além, junto d'aquellas columnas, como aquelles dois se beijam?... Anda! Beija-me tu tambem!

— Sim, Alzira! respondeu Angelo com transporte. Eu te amo, e estou disposto a nunca mais me separar de ti!

— Bravo! exclamou um espectro. Agora sim, Alzira, já não desconfiamos do teu amante. Elle póde ficar connosco!

— Foi a tua ultima paixão?... perguntou á condessa uma dama sepulcral.

— Ultima não — unica! respondeu aquella. Só a este amei na outra vida! Este será o meu amor eterno! Desde a vez primeira em que o vi, minha alma voou logo para elle. Pertence-lhe!

— Minha alma és tu! exclamou Angelo. Sou todo teu! Só a ti amarei sempre!

— Bravo! Bravo! gritaram os outros. Ao amor! Ao amor!

E as taças tocaram-se freneticamente.

— Ao amante de Alzira! brindou um. Ao primeiro vivo que se animou a penetrar em nosso mundo idéal! Ao temerario Angelo!

— A Angelo!

— A Angelo!

— Agora, amigos, accrescentou o espectro; continuemos os nossos idyllios. Deixemos Alzira em liberdade com o seu formoso amante!

E o grupo dispersou-se, formando-se diversos

pares, que se afastaram, segredando palavras de ternura.

Alzira passou o braço nas espadoas de Angelo, e os dous começaram a percorrer o estranho logar em que se achavam.

Penetraram na extensa galeria que se desdobrava ao fundo.

— Onde estamos nós agora, minha querida?... perguntou Angelo, penetrando na galeria de ossos e olhando em torno de si. Que estranhas sombras são estas que se cruzam em volta dos nossos passos?... Quem são aquelles espectros que conversavam connosco?...

Alzira chegou a bôca ao ouvido d'elle, para dizer-lhe:

— São as minhas iguaes e os seus respectivos amantes...

— As tuas iguaes?...

— Sim, confirmou a condessa; são as cortesãs de todos os tempos e de todos os logares da terra. N'esta, como na outra vida, cada uma de nós procura o logar que lhe compete. Achamo-nos agora em uma das secções da grande região das amorosas; esta é a secção das infelizes que, como eu, prostituíram o corpo na outra vida!... Todas ellas vêm ter aqui após o seu passamento, e a cada uma só acompanha o homem que no mundo a amou devéras e foi por ella correspondido.

E apontando para duas sombras que atraves-

savam n'esse momento por defronte dos seus olhos: — Olha! Vês esse par que ahí vai, conversando em segredo?... E' Cleopatra e Marco Antonio. Assim conversam ha vinte seculos!... A outra que os succede, enternecida e chorosa, é a imperatriz Theodora; a sombra que lhe beija os cabellos, é a sombra de Adriano. Amam-se ainda!...

— E aquella outra?... indagou Angelo, mostrando um bello espectro coroado de rosas vermelhas.

—E' Valeria, explicou Alzira.

— Valeria?...

— Sim, a infame e formosa Messalina. Supunhas talvez que a infeliz não tivesse ninguem para a acompanhar n'este mundo idéal do amor!... Enganas-te; aquelle que a segue, de olhos baixos, e cujo coração vês ainda palpitar sangrento através das brancas cavernas do peito, é o seu gentil escravo Ismael, a quem ella deu a virgindade do corpo, justamente na primeira noite do seu casamento com Claudio.

E voltando-se para outro lado, accrescentou:

— Olha lá Aspasia e Alcibiades, Dido e Enéas, Sapho e Phaon. Vê como cada qual desliza esquecido no seu amor... Alli vem, proseguiu ella, a linda e desditosa Gabriella; anda á procura da sombra de Henrique IV! Aquella outra é Laïs; acompanha-a o esqueleto de Diogenes, trazendo ao pescoço a sua lanterna para sempre apagada...

N'esse instante desfilaram diante d'elles Marion de Lorme ao lado de Didier, e a pallida Margarida de Valois de braço dado com o duque de Guise.

Alzira segredou o nome d'elles ao ouvido de Angelo.

— E aquelle par que se beija tão apaixonadamente?... perguntou-lhe este.

— Rizzio e Maria Stuart... A outra que diz agora um segredo ao seu cavalheiro, é Bianca Capello.

— E essa que ahi vem tão soberana?

— Imperia. Conheces aquelles dous?... Helena e Paris...

— E o outro par?

— Catharina da Russia. O soldado que a acompanha, ninguem sabe quem é...

— E esta, quem será? olha o seu porte carancudo e altivo!

— Luorecia Borgia, segredou Alzira.

Mas uma geral agitação começava a apoderar-se de todos aquelles casaes de espectros. A musica do orgão, até ahi arrastada e lenta, principiou tambem a fazer-se nervosa, accelerando o seu andamento, até transformar-se n'um infernal galope, que arrebatava o turbilhão das sombras n'uma vertigem doida.

E, freneticamente, puzeram-se todas a dançar, aos beijos e aos abraços, passando e perpassando no delirio de uma dança sensual.

— Qué é isto agora?... perguntou Angelo, prendendo o braço na cintura de Alzira. Porque é que todos se agitam d'este modo?

— Ah! explicou ella com um espreguiçamento voluptuoso. E' um frenesi de amor...

E suspirou luxuriosamente.

— Não comprehendo...

— E' que Deus, elucidou a cortezã, nos seus bons momentos de ternura afaga os mundos, e essa caricia lhes produz lascivos estremecimentos. N'este instante um subito espasmo sensual percorre toda a natureza. Em cada corpo animado ha um sobresalto de amor. N'este instante toda a criação se predispõe a procrear; as fêras e as borboletas, os homens e as boninas, acoitam-se e beijam-se, para garantia da interminavel cadeia da vida! Olha! Vê! Todos se afaçam! Todos se abraçam!...

— Sim! sim! exclamou Angelo. Eu mesmo sinto percorrer-me o corpo um sobresalto estranho!

Alzira atirou-lhe os braços em volta do pescoço, e arrastou-o para o turbilhão das sombras que giravam aos pares.

E ouviu-se um côro de vozes, entrecortado de suspiros, a cantar, dansando:

Teuhamos amores!

O' feras!

O' flores !
 Condores !
 Pantheras !
 Amae-vos ! Amae-vos !

E seguia-se um crepitante estribilho de beijos.

• Cruzae vossas graças,
 O' entes
 De raças
 Diferentes !
 O' gentes,
 Amae-vos ! Amae-vos ! •

E novos beijos estalavam.

E o frenesi chegou ao auge do delirio, e as vozes e os suspiros perderam-se todos n'um só grito, prolongado e agudo, um ai supremo, que resumia todas as vozes da natureza.

Houve um instante de espasmo, em que todos aquelles espectros fremiram convulsivamente, chocalhando os ossos uns com os outros. Depois a musica foi de novo enfraquecendo, e os gemidos foram-se apagando, como as derradeiras notas de uma cantante caravana que se afasta.

E um desfallecimento geral empallideceu mais ainda a trémula chamma das pyras, e os espectros começaram a dissolver-se á fulgurante luz da aurora, que raiava lentamente, atravessando a immensa abobada fantastica.

E brancas figuras esbatiam-se, vaporosas

como as cambraias da manhã, que o sol desfia e esgarça com a dourada ponta dos seus raios.

Angelo mal podia já distinguir a sua amada.

— Alzira? disse elle.

— Adeus... respondeu o echo fugitivo de uma voz de mulher. Ahi chega o dia!... separemos-nos!...

— Quando voltas?

— A' noite, sem falta! A's mesmas horas de hontem...

E o murmurio de um beijo esvoaçou-lhe nos labios.

— Adeus...

E Angelo abriu os olhos.

Acordára.

Ergueu-se com um salto O dia entrava-lhe já pelas vidraças da janella, o sino da igreja repicava chamando para a missa.

VIII

ELLA ! SEMPRE ELLA !

Pobre Angelo! Sua alma tinha remorsos d'aquella noite passada em companhia de Alzira. Travava-se dentro d'elle uma pungente revolta contra o mysterioso inimigo, que assim o arrancava á doce e honesta tranquillidade do leito, para leval-o de rastos, como um perdido, pelos barrancos da fantasia, obrigando-o a percorrer antros sensuaes, ao lado do fantasma de uma cortezã, que o ameaçava de voltar todas as noites.

— Maldicta sejas tu, immunda fantasia! pensava elle; maldicta sejas tu, damnosa imaginação! Ah! se pudesse eu fechar-vos entre os dedos e reduzir-vos a pó!... A pó?... Alzira tambem agora é pó e é lama, e, no emtanto, governa ainda os meus sentidos e perturba ainda a minha consciencia!... O pó e a lama dos sepulcros não são menos poderosos do que a carne palpitante, quando os reaninam a nossa saudade e o nosso amor!... Não ha mulher que de nós desapareça para sempre, quando nós devéras a amamos!... Foge-nos dos olhos, foge-nos dos

braços, foge-nos dos labios; mas da alma, ah! da alma, nunca mais, nunca mais, desapparecerá a mulher amada!

E Angelo voltou os olhos para o céu, interrogando-o. E exclamou:

— Meu Deus, teria eu peccado com o sonho d'esta noite?... O sonho, bem sei, é producto do pensamento, e por pensamento se pecca tanto como por palavras e por acções; mas o sonho não obedece á vontade de quem sonha, porque, se obedecesse, eu só construiria meus sonhos com as cousas que vos pertencem... Deveis saber que sou bem intencionado e que sou sincero!... Ah! Maldicta sejas tu, minha louca e desvairada fantasia, que me fazes revoltar contra mim mesmo!...

Se o velho Ozéas estivesse alli, ao lado d'elle, Angelo teria ao menos a quem consultar o que devia fazer contra aquelle inimigo terrivel e traiçoeiro.

Mas só, como se achava, o misero vacillava perplexo. Devia penitenciar-se pelos desvarios da sua imaginação, ou devia deixar que o sonho continuasse a correr á solta, commettendo todos os desatinos que lhe aprouvesse?

Entretanto, o sino lá fóra o chamava para junto do altar. O sino o chamava para que fosse elle erguer a hostia consagrada acima da sua atordada cabeça, e offerecel-a a Deus em sacrificio!

Deveria ir?...

Sua alma estaria em sufficiente estado de pureza, para arrastar-se até ao supremo throno do Creador, ou deveria a misera arrojarse por terra, envergonhada e corrida, á espera que as lustraes aguas do tempo perpassassem bem por cima della e a limpassem de todo?...

Mas se elle em tudo aquillo não tinha a menor culpa?... Mas se o seu coração era puro, e só, em consciencia, se preocupava com as cousas divinas?...

Que deveria, pois, fazer?...

E o sino tocava, tocava, chamando-o com insistencia.

Angelo preparou-se, sahiu do quarto e dirigiu-se para a capella, em silencio e aligeirando o passo.

— Sim sim! pensava elle pelo curto caminho. O meu logar é lá, junto do altar!... O meu logar é aos pés da Divindade!... Que importa que as bruxas do sonho machinem e conspirem durante a noite, furtando-me a alma a Deus?... Eu sou da Igreja, só á Igreja pertença, e é lá que devo estar como um marinheiro a bordo do seu navio, principalmente em dias de tempestade!

E entrou na capella.

Os aldeões o esperavam ajoelhados na nave, contritamente. Alguns tinham ao lado as feramentas que deviam servir ao seu trabalho

d'esse dia. Mulheres amamentavam os filhos, com os olhos fitos nas imagens dos santos. Velhos, seccos e nodosos como esqueletos de arvores resequidas pelo inverno, vergavam a cabeça sobre as trémulas mãos apoiadas no bordão.

Os pardaes e os melros chilreavam por entre as frestas das altas paredes da capella, caídas de cima a baixo.

As vélas do altar derretiam-se tristemente, consumidas pela surda chamma que a sanguinea luz da manhã tornava desluzida e livida.

Angelo atravessou a igreja, de olhos baixos, e foi collocar-se de joelhos nos degrãos do altar.

A sua oração preparatoria n'esse dia durou mais tempo que nos outros. Notaram que as lagrimas lhe corriam pelas faces, quando elle se ergueu para celebrar o sacrificio.

E seus labios tremeram na occasião de receber a hostia consagrada. N'aquella alma, immaculada e sincera, um doloroso escrupulo tolhia a confiança na sua propria pureza.

Mas celebrou.

E depois voltou-se, de braços abertos para os crentes, abençoando-os em nome do Pai de todos os homens.

Os sinos repicaram de novo.

Angelo, mais succumbido ainda que antes do sacrificio, retirou-se da igreja cabisbaixo e concentrado.

A' sahida, um cavalheiro sahiu-lhe ao encon-

tro e, tirando o chapéo, disse-lhe cortezmente:

— Perdão, Sr. vigario; tenho que desempenhar uma sagrada missão ao lado de Vossa Reverendissima... Sagrada, porque é voto de uma pobre creatura que já não existe...

Esse cavalheiro era o conde de Saint-Malô.

Angelo convidou-o a entrar em casa.

— Tenho um companheiro commigo... observou o conde, chamando com um gesto Arthur Bouvier, que o esperava a certa distancia

Depois de trocados os cumprimentos, entraram os tres na modesta sala de jantar do parochio. Bouvier não se fartava de olhar para este, como se observasse um phenomeno precioso pela raridade.

N'aquella pobre casa desfavorecida do menor conforto, a elegante roupa de seda bordada a ouro dos dous cavalheiros destacava-se escandalosamente. Angelo, defronte d'elles, pallido e mal vestido, parecia um esfarrapado cadaver sahido n'aquelle instante da valla commum dos miseraveis.

Uma idéa o preocupava todavia, desde o momento em que os considerou de perto. E' que, ao vê-los assim, cheios de saude, gentilmente vestidos e empoados, levantando entre as abas da casaca a petulante ponta do florete, lembrava-se da sua propria figura essa noite ao lado de Alzira, e seria capaz de jurar que já em sua

vida, ou nos seus sonhos, tinha visto aquelles dous homens.

Salomé trouxe-lhes pão fresco e leite fervido.

O parochó deu ás visitas os melhores assentos que havia na casa, e offereceu-lhes do seu almoço.

Emquanto comiam, o conde expoz o motivo da sua viagem a Monteli.

— Venho, senhor cura, disse elle, entregar-lhe um cofre e uma carta, que encontrámos no espolio da fallecida condessa Alzira... Aqui estão. Trazem o seu nome.

— O meu nome?... balbuciou Angelo, a tremer, visivelmente perturbado, mas...

— Testamenteiros d'ella, como somos, accrescentou o conde, indicando ao mesmo tempo Bouvier, cumpre-nos fazer entrega d'esses objectos. Eil-os.

E apresentou-lhe um pacote de pouco mais de um palmo de tamanho, cuidadosamente embrulhado e lacrado. Tenha a bondade de recebê-los.

Angelo, summamente pallido, estendeu a mão, hesitante.

E tal era o seu tremor, que o conde teve de ajudal-o a quebrar o sello do pacote e a tirar de dentro a carta, que lhe passou incontinente.

— Leia, disse. Creio que esse papel explica a razão de ser do cofre...

Angelo abriu a carta e leu o seguinte:

« Respeitavel Cura de Monteli. — Desejo e

peço a Vossa Reverendissima que se encarregue de distribuir pelos infelizes da sua pobre parochia, ultimamente tão victimada pela peste, a quantia que acompanha esta carta e que se acha dentro de um cofre, por minha mão fechado e subscriptado á Vossa Reverendissima. Outro sim, peço que nas suas orações de santo interceda algumas vezes junto a Deus por minha triste alma de peccadora arrependida e constricta. »

Assignava « *Alzira* ».

Com a leitura d'aquellas palavras, que pareciam vir de um outro mundo, que pareciam vir do fundo nebuloso dos seus sonhos, Angelo estremeceu todo e fez-se mais livido que a propria Alzira, no momento em que ella pela primeira vez lhe surgiu da sepultura. Aquella carta, que um frio sopro de morte lhe arrojava ás mãos, vinha obrigar-o a pensar n'essa mulher já extincta, que tanto aliás o preocupava ainda.

Oh! Aceitando aquella missão teria que pensar n'ella eternamente!... Teria que envolver o seu nome impuro nos sagrados dizeres das suas fervorosas orações!... Teria de fallar a Deus a respeito d'essa mysteriosa cumplice, de quem elle se não queria recordar nunca, e teria de a fazer conhecida e abençoada por todos os pobres da aldeia, enquanto durasse aquelle di-nheiro, fructo da prostituição!

E repeliu o colre, disposto a não aceitar o encargo.

Mas, pensou, antes de proferir a recusa; teria elle por ventura o direito de assim proceder?... Teria elle o direito de privar os miseraveis de Monteli d'aquelle utilissimo soccorro, que uma alma, sedenta de perdão, lhes enviava do seu leito de morte?...

E não seria fraqueza de sua parte, temer tanto ao traiçoeiro inimigo, que o vinha surprender á noite durante o somno, quando justamente a sua consciencia não era responsavel pelos seus pensamentos?... Pois então a sua fé e a sua confiança em si proprio eram tão frageis e tão mofiuas, que assim covardemente fugiam da luta, antes mesmo de começar o combate?...

— Não! pensou elle, resolutu, pondo-se de pé e estendendo a mão sobre o cofre. O meu dever será cumprido! Se mais soffrimentos me estão reservados por isso, tanto melhor! tanto melhor, porque mais completa será a minha provação! Maria soffreu muito mais, quando lhe arrancaram o filho dos seus amorosos braços de mãe, para atiral-o aos cruentos braços de uma cruz!

E, voltando-se tranquillamente para os outros dous, disse-lhes sem hesitar:

— A vossa commissão cavalheiros, está terminada. Este dinheiro será discretamente distribuido pelos necessitados, e eu pedirei a Deus pela alma de quem lhes envia a esmola...

O conde e Arthur Bouvier fizeram as suas despedidas. Angelo foi acompanhá-los até á porta,

depois recolheu-se ao quarto, collocando o cofre sobre a mesa.

Despejou-o. O conteúdo elevava-se á quantia de cincoenta mil francos em varias especies. O parochó separou logo algumas placas de ouro e prata, para nesse mesmo dia principiar a distribuição de soccorros.

Oh! Elle sabia melhor que ninguem aonde aquelle dinheiro deveria encontrar o seu destino!... Quantas vezes, pensando em certas desgraçadas familias de jornaleiros, reduzidas á fome pela peste, não chorou amargamente por nada mais de seu ter para lhes dar?... Quantas vezes não se privou do mais que restrictamente necessario, para que não faltasse o leite a um desgraçadinho a quem já faltava mãe?... Quantas vezes não levou a sua esfarrapada batina á casa dos ricos do logar, e não lhes estendeu a mão, esmolando para os que choravam de penuria e de frio?... Quantas vezes não se privou dos lençóes da cama, para cobrir com elles o corpo dos que gemiam na enxerga núa?...

Sim! Aquelle dinheiro ía ser um manancial de consolações!... Alzira, se durante a vida commettera muitos crimes, praticára na sua ultima hora uma acção bôa, lembrando-se dos desamparados da fortuna.

Mas, Angelo, ao repôr as cédulas no fundo do cofre, notou que um longo fio de cabello louro envolvia-se nos seus dedos.

Tomou-o pelas extremidades e ergueu-o á altura dos olhos.

Era sem duvida um cabello de Alzira!... considerou elle, perturbando-se. Era um triste e perdido raio de um sol que para sempre se apagára!...

E deteve-se a fital-o, embevecido de saudade.

Oh! porque Deus fizera assim longos os cabellos da mulher?... Porque lh'os dera tão grandes e tão abundantes, se ella já não precisava d'elles, como outr'ora a Eva no Paraiso, para esconder a nudez do seu pudor? ...

E continuava a fitar o tenue fio de ouro, perdido n'um dedalo de cogitações, que o arrebatavam para o mundo ideal das suas loucuras. Mas um sopro de brisa entrou pela janella do jardim e arrebatou-o dos dedos.

Angelo acompanhou-o com a vista. O dourado fio de cabello ondeou no ar, espreguinçando-se, e subiu, subiu ainda, para depois voltar de novo lentamente, até ir cahir afinal sobre os brancos pés da imagem de Maria.

O parocho não se animou a rehavel-o, nem enxotal-o d'aquelle sagrado asylo.

Quem saberia, pensou elle, se Alzira, que já não tinha labios, nem olhos, para supplicar, não houvêra, do fundo do seu eterno desterro, mandado um fio dos seus cabellos transmittir á Virgem o voto do seu arrependimento?

E voltou á mesa, assentou-se, e, tomando o

cofre entre as mãos, começou a consideral-o attentamente.

Era um lindo objecto de luxo, uma boceta de ébano com incrustações de ouro, e guarnecida de artisticas miniaturas em marfim, que representavam assumptos mythologicos.

Em cima, na tampa, havia o nome da cortezã, cercado de flores e borboletas.

Angelo continuou a admirar o bonito estojo, voltando-o de todos os lados, abrindo-o e fechando-o repetidas vezes.

Mas de repente, estremeceu, e repelliu-o, torcendo o rosto para não vê-lo.

Tinha descoberto, entre um grupo de anjinhos e cupidos côm de rosa, um pequeno oval de meia pollegada com um delicadissimo retrato de Alzira, primorosamente trabalhado, e de uma semelhança inexcedivel.

Não quiz vel-o; voltou as costas ao cofre. Mas seus olhos instinctivamente procuravam a formosa miniatura.

E o misero comprehendeu e presentiu que aquelle retrato, era mais um inimigo que lhe invadia traiçoeiramente o espirito.

IX

MISERIAS DO CORAÇÃO

O resto d'esse dia passou-o Angelo em piedosas visitas aos pobres de Monteli. Só ao cahir do sol tornou á casa, prostrado de fadiga e torturado pelas suas favoritas agonias.

Salomé trouxe-lhe o jantar, em que elle, como de costume, mal tocou, para recolher-se logo ás suas orações defronte do altar da Virgem.

A's sete horas deitou-se cançado e adormeceu logo, precipitando-se no sonho, como se acordasse da vida.

Alzira esperava já por elle.

— Ah! emfim! exclamou ella, abrindo-lhe os braços e apresentando-lhe os labios. Tremia com a idéa de que te demorasses!... Não imaginas como estava impaciente por tornar a vê-te!... A immobildade a que me vejo condemnada durante as horas do dia, é para mim indefinivel tormento!... Maldicta seja a sepultura!...

— Mas eu me não demorei... observou Angelo. Adormeci pouco depois do anoitecer... Não seriam mais de sete horas quando...

— Tens razão. Não percamos tempo! Parta-

raos. Os cavallos chamam-nos á montaria, escarvando a terra...

— Aonde vamos nós?...

— A um logar esplendido. Sigámos!

Montaram e partiram desenfreadamente como na vespera, varando a alma trevosa da noite.

Galoparam! galoparam!

No fim de algum tempo, Alzira chamou a si as redeas do seu cavallo.

— E' aqui, disse. Chegámos afinal!

Os dous apearam-se.

Achavam-se na estreita garganta de uma sombria serra, onde nenhum rumor de folhas se escutava.

— Andemos, disse ella.

Angelo obedeceu.

E seguiram caminho ávante, por entre um pedregal de serros e cabeços silenciosos, que se perdiam no céo, escondendo-lhe as estrellas.

O caminho fazia-se cada vez mais escuro, mais penhascoso e ingreme. Era já necessario aos dous ampararem-se um no outro, para que não rolassem juntos por aquelles precipicios.

Afinal, penetraram n'um valle, fechado entre rochas negras e gigantescas, em torno das quaes giravam afflictivamente sinistras aves, que corvejavam e gemiam, como se a cada instante rasgassem o peito nas arestas da pedra.

Era um convulso redemoinhar sem tréguas, lembrando um irrequieto bando de gaiivotas, a

doidejarem sobre as aguas, no alto mar, quando a tempestade se approxima, abrindo as longas azas preñes e agoureiras.

— Que diabo vimos nós buscar aqui?! perguntou o sonhador, intimidado por aquelles loucos gemidos que singravam no espaço.

— Viemos buscar dinheiro... respondeu Alzira.

— Dinheiro?... Para que dinheiro?...

— Ora essa! Para tudo! com dinheiro teremos prestigio nos logares que vamos percorrer!

E avançando alguns passos, mostrou ao companheiro uma grande pedra encravada no rochedo.

— Vês esta pedra? disse ella. E' a porta das cavernas do Ouro. Nesta mysteriosa gruta achase encerrada toda a riqueza dos avarentos já mortos; enthesoura-se ahi todo o ouro d'esses miseraveis, que em vida soffreram as mais duras privações, para accumular dinheiro sem proveito de ninguem!

— E como viéram parar aqui todas essas riquezas?... indagou Angelo.

A cortezã explicou:

— Por intermedio dos herdeiros prodigos e das mulheres da especie a que pertenci no mundo dos vivos. Por minhas mãos passaram muitos e muitos milhões, que aqui cahiram, deramados em longas e ruidosas noites de orgia. Esta esplendida caverna é o tormento das almas amarellas dos usurarios...

— E ao mesmo tempo é o teu banco... faceciou Angelo.

— Justamente, tornou Alzira. Quando preciso de dinheiro, venho buscal-o aqui.

— E estas aves, porque esvoejam em torno da montanha, e porque soltam assim uivos tão tristes?...

— São as almas dos avarentos... Rondam, noite e dia, sem cessar, o thesouro que já não podem possuir e que ainda cobiçam. Attrahe-as o cheiro do dinheiro! Deixa-as lá, miseras que são!

E Alzira encaminhou-se para o pedregulho que fechava a gruta, e tocou sobre elle com a sua linda mão côr de neve.

A pedra afastou-se incontinentemente, e uma fulgurante abertura fez-se defronte da cortezã, jorrando luz como a bôca de uma fornalha.

As aves que rondavam a montanha, assanharam-se e logo se puzeram a rodopiar com mais furia, multiplicando os uivos e os gemidos.

Angelo adiantou-se deslumbrado, olhando para dentro d'aquella esplendida galeria de ouro e pedras fulgurantes.

— E' maravilhoso! exclamava elle. E' sorprendente! Oh! quanta riqueza! Que interminavel thesouro!

E olhava, fascinado.

A galeria, plana em baixo e por cima abo-

badada, firmava-se em columnas de ouro. O chão era calçado de moedas de todos os paizes; de espaço a espaço erguia-se um repucho tambem de ouro, d'onde espipava ouro liquido que se derramava, entre rocas de esmeralda, formando reluzentes lagos nunca seccos. Do tecto pendiam estalactites de ouro, de coral e de topazios. As paredes scintillavam n'um delirio de fogos multicôres, em que fulguravam diamantes, saphyras, rubís, opalas e cornalinas.

— Oh! Que deslumbramento! exclamou Angelo, sem desviar os olhos da refulgente caverna. Que grande maravilha!

— Não tão grande, oppoz-lhe Alzira, procurando com os labios alcançar-lhe a bôca; não tão grande como o amor que me inspiraste!

Angelo não lhe ouviu as palavras, nem recebeu a caricia que ella lhe offerecia. Toda a sua attenção era para a seductora caverna.

— Não me escutas, meu querido amor?...

Elle, em vez de responder, perguntou avidamente:

— Eu tambem posso levar d'aqui o ouro que quizer, não é verdade?...

— Não, disse Alzira entristecendo; não podes carregar d'aqui com um grão de ouro... Eu, sim!

— Porque?

— Porque nunca foste perdulario... Ah! mas descança que nada te faltará!... Estarei sempre

a teu lado, e sempre torás á mão a minha bolsa.

Angelo abaixou os olhos, empallidecendo.

— Que tens, meu amor?... interrogou a amante. Sentes-te mal?... Falla.

.. Nada!...

E cerrou os punhos, rilhando os dentes.

— Que tens tu, Angelo?...

— Oh! cala-te! Terrível sentimento apode-
ra-se do meu coração! Sinto-me ambicioso e
ávido de riquezas! Desejo ser o unico dono de
todos aquelles thesouros que alli estão accumu-
lados! E esta cobiça me faz estalar o cerebro!
Tenho o sangue a escaldar! Tenho febre! Te-
nho febre!

— Empallideces! O' Angelo! Angelo! não te
preocupes com o ouro! Pensa em mim, que sou
a tua riqueza!

Elle afastou-a com o braço.

— Soffro! soffro n'este instante! accrescen-
tou. Faz-me mal a vista de tanto ouro! Tenho
vertigens! Desejava agora ser mil vezes milio-
nario e ter todas as grandezas da terra!

— Angelo! Angelo!...

— Oh! deixa-me! Afinal não passo de um po-
bre aventureiro, sem o menor prestigio, sem ter
sequer um nome de familia! Não passo de um mi-
seravel, sem passado e sem futuro, uma sombra
de homem, sem esperanças e sem saudades! Não
sou ninguem! ninguem!

— E's muito, és tudo, meu amor, és tudo, pelo

menos para mim! exclamou Alzira, tentando inutilmente chamal-o a seus braços. Que te importam o futuro e o passado, se tens o presente, que sou eu?... Riquezas e grandezas! mas tudo isso não vale o ser amado como eu te amo, meu Angelo!

— Não! Não! Quero ir morrer lá dentro, afogado n'aquellas voragens de ouro!

E, desprendo-se dos braços d'ella, precipitou-se para a caverna.

Mas uma resplandecente figura, de longas barbas e cabellos de ouro vivo, cortou-lhe a passagem, collocando-se á entrada da gruta.

Era o demonio do Ouro.

Vinha sciutillante da cabeça aos pés, e o diadema, que lhe guarnecia a fronte, refulgia como um sol.

— Para traz! disse elle a Angelo. E presta toda a attenção ao que vais ouvir!

O ambicioso abaixou o rosto e recuou dominado.

O opulento genio avançou alguns passos e disse, tocando no hombro da cortezá :

— Alzira! continúas então a vagar durante a noite pelo mundo dos vivos, em vez de jazeres tranquillamente na tua sepultura?...

— Cala-te, por amor de Deus, que essas palavras desconsolarão o meu amante, se as ouvir...

— Volta de vez para o tumulo!...

— Não! A minha sepultura é tão fria e eu

morri tão moça... que, á noite, quando os vivos dormem, preciso vir aquecer-me nos braços de Angelo!... Não é assim, meu amor?... accrescentou ella, indo ter com o companheiro.

Este, porém, não respondeu, nem desviou os olhos das riquezas da caverna.

— E elle te ama?... perguntou o demonio á cortezã.

— Adora-me! affirmou a interrogada; e por mim ama a vida e os prazeres.

— Queres dinheiro, já sei, tornou aquelle. Entra e enche-te á vontade. Leva o que quizeres; tudo o que levares, voltará multiplicado!

Alzira entrou na gruta. Angelo quiz acompanhal-a; o genio do Ouro deteve-o de novo.

— Espera! Ouve! disse.

E tomou-o amigavelmente pelo braço, accrescentando: — Que te falta, ambicioso?... Que te falta para seres feliz?... Tens mocidade e dispões da bolsa de Alzira, a quem é permitido faltar as mãos n'este inesgotavel thesouro!...

— O que me falta? volveu Angelo. Falta-me tudo! falta-me o poder absoluto! Queria ser um homem tão poderoso, que a um gesto meu o mundo inteiro se curvasse submisso e escravo!

— Por pouco que desejavas ser Deus!

— Oh, não! Não me falle em Deus!. Não lhe invejo a grandeza! Queria uma gloria mais humana, queria ter as conquistas de Cesar e

Alexandre, ligadas ao genial prestigio de Homero e Dante!

Ô demonio sorriu, mostrando os seus dentes de ouro luminoso, e replicou depois, fechando de novo a physionomia:

— Não posso satisfazer tanta ambição!... Conquistam-se thronos, como verá teu espirito no seculo futuro, porque um homem virá ao mundo, e mesmo em França, tão atrevido, que com a ponta de sua espada descobrirá as regias fronte, para guarnecer a sua cabeça de soldado com uma corôa de imperador... Sim! conquistam-se corôas de rei, mas não se conquista a corôa de louros do mendigo de Thebas, porque essa não cabe em nenhuma outra cabeça. Fallaste em Dante!... faze tua alma tão grande como a d'elle, e serás o mais desgraçado dos homens... Abre-lhe o cerebro, abre-lhe o peito, abre-lhe os intestinos! encontrarás n'essas tres regiões do pensamento, do amor e da animalidade, o modelo dos circulos do inferno, que elle traçou no seu lancinante poema. E n'esses circulos só uma força ha que os iguala e nivela, é a dôr! A dôr de quem pensa, a dôr de quem ama e a dôr de quem tem fome! Queres ser feliz?... Vive bestialmente! oppõe os teus sentidos ao teu cerebro e ao teu coração! Sé bruto, meu filho! A natureza é um pasto de bestas — espoja-te n'elle, se quizeres gosar a vida!

E tirou da cinta um punhal de ouro, que apresentou ao seu interlocutor, acrescentando:

— Guarda esta arma! Defende-te com ella, e vencerás sempre!

Angelo apoderou-se do punhal.

— Obrigado! exclamou. Obrigado! Com esta arma poderei dominar os meus semelhantes!

— Se fôras devêras um ambicioso!... Mas não o és, pois ao contrario principiarias por tentar vencer a mim proprio, para te apoderares dos meus thesouros... Adeus! Não passas de um ambicioso vulgar!...

E recolheu-se á gruta.

Alzira sahiu logo em seguida, fechando-se sobre ella o pedregulho da entrada.

Fez-se de novo escuridão completa. As aves recommçaram a doidejar desesperadas, perseguindo agora a cortezã, como se lhe farissem o dinheiro que ella levava consigo.

Alzira, com effeito, vinha carregada de ouro e pedras preciosas.

— Vamo-nos d'aqui! disse ao companheiro.

E puzeram-se a subir a montanha, com os braços na cintura um do outro.

Angelo ía preoccupado e triste.

— Que tens tu?... perguntou lhe a amante ao fim de algum tempo de caminho.

— Nada! tartamuseou elle.

— Tremes, meu amigo!...

— E' do frio da noite...

E n'esse instante cahiu-lhes em frente meia dúzia de salteadores armados, cortando-lhes a passagem.

O amante de Alzira mal teve tempo de puxar o seu punhal e passar a amada para traz de si.

— Matem o homem e prendam a mulher, que quero para mim! ordenou o chefe da quadrilha.

Mas os primeiros bandoleiros que se precipitaram sobre o viajante, cahiram apunhalados, rolando a montanha.

— Matem-no, com um milhão de raios! exclamou furioso o chefe, levando a arma ao rosto e fazendo pontaria sobre o assaltado.

O tiro partiu, alcançando um dos bandidos, enquanto mais dous cahiam aos pés de Angelo.

— Ah! bradou o chefe, desembainhando o seu sabre; agora somos apenas um homem contra outro homem, pois veremos qual dos dous fica com esta mulher!

E atirou-se de um salto sobre o adversario, que o esperou na ponta da sua arma invencivel.

— Maldicto sejas! bramiu aquelle já ferido. Hei de matar-te!

— Has de morrer! tornou o outro, abrazado de colera. Nunca mais terás olhos para cobiçar a minha amante!

E arrancando contra elle, ceceu-lhe o peito a punhaladas.

— Ai! gemeu o salteador agonizando.

— Fugamos! segredou Alzira, puxando pelo braço o companheiro.

— Não! Hei de beber-lhe primeiro o sangue! Hei de beber o sangue de todo aquelle que pretender arrancar-te de meus braços!

E vergou-se sobre o cadaver, collando-lhe os labios a uma ferida do peito que sangrava.

— Angelo! Angelo! partamos! Olha que ahi vem o dia! exclamou a cortezã.

Angelo ergueu então a cabeça e notou que, com effeito, em volta d'elle tudo começava a esbater-se á luz da aurora. O proprio cadaver, de cuja ferida acabava elle de despregar a bôca cheia de sangue, nada mais era que uma transparente sombra, estendida a seus pés.

E as montanhas foram-se dissolvendo, e outros objectos se accentuando por detraz d'ellas.

E Angelo, de olhos bem abertos, foi a pouco e pouco distinguindo e reconhecendo o seu modesto aposento de Monteli. Através da tenebrosa paizagem que fugia, viu elle surgirem lentamente as velhas estantes peçadas de livros santos, viu surgir o seu genuflexorio de madeira escura e viu surgir o altar, onde a Virgem sorria com o coração atravessado de punhaes.

E ergueu-se a meio sobre a cama, tateando os olhos e apalpando a enxerga.

Levou a mão aos labios e consultou-a depois, tal era o enjoativo gosto de sangue que ainda sentia na bôca.

Os sinos tocavam lá fóra, chamando para a missa. Levantou-se, abriu a janella, olhou um instante o dia recém-nascido, e em silencio preparou-se para sahir.

D'ahi a pouco, o seu tremulo e negro vulto atravessava a capella, e ía cahir ajoelhado nos degráos do altar, arquejando, que nem um libertino depois de uma larga noite de decipação.

Seus olhos, amortecidos, quedavam-se como que indifferentes á propria imagem defronte da qual ía elle celebrar. A sua triste figura, sombria e vacillante, já não era a de um fervoroso crente, a de um sacerdote contrito, mas sim a de um cançado sceptico, que já não pode nem sabe chorar nem rir.

E os fieis começavam até a murmurar contra elle, principalmente depois que alguns padres da vizinhança se achavam de passagem em Monteli, aproveitando o tempo para conspirar contra o vigario do logar.

— Olhe você para aquillo! segredou um dos taes a outro que tinha ao lado. Veja só se aquillo são modos de estar ao altar!... Parece um ébrio! Não é de balde que todos nós estamos prevenidos contra este exquisitão!...

— Creio que elle não regula bem da cabeça...

— E' pancada, ou finge que o é!... Mas inclino-me a acreditar que, no fim de contas, é nada menos que um grande velhaco... Você não conhece a historia que por ahi corre, a respeito

d'este santinho com a bregeira viuva do morgado de Thevenêt?...

— Não! Não sei de nada... respondeu o ecclesiastico, já arregalando gulosamente os olhos e cheirando sorrateiramente uma pitada.

— Pois deixe acabar a missa, que eu lhe contarei tudo... Você vai ficar abysmado!...

O' LOUCO ! O' LOUCO !

Angelo nunca fôra amado por grande parte dos seus collegas, e a razão d'isso estava na inconsciente fortuna com que se iniciou elle na vida publica, e no prestigio de santo que logo lhe deram os seus parochianos.

E' assim sempre em todas as classes sociaes. Os nossos confrades estão sempre bem dispostos a nosso favor, enquanto não lhes tomamos a dianteira. Todas as flôres são poucas para nos atirarem; desde o momento, porém, que os deixamos para trás — não ha pedras no chão que cheguem para satisfazer a sua avidez de quebrar-nos a cabeça e as pernas.

Os padres a Angelo invejavam, menos no que este realmente era, naquillo que, por moto proprio ou por suggestão de Ozéas, elle desdenhava ser.

Mas o coração de um homem puro é como o sandalo, que perfuma o machado que o decepa. O coração de Angelo embalsamava a bocca dos calumniadores que o mordiam.

Prova-o a tal famosa historia, que o padre na capella prometteu contar ao outro, envenenando-a sem duvida, e a qual tinha afinal a sua baze na mais legitima bondade christã, como se pode ver pela seguinte exposição do proprio facto:

A viuva do morgado de Trevenet era mulherzinha de má nota. Em Monteli fallava-se, á bôca pequena, a respeito dos seus desgraçamentos amorosos. Constava mesmo que certa rapariga morrêra de desgosto, porque o seu noivo cahira um dia nos braços da maldicta, e nunca mais conseguira despregar-se delles, senão para ser enterrado.

Entretanto, Angelo, logo nos seus primeiros tempos de Monteli, uma vez, depois de uma das prédicas da quaresma, fôra sorprendido em casa com a visita da viuva.

Recebeu-a amavelmente, como a todos recebia.

A mal reputada senhora não procurou rodeios para confessar a profunda impressão que sentira, ouvindo as simples e sinceras palavras do eloquente prégador, e, tal fôra a subita vergonha que lhe veiu pelas impurezas do seu passado, que áquelle pediu encarecidamente para ajudal-a na obra da sua regeneração.

Chorou. E o presbytero comprehendeu que aquellas lagrimas não eram fingidas, e que alli

estava a seus pés uma alma capaz de convicto arrependimento.

Não hesitou um instante, pôz-se logo á disposição d'ella, prompto a servir-lhe de guia espirital. O primeiro conselho que lhe deu, foi que alijasse de si, e de uma só vez, todos os seus antigos pensamentos, e procurasse crear novos, inspirados na moral christã e no exemplo dos justos, porque, desde que os pensamentos fossem bons, as acções seriam boas consequentemente.

Ella prometteu obedecer.

Depois aconselhou-a a que procurasse, antes de entrar na pratica da piedade, exercer sinceramente a caridade, como um salutar curso preparatorio e caminho mais curto e mais seguro para aquella

— A piedade, dizia elle, é flôr mimosa e exigente; só póde ser exercida com bom proveito, quando o coração de quem a pratica se acha em absoluto estado de paz, e quando se sente feliz e satisfeito consigo mesmo. Sem a inteira harmonia de todos os actos e de todas as intenções, ninguem póde, minha irmã, ser piedoso e justo. A piedade é o perfume da moral religiosa, é o lyrio branco e mystico do amor pelos seus semelhantes. Sêde virtuosa comvosco mesma e sêde boa para todos sem distincção de ninguem, que a piedade derivará dos vossos actos, como a paz deriva da consciencia recta e conscia do cumprimento dos seus deveres. Ah! se não fôra esse

inquebrantavel apoio, como seria eu o mais desgraçado dos homens! E, no entanto... não sou dos mais criminosos...

Ella perguntou por onde devia principiar a exercer a caridade.

— Não poderia ninguem desejar melhor occasião, nem melhor lugar do que este, respondeu Angelo. Monteli presentemente é um valle de lagrimas, que clamam soccorro. Ide ter com os miseraveis que não têm quem lhes leve aos labios o crucifixo na hora da morte, ide ter com os orphãos sem regaço que os acolha, e com as donzellas sem defesa e sem forças para guardar a sua virgindade. Soccorrei-os a todos, soccorrei os desgraçados, indeterminadamente, que, entre os vossos favorecidos, será a vossa propria alma a primeira e mais soccorrida pela vossa caridade!

E o presbytero foi em pessoa ensinar-lhe os frios caminhos do desalento e da fome, e conduziu pela mão aquella arrependida ao logar do sacrificio, da humildade e do verdadeiro amor, isto é, á cabeceira dos que gemiam na miseria e no abandono.

A viuva aprendeu o caminho que ensinára o presbytero. Apaixonou-se pelo bem, dedicou-se de corpo e alma á mais praticante e religiosa caridade, e, dentro de muito pouco tempo, offerecia com as suas acções bellissimo exemplo de moral e virtude.

E todos começaram a respeitá-a.

Angelo, encantado com tão completa transformação, dedicava-lhe já uma estima sem limites, e muitas vezes a acompanhava em suas piedosas romarias á casa dos pobres mais remotos.

Mas um dia, dous mezes depois que a viuva começára a sua reabilitação, um facto, que procedia de época anterior, veio encher-a de infinita tristeza e collocal-a no mais vivo embaraço.

Sentia-se grávida.

O ultimo cúmplice dos seus passados desvairios sensuaes, e a quem ella devia agora aquella dolorosa situação, era um pobre diabo de um bohemio, rico e libertino, que um bello dia lhe fugiu dos braços e nunca mais lhe deu noticias suas.

Angelo, ao ouvir-lhe a confissão, não teve um gesto de censura, nem de repugnancia; era antes a compaixão o que se revelava na sua physionomia.

— Resigne-se... disse-lhe elle tranquillamente; e seja bôa mãe de seu filho. Não o desampare! Oh! por cousa nenhuma desta vida o desampare! soffra com energia as consequencias do seu erro, aceite as represalias sociaes que d'ahi procedam, como elementos novos de sacrificio, e continúe na obra da sua reabilitação.

E não alterou em nada a estima e o respeito que lhe votava; ao contrario, depois que a infeliz sentia crescer o fructo da sua culpa, An-

gelo parecia mais compassivo e mais attencioso para com ella. Ia vê-la, dava-lhe noticias dos seus pobres, encarregava-se de a estes levar socorros em seu nome, e, quando orava, pedia a Deus que poupasse á misera os dissabôres que ainda lhe reservava.

Foi n'aquella celebre noute da tempestade, em que Salomé o esperava com impaciencia, que a viuva deu á luz o filho.

Angelo veiu então da casa d'ella, suppondo-a livre de perigo; mas agora, justamente nos ultimos dias em que o parochó era victima dos sonhos com Alzira, a parturiente fôra accommettida de febre e achava-se em risco de vida.

O facto, logo que transpirou, tornou-se escandaloso. Não se fallou n'outra cousa em Monteli durante esses dias.

A viuva, depois de uma noite de delirio, em que repetia sem cessar o nome do presbytero, falleceu nos braços d'este.

Outros padres estavam presentes e cochichavam á socapa, felizes por terem afinal descoberto bom pasto para a sua campanha de diffamação. Angelo, de todo desprevenido contra o mal que pudessem julgar d'elle, dava ampla expansão ás lagrimas que a morta lhe merecia e resava de joelhos ao lado do cadaver.

Depois do enterro, o presbytero pensou no pequenito, que assim tão tristemente se orphanava logo ao entrar no mundo, e resolveu, visto

que a fallecida não deixava parentes, carregar com elle para a casa de uma familia pobre, que se quizesse encarregar da sua criação.

Imagine-se o que não fizeram os seus adversarios com todo este combustivel para a intriga.

Por tal modo tramaram e conspiraram contra Angelo, que o publico começou a prevenir-se contra elle, e afinal, quando depois viam atravessar lentamente pela estrada o seu triste vulto contemplativo e enfermo, segredavam já em voz bregeira:

— Anda apaixonado!... Não se consola da morte da viuva!...

Angelo seguia em silencio, indifferentemente, sem distinguir o murmurio da calumnia que lhe esvoaçava em torno dos pés.

Mas os seus contrarios rosnavam, ameaçando-o:

— Ah! Finges pouco caso?... Pois deixa estar que te mostraremos quem póde mais: tu ou nós!

Era bem singular essa luta de alguns padres, apercebidos com todas as armas da intriga, contra aquelle pobre cura indifferente á maldade mundana, caminhando abstracto pelo seu destino, com a alma inconscientemente cahida por terra, e os olhos da razão postos no ceu.

E, não obstante, os padres lá iam para a frente, ganhando terreno contra Angelo e agitando de Monteli até Pariz os seus estandartes de diffamação. Quanto aos romeiros, quanto aos que vi-

nham á casa do presbytero arrastados pela fé no milagre, a esses o sincero parochio fallava francamente e dizia-lhes que — Milagres, só Deus os podia realisar, porque a tanto chegava o seu infinito poder ; mas que ninguem devia levar tão longe a vaidade, que se julgasse digno de provocal-os ou merecel-os, sem incorrer em desagrado aos olhos do Senhor, que só amava aos simples e desprezenciosos.

Que voltassem para os seus lares! exhortava-lhes Angelo, que voltassem para os seus lares!... Os homens para o trabalho que dá o pão de cada dia, e as mulheres para junto dos seus filhos e dos seus deveres de esposa.

— Ah! dizia abertamente, sem armar ao menor effeito. Ah, meus irmãos ! quando o lar é abençoado e honesto, não precisa que venham buscar Deus aqui tão longe; Deus irá lá ter espontaneamente e far-se-ha lembrado a cada instante. Sejam bons e leaes, e Deus será com-vosco ! Não o offendam, pretendendo que eu faça o que só elle tem o direito de fazer !

Este modo de proceder era a peor arma que Angelo podia vibrar contra os seus adversarios, porque neutralisava o pabulo da maledicencia ; mas os molinistas, assim que deram com isso, mudaram de tactica e começaram a perseguil-o por outra face.

Um dia o presbytero ficou muito sorprendido, quando na rua gritaram atraz delle ;

— O' louco! O' louco!

E, desde então, convenceu-se de que não era amado, nem respeitado, por uma parte da população de Monteli.

De outra vez, depois de ouvir aquellas mesmas palavras, recebeu nas costas uma pedrada.

Voltou-se, abaixou-se e apanhou a pedra.

A certa distancia havia um grupo de rapazes e raparigas, foi até lá e perguntou se era algum d'elles que tinha arremessado a pedra.

Ninguem respondeu.

— Meus filhos, disse Angelo então; aos loucos não devemos apedrejar, que são elles capazes de cahir em raiva. Alguns tenho eu visto ahi pela aldeia, a quem até dão pão e dão leite...

E passando a mão na cabeça de um dos pequenos, perguntou-lhe, sem colera:

— Porque me atiraste tu a pedra?

— Era para aquelle cachorro!... disse o rapazito, apontando um cão.

— Mentas, meu filho; mas ainda que disseses a verdade, serias peccador, porque é peccado apedrejar os cães... Perdôo-te por esta vez e aconselho-te a que não commettas igual delicto.

Afastou-se, e quando tinha feito algum caminho, ouviu de novo atraz de si:

— O' louco!

— Talvez tenham razão!... disse elle consigo, sacudindo os hombros.

E, com effeito, para quem só julgasse pelas

apparencias, Angelo figurava um louco : Na terrível pallidez do seu rosto, brilhavam-lhe os olhos sinistramente com desvairada expressão; seus labios, que nunca sorriam, denunciavam fria e profunda angustia, que se não traduzia por palavras; um mysterio de soffrimentos havia nas rugas precoces da sua fronte mais branca que o marmore das sepulturas, e os seus gestos eram lentos e como que mal governados, e o seu andar vacillante e frouxo, como o de quem caminha lentamente para a morte. Todo elle era apenas uma estranha sombra que atravessava pela terra, sem se communicar com ella.

Estava cada vez mais fraco e mais abatido.

E não podia ser senão assim, porque Angelo soffria muito e não tinha um momento de repouso. Durante o dia era dos seus misteres religiosos e dos seus deveres de piedade, e á noite, quando se recolhia á cama, em vez de descanso, tinha para o martyrisar o tormento do sonho.

A' noite, elle pertencia a Alzira. A cortezã vinha buscal-o ao leito, e carregava-lhe o espirito com ella até á manhã seguinte.

E o mais curioso era que, n'aquellas duas existencias, tão oppostas e até tão inimigas, o cavalleiro amante da condessa Alzira conhecia o cura de Monteli e ria-se intimamente das ingenuidades d'este; ao passo que Angelo, em mente,

detestava o outro e não lhe perdoava as libertinagens e os crimes.

Com o correr dos sonhos, formou-se uma secreta rivalidade entre o padre cãsto e o licencioso bohemio. Odeavam-se. Cada qual desejava a extincção do rival.

O bresbytero, entretranto, a ninguem confiára até ahi o segredo das escapulas do seu espirito, e principiava a habituar-se áquelle duplo viver de sacerdote virtuoso e de folião profano.

Alzira vinha invariavelmente buscal-o, mal fechava elle os olhos, e levava-o de cada vez a um novo logar de prazeres.

O ultimo passeio maravilhoso d'aquellas noites deixára-o profundamente impressionado, porque fôra de todos o mais commovedor e transcendente, como vai ver o leitor.

Foi assim esse terrivel sonho:

XI

LUTA DE ANGELO COM A PROPRIA SOMBRA

Angelo, ao adormecer, viu-se logo á margem de uma formosa bahia, cercada de mysteriosos arvoredos, por entre os quaes se destacavam ao luar os marmores de velhos palacios talhados em estylo veneziano.

Alzira veiu buscal-o n'uma gondola côr de prata, guarnecida de brilhantes lanternas verdes. Elle embarcou e sentou-se ao lado d'ella.

A gondola começou a deslizar indolentemente sobre as aguas, onde o céu se espelhava todo azul, borrifado de estrellas, e onde as luzes dos barcos e das janellas ogivaes vinham perder-se em trémulos reflexos de mil côres.

A noite era serena e transparente. Alzira pousou a cabeça no hombro do seu amante, tomou um bandolim e começou a cantar:

« As aguas têm mil lampejos,
Se a brisa cantando vai...
O' mar! bebei nossos beljos!
O' brisas! murmurejai!...
Ail ail

O mar tem alma,
 E' bello o mar!
 A noite calma
 Convida a amar!
 Ai! ai!

Um côro longinquo respondeu n'outro tom da
 margem opposta:

• Vivam os amantes
 Cantando aos pares!
 Vôem distantes
 Negros pezares!

Alzira continuou a tocar, e Angelo cantou,
 depois de beijar-lhe a bôca:

• As aguas dormem, querida:
 A lua brilha nos céus...
 Eu quero beber a vida
 N'um beijo dos labios teus!...
 Ai! ai!

E ambos repetiram:

• O mar tem alma
 E' bello o mar!
 A noite calma
 Convida a amar!
 Ai! ai!

O côro respondeu, agora mais perto, porque a gondola se aproximára d'elle:

• Vivam os amantes
Apaixonados,
Morrã as dôres
E vãos cuidados!...»

E Angelo achou-se defronte de um lindo alpendre, construido á beira-mar e coroado de verdura e de flôres.

— Saltemos! disse a cortezã, indicando a longa e branca escadaria de pedra, batida pelas aguas.

E os dous saltaram, galgaram os degrãos de marmore, e penetraram n'um doce e vasto recinto, frouxamente illuminado por balões venezianos.

Ao centro havia um esplendido tapete desdobrado no chão, com uma ceia servida em baixellas de prata e ouro.

Ahi, tres cavalheiros e tres damas, ricamente vestidos e negligentemente reclinados em coxins orientaes, bebiam e comiam, em boa camaradagem, a rir e conversar, a meio abraçados uns com os outros.

Mais adiante, tres damas e um cavalheiro, assentados sobre macias e felpudas pelles, jogavam as cartas, entre beijos e gargalhadas.

De outro lado, tres moços trajados á napolí-

tana e estendidos por terra, fumavam em volta de um grande cachimbo arabico, e bebiam vinho cõr de topazio, que uma bella rapariga de collo nú lhes derramava nos copos de ouro.

Sobre o cáes que dominava a bahia, um casal deitado, de peito para o ar, contemplava a lua, ambos quasi adormecidos, com a cabeça pouxada nos braços um do outro.

Cantavam a meia voz em tom de barcarola:

• Tem a vida mil encantos,
Quando a gente sabe amar...
Os gôzos são tantos, quantos
Murmurios ha no mar...
Deixa-me a bõca
Tua beijar!
A vida é pouca
Para te amar!... ■

Angelo parára á entrada com Alzira.

— Que bella cousa é o prazer!... disse um dos cavalheiros que ceavam.

E accrescentou, abraçando preguiçosamente as duas damas que tinha ao seu lado:

— E pensar que ha por esse mundo gente que falla em tristezas!... As mulheres, as flôres, a musica, o jogo, o vinho e os bons manjares, eis o nosso elemento de vida!...

E tomando as mãos da sua vizinha da direita:

— Não é verdade, minha bella, que o prazer é a melhor cousa da vida?...

A dama respondeu-lhe com um beijo, quebrando os olhos voluptuosamente.

— Ganhei! disse outro cavalheiro no grupo dos jogadores. Paga!

— Aqui tens! volveu a dama, offerecendo-lhe os labios, que elle beijou com delicia.

E ella exclamou logo em seguida:

— Agora ganhei eu!

Elle tirou da cinta um punhado de moedas, que lhe atirou ao collo.

E continuaram a jogar.

— Entremos! segredou Alzira, penetrando no recinto do alpendre.

— Que logar encantador!... considerou Angelo, que até ahi estivera a olhar para todos os lados, devéras surprehendido.

E fazendo a todos um rasgado cumprimento:

— Bôa noute, cavalheiros!

— Vivam, rapazes! exclamou Alzira ao mesmo tempo.

Foram correspondidos indolentemente pelos circumstantes.

Só um dos cavalheiros da cêia voltou-se para elles, e disse-lhes em ar amavel:

— Bôa noite, gentis namorados. Andaes gosando a vida, não é verdade?...

— Sim, respondeu Alzira. Temos mocidade e dinheiro: queremos gosar!...

— Sêde bem vindos! volveu aquelle; não po-

derieis escolher sitio melhor! Ahi tendes o que comer e o que beber... Tomai assento com-nosco e sereis dos nossos! Bebei e embriagai-vos, carissimos!

Angelo e Alzira assentaram-se juntos n'um coxim, e o cavalheiro proseguiu, mal podendo abrir os olhos:

— Aqui as horas correm ligeiras e felizes! Escorregam como um bom vinho!...

— Mas quem sois vós?... perguntou Angelo, levando aos labios a taça que acabára de encher.

O interrogado explicou logo:

— Somos sectarios da religião do Prazer: nossa unica ambição, nosso unico idéal — é gosar! A Sensualidade é o nosso Deus!

— O gôso pelo gôso! Eis ahi a nossa divisa! interveiu um dos outros cavalheiros que ceavam.

E o terceiro accrescentou, emborcando o copo:

— Não conhecemos outra moral, nem outra philosophia!... O amor antes de tudo!...

— Perdão, objurgou Angelo, tomando interesse na conversa; isso não é amor, é lascivia...

— Oh! replicou o que recebêra a objecção. Nada de sentimentalismo!... Guerreemos as idéas ethereas... vivamos pura e exclusivamente para os sentidos. Nada de amores platonicos ou exclusivistas! Nada de ciumes e nada de egoismos! Entre nós, a mulher, seja qual fôr,

é um instrumento de prazer, de que cada um se serve como melhor gosta e lhe apraz. Aqui, n'este feliz recinto, as mulheres não têm dono; são como as flôres do caminho: pertencem ao primeiro que se debruça sobre ellas para lhes sorver o aroma...

E derreando-se entre as duas mulheres que estavam ao lado d'elle, passou-lhes o braço na cintura e perguntou-lhes, beijando-as, uma e depois outra:

— Não é verdade, encantadoras amigas, saborosas flôres, cujo perfume nos embriaga de prazer? não é verdade que não guardaes egoisticamente, só para um homem, o vinho dos vossos labios e os thesouros dos vossos corpos adoraveis?...

Uma das mulheres respondeu, sorrindo:

— Somos altruitas... Com os encantos que possuímos, poderíamos, por interesse, dar a felicidade a um homem... preferimos dal-a a muitos. E' mais generoso...

— De certo! confirmou o cavalheiro que fallára por ultimo. A castidade não passa de uma torpe especulação!...

— A mulher, reforçou o outro, só é verdadeiramente sublime, quando se dá a todos, sem preferencia de nenhum...

— Não concordo comvosco! declarou Alzira.

Angelo sentiu-se irritado com aquellas idéas, e disse, erguendo-se:

— Degradante philosophia é a vossa, escravos da luxuria! Desvirtuastes o amor, prostituistes a mulher! Amaldiçoaes assim a melhor obra de Deus!

— Ou do demonio... corrigiu com uma gargalhada um dos commensaes.

— Não! teimou Angelo. O demonio inventou o odio e não o amor, descobriu a inveja e não a ambição, descobriu o desespero e não a felicidade, descobriu a luxuria, que é o desespero da carne, e não o amor, que é o orvalho da alma!

— Ou estás muito ébrio já, disse aquelle; ou és um poeta!

— Não! sou um homem que ama, e nada mais, repontou o amante de Alzira.

— E's um sonhador!... interveiu outro com uma nova gargalhada. Um amante das estrelas!... Máo logar escolheste tu para os teus idyllios sentimentaes!...

— Segue o teu caminho, visionario! aconselhou outro. A tua loucura faz-nos pensar, e nós não queremos dar-nos a esse trabalho... Vai-te embora!

— Enxotam-me?! exclamou Angelo

E puxou um punhado de moedas de ouro, que atirou sobre a mesa, accrescentando: — Tenho o direito de cá estar! Pago os meus prazeres! E, se alguém ha entre vós, que a isso se queira oppôr, falle, que immediatamente lhe taparei a bocca!

Um dos convivas ergueu-se, encaminhou-se

tranquillo para elle e disse-lhe, com os olhos meio fechados pela embriaguez:

— Tens o direito de estar aqui, não ha duvida alguma... mas o que não tens, desgraçado, é o direito de incommodar-nos...

— Desgraçados sois vós, miseros sensualistas! replicou Angelo.

— Deixa-me! tornou o outro desdenhosamente. A tua moral enjoa-me! Se quizeres seguir o nosso exemplo, ahí tens o teu copo, é beber até cahires ébrio nos braços da mulher que te ficar mais perto; qualquer d'estas... Não temos ciumes!... E se isso não te convém, toma então de novo a tua gondola e segue adiante, que trazes ao teu lado uma mulher formosa e não promettemos respeitál-a mais que ás outras.

— Ai d'aquelle que lhe tocar com um dedo! exclamou Angelo no auge da colera.

Alzira interveiu.

— Acalma-te disse ella, dando-lhe um beijo. A noite é curta, meu amor; não vale a pena perdê-la com outra cousa que não seja o prazer!...

E, voltando-se para os que estavam á ceia:

— Encham-me a taça, amigos, que a noite ainda é melhor assim regada com o capitoso e dourado moscato italiano!

— Tens muito mais espirito que o teu sentimental amante!... observou rindo um dos convivas. E és formosa de mais para pertencer a um só homem!

Angelo deu um salto sobre o libertino que acabava de fallar e, desembainhando a sua espada, exclamou, pondo-lhe a mão esquerda fechada em frente do rosto:

— Mais uma palavra e arranco-te a alma, miseravel!

— Acalmem-se! supplicou Alzira, collocando-se entre elles. Acalmem-se por quem são! Bebamos e folguemos, antes que o sol venha de novo tirar-me a carne de cima dos ossos!...

— A belleza, disse o contendor de Angelo, esvasiando ainda uma vez a sua taça espumante; a belleza é uma divindade! E uma divindade deve ser adorada por todos!

— Bravo! bravo! gritaram os que se tinham deixado ficar no chão. Adoremos a divindade da belleza!

— A' Belleza! A' Belleza!

E entre risos, as taças chocaram-se, tilintando.

— E' de mais! gritou Angelo desprendendo-se dos braços de Alzira, e saltando em meio do banquete. E' de mais! Este miseravel deve morrer!

A cortezã procurou detel-o.

— Angelo! Angelo!

— Deixa-me! bradou este. Quero punir aquelle infame! quero esmagar aquelle estúpido libertino!

Houve um geral sobresalto. Ergueram-se to-

dos. Puxaram pelas espadas, e as damas empalideceram, soltando gritos de pavor.

Angelo parecia possesso. A lamina do seu aço florentino reluzia no ar, ameaçadoramente. Elle, sem deter-se um instante no mesmo lugar, varria aos pontapés os estorvos que encontrava nos seus saltos de esgrimista.

— Venham todos! bradava, sacudindo os cabellos. Venham todos, cafila de brutos sensuaes! Venham, que os regeitarei na ponta d'este ferro!

— Angelo! Angelo!

— Com a vida e pagarás! exclamou um hercules veneziano, que acabava de erguer-se sacando o punhal.

— Morrerás como um javali! gritou outro, acudindo de arma em punho.

E ouviu-se um côro de imprecações e phrases de terror.

— Um conflicto?!...

— Calma! calma!

— Diabos levem os intrusos!

— Morra quem perturba o nosso gôso!

— Matem-no e lancem o cadaver ao mar!

— Fiquemos com a mulher, que é bonita!

Entretanto, um cavalheiro collacára-se de frente de Angelo, com a espada em desafio.

Mediram-se as laminas, os ferros cruzaram-se no ar: os dous fizeram uma rapida oração entre

os dentes cerrados pela colera, e o combate começou feroz.

Abriu-se um instante de silencio, em que o retintim metallico das duas espadas era o unico arruido que se ouvia.

Os contendores arfavam, desesperado cada qual pela destreza e galhardia do seu adversario.

— Agora! bramiu Angelo, cahindo a fundo contra o inimigo.

E atravessou-o de lado a lado.

— Oh! gritaram todos, correndo para o lugar do duello.

E cercaram Angelo n'uma trincheira de espadas nuas.

— O meu punhal! berrou o perseguido, dessembainhando a terrivel arma, que lhe dêra o demonio do Ouro. Assim o querem?... Assim seja!

E abriu aos pulos para todos os lados, cravando uma punhalada a cada salto.

Um a um, iam cahindo todos em volta d'elle, expirando cada qual, entre gritos de agonia e uivos de colera sequiosos de vingança.

Do meio para o fim d'esta singular hecatombe, os que não tinham recebido o golpe fatal, fugiram, lançando-se do cáes ás aguas da bahia. As mulheres rolavam pelo chão, estrebunhando espavoridas, ou jaziam sem sentidos, pallidas e estateladas como cadaveres.

Angelo viu-se afinal senhor do campo e, offegando de cansaço, limpou o punhal tinto de sangue nas roupas de uma das suas victimas.

— Fujamos! disse Alzira, a enxugar-lhe com o lenço de rendas a fronte resumbrante de suor. Fujamos antes que amanheça!

— Não! oppoz Angelo. Vamos beder ainda, e esperemos a aurora abraçados os dous sobre estes coxins feitos para a volupia!...

Mas, no momento em que levava aos labios a amphora de vinho, arremessou-a para o lado, soltando um terrivel grito de pavor.

Defronte d'elle, com os braços cruzados, os olhos faiscantes e o rosto fulo e sinistro como uma caveira, erguia-se o espectro do macilento cura de Monteli.

Angelo recuou fulminado.

E o parcho, sem descruzar os braços, caminhou para elle, atravessando-o com o seu claro olhar de sacerdote intransigente.

— Crápula! exclamou, chegando-lhe a bôca ao rosto. Assassino! Bebado! Ladrão!

O amante de Alzira poz-se a tremer.

O outro proseguiu: — Em que immundo esgoto perdeste tu a tua vergonha e a tua consciencia, miseravel?... para andares sem pudor a vagabundear ao lado de uma infecta prostituta?...

— E que tens tu com isto, hypocrita?... interrogou o Angelo bohemio, recuperando sau-

gue frio. Acaso vou eu tomar-te contas das ridiculas pantomimices que levas a praticar durante o dia em Monteli?... Interrompo por ventura a farça das tuas missas, quando charlataneas o teu irrisorio latim e ergues ao ar, espectacularmente, dos dedos de vinho e tres de obreia, proclamando que é sangue e corpo de Christo... o que vaes ingerir?... Já fui eu lá dizer-te ao ouvido que isso é uma truanice, tão digna de desprezo quanto de lastima?... Já fui eu lá insinuar aos teus devotos que os teus milagres são mentira, como é mentira a tua fé, como é mentira a tua sciencia, como é mentira a tua religião?... Não me venhas pois aborrecer, onde não és chamado, e volta para a tua pestilenta aldeia, que tens lá quem precise dos teus desvellos e dos teus conselhos. Dál-os ao filho da viuva Trevenet!

O presbytero, ouvindo este nome, estremeceu por sua vez.

Sacudiu a cabeça e disse, revoltado:

— Até tu, alma perdida! até tu finges não comprehender a verdade a respeito d'essa infeliz criança!

— Não sou eu quem te accusa; são todos! Nada mais faço do que repetir a voz do povo, que é a voz de Deus! Somo-te da minha presença!

— Sim! mas deixa essa mulher!

— Porque? Ah! comprehendo! são os ciumes que te agitam, hein? Magnifico!

— Deixa essa mulher, já disse!

— Queres que a deixe contigo, talvez!...

— Obedece-me ou eu tomar-t'a-hei á força!

— Não tentes experimental-o, porque ficarias aqui mesmo estendido por terra com esses outros imprudentes que ahi estão! Vai-te embora. desgraçado!

O parochó foi ter com Alzira e tomou-lhe as mãos.

— Acompanha-me disse, com ar de supplica.

A cortezã olhou para elle, olhou para o outro, e abaixou os olhos, hesitando perplexa.

— Não vens commigo?... interrogou o padre, arfando de colera e ciúme.

— E elle?... balbuciou a cortezã. Como deixal-o?... Bem vês que não posso!...

— Aqui! A meus braços! ordenou o outro Angelo, batendo o pé. Já! Não dês ouvidos a esse embusteiro!

Alzira chegou-se para o amante folgazão, obedecendo submissa.

Então o parochó, sem dominar a colera, atirou-se contra o rival, tentando estrangulal-o.

Alzira, percebendo que aquelle arrancava o punhal da cinta, apoderou-se do ferro traiçoeiramente e lançou-o ao mar.

O desarmado soltou um formidavel grito de desespero e engalfinhou-se com o outro Angelo, rolando ambos ao chão, por entre os cadaveres ensanguentados, emquanto um sino ao longo

principiava a badalar, chamando para a missa, e a aurora acordava a natureza, cantando um hymno de gorgeios e murmúrios de floresta.

O infeliz vigário acordou afinal, na vida real, banhado de suor, suffocado e afficto, a debater-se no seu leito com a propria sombra, que o estrangulava.

XII

A DUVIDA

A tarde succumbia lentamente, enchendo a natureza com a sua triste alma lamentosa. As cigarras estridulavam nas somnolentas frondes dos arvoredos, como um continuo gemido do crepusculo que agonizava. O sol, cançado do seu esplendor, fugia ao longe, cambaleando por uma escadaria de purpura réal. Os lavradores recolhiam-se á casa, com a ferramenta ao hombro, e crianças brincavam no eirado ouvindo as Trindades.

Entretanto, na modesta sala de jantar do cura de Monteli, a velha Salomé, com o queixo apoiado á mão, o olhar perdido ao acaso, meneiava a cabeça defronte do Dr. Colbalt, e parecia devéras desconsolada.

O medico tomava notas na sua carteira.

— Elle não se queixa de nada?... perguntou depois de uma pausa, a extorcer nos dedos o labio inferior.

— Não, senhor doutor, não se queixa de nada!... E é isso o que eu estranho!...

— Não tem dôres de cabeça?... Vertigens, achaques nervosos?... insistiu aquelle.

— Se tem, não sei... respondeu a criada, porque elle se não queixa nunca... E' outra cousa que eu estranho!...

— Come com appetite?...

— Tão pouco como d'antes...

— Está mais expansivo?... Conversa?...

— Está na mesma... E isso tambem não deixa de causar-me certa estranheza!...

— Dorme bem?...

— Ah! Quanto a isso, acho que até dorme de mais!... Ultimamente, mal toca ás Trindades, já o senhor vigario está procurando a cama!... Só n'isto mudou durante a ausencia do Sr. doutor... D'antes levava ás vezes acordado até que horas da madrugada, e agora, é anoitecer, e já ninguem o detém de pé!... Deu para isso desde aquella celebre noite em que o viéram buscar para ir á Avenida de Blancs-Manteaux.

O medico tomou novas notas e perguntou depois, sem desfitar o olhar de onde o tinha pregado:

— Elle anda muito durante o dia?... Fati-ga-se?...

— Não sahe agora de casa senão para os seus deveres...

— Não passeia?...

— Agora, nunca. D'antes ainda o fazia algumas vezes, e quasi sempre demorava-se por ahi, margeando o rio ou percorrendo a serra; mas depois da ida ao castello d'Aurbiny, nunca mais

fez d'esses passeios. Mal acaba o que tem de aviar ahi por fóra, volta logo para casa e, chegando a noite, deita-se, haja o que houver!...

— E dorme logo?...

— E' deitar-se e pegar logo no somno

— E o somno é socegado?... é profundo?...

— Póde vir a casa abaixo, que elle não dá por isso! Só desperta na manhã seguinte, ao raiar do dia. E nunca vi procurar a cama com tamanha sofreguidão!... Até parece molestia, Deus me perdõe!

— Singular!... muito singular!... resmungou o doutor, sem largar o labio.

— Nem sei o que me parece aquelle modo de dormir!... tornou a criada, com um suspiro, em que denunciava toda a sua tristeza pelo estado do amo. Tenho meus receios de que seja praga! Virgem Santissima! Ha no mundo tanto bôca damnada, e o Sr. vigario tem sido, n'estes ultimos tempos, tão perseguido pelos padres que vieram de Pariz!...

Cobalt interrompeu-a.

— Elle não lhe tem contado nada a seu respeito, minha bôa amiga?... perguntou.

— Qual! nunca estive commigo tão fechado como agora...

— E' singular!... resmungou o medico. E' singular!... Os phenomenos que observo n'este enfermo, desmentem as minhas experiencias já feitas nos hospitaes!... E' um caso singularis-

simo de hysteria no homem!... Ah, meus collegas, meus collegas, obstinados em que a hysteria tem a séde no utero!... Queria vel-os aqui, e haviam de confessar que ella não passa de uma nevrose encephalica!... Platão, com o seu systema de utero desesperado por conceber, com o seu utero que damna e faz cabriolas até ao cerebro, é um visionario, como todos os seus discipulos espalhados pelas nossas academias!... No seculo dezenove comprehenderão talvez o que hoje negam tão obcecadamente! Caturras! Não percebem que o vasto mundo dos nervos é tão grande, tão complicado e tão extraordinario, como todo um mundo planetario!... Fallam em psychologia, fallam em intellecto, e não fallam n'essa cousa ainda hoje sem nome — a vida autómatas dos nervos; isso, cujo conjuncto presinto e vejo pelas suas phenomenaes manifestações, e habita uma parte material de nosso corpo, tão importante quão pouco conhecida e estudada até hoje! isso, que ha de encher uma época no mundo dos sabios e produzir uma grande revolução scientifica! Ah! não poder eu viver d'aqui a cem annos!... ou não ter talento, genio, para poder adivinhar o que os outros mais tarde descobrirão. Maldicta seja esta minha cabeça inutil, e maldicta seja a medicina!... E maldicta principalmente seja esta minha ausencia de Monteli, durante a qual tantos progressos fez o meu doente na sua desconhecida molestia!... Ah!

mas hei de chegar a um resultado, ou enforco-me no primeiro lampeão ou na primeira arvore que encontrar pelo caminho!

E, voltando-se vivamente para a tia Salomé, a limpar, offegante, o suor da testa, perguntou:

— E elle em que estado acorda?...

— Ora, Sr. doutor... Cada vez mais acabrunhado e abatido... respondeu a bôa velha, sara-pantada de todo com o ar perplexo do medico. As taes horas de somno do senhor vigario, em vez de lhe darem novas forças e fazel-o rijo, a modo que o deixam mais prostrado... Acorda cansado, nem que se chegasse de uma viagem muito longa, ou que então largasse n'aquelle instante um serviço muito forte!... Levanta-se da cama quasi cambaleando, as suas orações fal-as elle tão fatigado como se passasse a noite em claro, barbeia-se cahindo de somno, e depois assenta-se um bom tempo, descansando. Se **eu não vier** chamal-o para a missa, é capaz de ficar ahi todo o santo dia, a scismar!...

— Diabo! exclamou o medico com uma palmada na perna. Diabo! esta minha ausencia foi um transtorno infernal! A nevrose chegou a um ponto em que se torna quasi incuravel!... Ah! mas, haja o que houver, carrego-o amanhã mesmo para o novo hospital de nevropathas que acabei de abrir, e vou fazer n'elle as minhas primeiras experiencias da applicação da agua fria por meio de duchas graduadas! Está decidido!

É é bem possível que eu, d'aqui a pouco tempo, esteja apresentando á Academia de Sciencias o meu novo livro sobre o grande mundo dos nervos!...

E voltando a ter com Salomé:

— Não veio de Pariz ninguém visital-o, além dos devotos do milagre?...

— Ninguém... respondeu ella.

— Diga-me uma cousa, tiasinha... mas falle com franqueza, que é para bem do nosso doente... Nunca descobriu no vigario qualquer inclinação por alguma mulher?...

— Credo, senhor doutor!... exclamou Salomé, benzendo-se. Credo, Pai Santissimo! Pois então o senhor vigario seria lá capaz de?... Elle, que é um santo!... Valha-me a Senhora dos Afflictos, que até senti um embrulho no estomago!

— Não ha duvida! Carrego-o amanhã mesmo para o hospital!... Vou d'aqui tratar do que me falta para poder leval-o!

Salomé, que tinha ido até á janella, voltou para segredar apressada ao medico:

— Elle ahi vem!...

Cobalt poz-se logo em retirada, e disse precipitadamente á velha:

— Continúe a observal-o. Volto em breve Segredo, hein?... E tome lá para o seu rapé!

Atirou-lhe uma moeda e fugiu; enquanto Salomé, indo abrir a porta, considerava de si para si:

— O vigario estará soffrendo da cabeça, mas este medico, pelos modos, não regula muito melhor que elle ...

E abriu a porta a Angelo, que entrou da rua, mais taciturno e mais somnambulo do que nunca.

A criada foi ter ao seu encontro e deu-lhe as bôas noites.

O infeliz não respondeu.

— Coitado!... pensou ella, considerando-o da cabeça aos pés com um olhar de lastima. Como elle está hoje!... Nem deu pela minha presença!...

E tomou-lhe o braço, para perguntar-lhe, gritando, como se fallasse a um surdo: — O senhor vigario quer que eu vá buscar a sua refeição?...

E, como elle ainda d'esta vez não respondesse, a bôa velha afastou-se lá para a cozinha, resmungando:

— E' melhor mesmo que o doutor o leve, para ver se o endireita!...

A intriga dos invejosos vingára finalmente. Angelo era já pelos seus superiores considerado louco; o arcebispo suspendera-lhe as ordens por tempo indefinido, e ameaçava de excommunhão todo aquelle que fosse a Monteli em romaria devota.

Entretanto, elle parecia indifferente e alheio a tudo isso, e continuava escravo dos seus dolorosos enlevos, como se o seu espirito vivesse com effeito em um outro mundo, um mundo só d'elle

conhecido, um mundo longe da terra e longe das suas duras melancolias religiosas.

E, cada vez mais taciturno e sombrio, seu vulto, quando agora vagava pelas estradas, já se não detinha aos gemidos dos desgraçados, nem ao riso alvar dos imbecis que escarneciam d'elle.

Salomé tinha razão: a cousa unica que o preocupava agora, era o somno. Angelo queria dormir tanto quanto possivel, para sonhar muito. O delirio conquistára-o de todo. O sonho vencêra a vida real.

Angelo foi até ao seu quarto e parou junto á cama.

— Eis emfim o momento de dormir!... pensou elle. Dormir! — estranho modo de morrer!... Sonhar! — estranho modo de viver!...

E atirou o chapéo para o lado, desfez-se do capote e continuou a meditar:

— Sim, murmurou, sacudindo a' cabeça; sim, eu vivo nos meus sonhos, e mentiria se dissesse que os não desejo!... Desejo-os ardentemente; volto d'elles com a consciencia afflictta e dolorida, mas durante as longas horas do dia, nada mais faço que chamar pela noite, para poder correr aos braços de Alzira!... Sonhar!... Será vida o sonho?... E porque não?... porque suppôr que esta é vida verdadeira e a outra não?... Porque, se ambas têm a mesma razão de ser? as mesmas uvidas, as mesmas incertezas!... Não são

ambas um mysterio?... Saberei por acaso o que eu era antes de nascer e o que serei depois da morte?... De onde vim?... Para onde vou?... Eis o mysterio!... A vida, qualquer que ella seja, não será sempre um ligeiro sonho que se esvâe entre dous nada? Sahir de um ventre de mulher, para entrar no ventre da terra!... Eis tudo o que se sabe!...

E começou a espacear pelo quarto, gesticulando.

— Sim! Qual das duas vidas será a verdadeira?... Qual das duas será mentira e sonho?... Poderei afirmar que existo n'esta?...

E começou a apalpar as mãos, e a extorcer, uns contra os outros, seus dedos magros e pallidos.

— Este meu corpo será com effeito meu, e será com effeito um corpo?... Elle com effeito existirá?... Eu o estarei vendo, ou tudo isto será illusão?... (E apertou com força, entre os dedos, a carne do seu braço.) Todos estes objectos que me cercam. existirão com effeito?... Sim! Eu os vejo! eu os apalpo! Eu os sinto com o meu tacto!

Salomé, que entrára com a merenda, estacou a olhar para elle, desconsoladamente.

— Que estará o senhor vigario a fazer ás voltas com aquella cadeira?... resmungou ella, notando que Angelo tinha uma cadeira erguida nas mãos e a examinava com summa attenção. Parece admirar uma raridade!...

— Sim, exclamou o parochó. Isto existe!

E arremessou a cadeira ao chão.

— Máo! máo! resmungou a criada. Hoje está para quebrar as cousas! ..

E foi ter com elle, carinhosamente, depois de largar sobre a mesa a bandeja da merenda.

— Por que não trata de comer alguma coisa e recolher-se, senhor vigario?... Olhe que já são quasi sete horas!...

Angelo despertou:

— Sete horas? Já?... Sim, sim, vou deitar-me! Preciso dormir! dormir muito!

— Mas ha de primeiro tomar a sopinha de leite com pão. Vamos! venha para a mesa! (E conduziu-o até lá, puxando-o pelo braço.) Assim! Agora beba um trago de vinho!

Angelo obedecia, como uma criança, sem dizer palavra.

— Bom, disse a criada, quando viu que não conseguia fazel-o comer mais nada. Agora póde recolher-se. Boa noite!

E sahiu, soltando um fundo suspiro de lastima.

O presbytero continou perdido nas suas scismas.

— Sonhar!... Sonhar!... Estarei eu sonhando agora, para d'aqui a pouco acordar nos braços de Alzira?... não! mas isto existe!

E tomou de cima da mesa o cangirão de vinho.

— 't'anto existe... proseguiu elle, que eu posso

quebrar este objecto! destruil-o! (E despedaçou o cangirão contra a parede). Eu tenho um corpo que sente... tenho uma alma que dóe! Ah! mas na outra vida palpita-me tambem o sangue dentro das veias! na outra vida a minha bôca beija, os meus olhos choram, a minha carne treme de prazer e de dôr! na outra vida governo os meus membros, dirijo os meus pensamentos, e piso a terra, e respiro o ar, e como, e bebo, e amo!

N'isto abriu-se surdamente a porta que dava para o interior da casa, e a veneranda figura do velho Ozéas desenhou-se contra a sombra.

Vinha abatido pela sua longa enfermidade; parecia muito mais velho e macilento. Afundaram-se-lhe de todo as faces e cavaram-se-lhe os olhos, onde transparecia agora, em vez do brilho mystico que os illuminava d'antes, uma triste luz de mortal desesperança.

Immoavel, de braços cruzados sobre o peito, quedou-se a observar em silencio o espectro do seu discipulo amado.

Angelo não dera por elle e continuava a monologar, gesticulando:

— Sim... sim... porque acreditar que esta miseravel existencia de cura de aldeia é a vida real, e a outra não? a outra que aliás é tão superior?... Sim! sim! Ou ambas são vida, ou são ambas sonho!... A unica differença é que lá eu vivo e góso, ao passo que aqui... apenas choro e

soffro... Ah! sonho por sonho, prefiro o outro! no outro sou feliz, sou livre, sou um homem como qualquer! não tenho senhor! não tenho Deus! Lá — eu amo — eu sou amado! Sim! sim! Prefiro a outra vida! Corramos aos braços de Alzira!

E encaminhou-se para o quarto com avidez.

Mas frei Ozéas, que lentamente se aproximára do discipulo, fel-o estacar, interpondo-se-lhe na passagem.

— Oh! meu pai?... exclamou o parochó.

— Angelo! disse o frade, abrindo os braços, enquanto as lagrimas lhe corriam pelas longas barbas brancas.

— Meu pai aqui!

— Sim! Venho em teu soccorro, meu filho!
E Angelo atirou-se-lhe nos braços, soluçando.

XIII

A CONFISSÃO

Passado o abalo da primeira impressão, um constrangido silencio fez-se entre Angelo e Ozéas.

O presbytero tinha os olhos baixos, como um criminoso, e o outro acompanhava-lhe os menores movimentos, tremulando a cabeça.

— Sim, meu filho... disse o velho afinal, venho em teu soccorro!... Dize-me como estás e diz-me o que sentes...

Angelo não ergueu os olhos.

— Eu?... Nada!... tartarmudeou. Creio que estou bom...

— E eu tenho a certeza do contrario, meu pobre Angelo...

E Ozéas accrescentou a um gesto negativo do discipulo:

— Ah! Não tentes enganar-me!... Tens, seja qual fôr, uma preocupação bem grave, que inutilmente procuras esconder aos meus olhos!... Ha alguns instantes que te observo, que acompanho todos os teus movimentos, cheguei mesmo a ouvir muitas palavras do teu monologo de louco! Ah, sim! tens uma dôr secreta, e eu hei

de arrancar-t'a e destruil-a, custe o que custar!... Vamos! E' melhor que falles com franqueza!

— Nada! Não tenho nada!... insistiu o paroch, visivelmente perturbado.

— Negas?!... Desconheço-te, Angelo!... Já não és o mesmo casto discipulo, que eu cerquei durante vinte annos com a dedicação dos meus desvellos e da minha fé!...

— Creia que se illude, meu pai!...

— Tu é que me queres illudir, Angelo... Ah! mas não o conseguirás! Não supponhas que vim aqui ás apalpadelas... Tenho-te acompanhado de longe, desde que a enfermidade me obrigou a separar-me de ti...

E recuperando de subito o seu antigo ar energico, exclamou:

— Exijo que me confesses abertamente a causa d'este teu estado actual!

— Mas...

— Exijo!

— Mas que lhe hei eu de dizer?...

— Falla-me por exemplo das consequencias d'aquelle estranho sobresalto, que te accommetteu quando celebravas a tua primeira missa... Ainda até hoje não me déste conta d'isso!...

Angelo estremeceu, balbuciando alguns sons inintelligiveis.

E Ozéas accrescentou:

— Sim, nunca me confessaste que elle foi pro-

vocado por uma mulher que se achava na igreja...

O parochó estremeceu ainda.

— E por que tremes agora?... bradou o velho. Porque abaixas os olhos?... Porque desse modo empallideces?... Porque as lagrimas estão a correr-te pelas faces?... Ah! eram bem fundados os meus receios de então!... são bem certas as minhas desconfianças de agora!...

— Desconfianças?... De que?...

— De que Alzira te preoccupa ainda!...

— Alzira já não existe...

— Sim, já não existe para o mundo... Quem sabe, porém, se ella não continuará a existir para a tua imaginação enferma e desvairada?...

O pobre moço tomou-lhe as mãos.

— Porque diz isso, meu pai?...

— Porque vejo e comprehendo que uma idéa fixa te róe o cérebro e devora-te a razão! Quero saber o que é! Falla!

Houve uma pausa.

Ozéas proseguiu, mudando de tom:

— E' a primeira vez que bato ao teu coração, e elle se não abre logo de par em par!... Comprehendo: já te não possúo... já não és o mesmo que foste para mim... já não és o meu filho submisso e casto!... Perdi tudo! Paciencia! Nada mais me resta a fazer aqui!... Adeus.

Angelo prendeu-o nos braços.

— Perdôe! perdôe, meu pai!

— Então falla!

— Ah! se soubesse quanto eu soffro!...

— E não obstante ainda ha pouco sustentavas o contrario... Bem vês que tenho razão!...

— Sim, mas, por amor de Deus, não exija que eu falle!...

— Ao contrario, quero que me abras o teu coração com toda a confiança, quero que m'o despejes em confissão, como o fazias d'antes!

— Mas é tão estranho o que se passa comigo!...

— Conta-me tudo!

— Sou um imperdoavel peccador!

— Maior serias se me não fallasses com sinceridade!...

— Sou um desgraçado!...

— Não tanto, como se eu não estivesse agora a teu lado, disposto a salvar-te!...

— Mas o meu crime é traiçoeiro... só se apodera de mim durante a inconsciencia do sonho...

Ozéas fixou-o, e, concentrando a attenção, disse depois surdamente:

— Continúa...

— Vou dizer-lhe tudo com franqueza!...

E Angelo olhou para os lados, e accrescentou, abafando a voz: — Vou contar-lhe tudo...

— Falla, meu filho...

— A perturbação que eu senti no dia em que me ordenei, era com effeito causada por uma mulher...

— Alzira...

— Sim... confirmou o parochó, meneando lentamente a cabeça. Sim... Alzira... Soube logo que esse era o seu nome, em volta de mim na igreja todos o repetiam quando ella me fitava da tribuna...

— Eu notei. E depois?...

— Só a tornei a ver n'aquella noite em que deixei Pariz... E no dia em que ella veio procurar-me aqui...

— Sei. Adiante.

— Sua imagem, porém, nunca mais me sahiu da memoria, até que, uma noite, sonhei que vinham buscar-me para soccorrer um moribundo...

— Não foi sonho, foi a realidade...

— A realidade?!... exclamou Angelo, com os olhos pasmados. Então é real que a estreitei nos meus braços?... Então é real que a resuscitei com os meus beijos?!...

— Isso é que já foi sonho, ou melhor, delirio!

— Meu Deus! onde começa o sonho?... onde termina a realidade?... Alzira teria com effeito vindo buscar-me no dia seguinte ao seu enterro?... (Ozéas redobrou de attenção). Eu ter-me-hia transformado em um cavalleiro e ella em formosa dama? Teriamos sahido por ahi afóra, montados em fogosos cavallo, que nos levaram a mundos desconhecidos para mim?... Teria eu percorrido com ella todas es-

sas paragens maravilhosas?... Teria eu provado de todos os venenos do prazer e bebido de todos os vinhos do amor?...

Ozéas apoderou-se do braço de Angelo.

— E ella continúa a voltar?... exclamou, sobresaltado.

— Sim, sim, volta sempre! Ainda não faltou uma só noite até hoje! Mal adormeço, ella vem logo e carrega commigo! E' ella a pessoa com quem eu mais convivo n'este mundo!

— N'este, não! no mundo da tua loucura!

— E porque acreditar que este é o verdadeiro e o outro não!?... Ambos me occupam longas horas o espirito, ambos palpitam de sentimento e de verdade, ambos têm as suas consolações e os seus desgostos!...

— Mas, meu filho, não te lembras que cresceste a meu lado, que viveste sempre commigo?...

— Tambem no outro mundo tenho reminiscencias de uma vida inteira. Lembro-me do collegio, das ferias passadas com parentes, dos affagos de meus pais... sim! porque lá não sou um miseravel engeitado... tenho familia e tenho amigos... E' uma vida completa e perfeita! Esta outra existencia obscura, de parochinho de aldeia, apresenta-se-me então ao espirito como um sonho extravagante e ridiculo!...

— E' preciso que Alzira nunca mais te appareça! bradou o velho.

— Ah! disse Angelo. Creio que só com a morte deixarei de vel-a!... E, ainda assim, quem sabe?... Quem sabe se Alzira não virá ter comigo, quando esse outro somno me adormecer para sempre?... E quem poderá afirmar que eu vivo?... quem me dirá que não sou, como ella, um pobre espirito errante, um espectro, uma sombra, condemnado a nunca repousar?...

— Cala-te, louco! Não a verás hoje!

— Ella virá logo que eu adormeça!...

— Hoje não dormirás!

— Ella me espera!...

— Desgraçado! já não és senhor de tua vontade?... Acaso negociaste tua alma?...

— Não, meu pai, minha vontade é a sua... minha alma pertence a quem m'a confiou, pertence a Deus!

— Pois então, obedece-me! Põe o teu capote e o teu chapéo, toma um alvião e uma enxada, e acompanha-me!

— Aonde vamos?...

— Depois o saberás. Ajoelha-te e pede ao Creador que te proteja!

O discipulo obedeceu.

E o velho accrescentou, erguendo os braços e os olhos para o céu:

— O' meu Deus! O' senhor misericordioso! não nos desampareis n'esta terrivel excursão que vamos emprender!...

XIV

CRUZ E CALVARIO

Ozéas muniu-se de uma lanterna furtaluz e fez-se acompanhar por Angelo, que levava o alvião e a enxada.

Sahiram.

A noute era bonita e frouxamente illuminada por um luar de abril. A aldeia dormia já, e apenas algumas arvores rumorejavam, sonhando talvez, ainda tontas da quente caricia do ultimo sol que as suffocára com os seus beijos de fogo.

Cães ladravam, de pescoço estendido, provocando o céo. As estrellas bruxoleavam tristemente no azul da abobada mysteriosa. Não se ouvia o pio de uma ave nocturna.

E os dous religiosos lá iam pela estrada, silenciosamente, projectando longas sombras na areia dos caminhos.

Pareciam dous espectros filhos da mesma noute.

Andaram durante algumas horas. Atravessaram a aldeia, sem dizer palavra. E afinal che-

garam a um cemiterio, que já não pertencia a Monteli e sim a Blancs-Manteaux.

— E' aqui, meu filho... disse o velho, parando, extenuado de fadiga.

Angelo nada respondeu. Encostou-se ao sinistro muro da casa dos mortos e respirou descansando.

— O que vimos aqui fazer?... perguntou depois.

— Entremos... deliberou o outro, procurando o lado mais baixo do muro para galgal-o .

E penetraram no cemiterio.

Era um bem triste logar aquelle, com a sua dura symetria de tumulos enfileirados, branquejando ao luar. Canteiros de flores, mais funebres que as sepulturas, pareciam dizer na muda linguagem das perpetuas e das margaridas, todo o segredo das dôres e das saudades. que alli gemeram junto aos que fugiram para debaixo da terra.

Mas agora, nem o écho de um soluço, nem a scintillação de uma lagrima!...

Mudo esquecimento e paz absoluta! A lagrima nasceu liquida para seccar depressa, e o soluço não tem azas para acompanhar a memoria dos que morrem!

Ozéas e Angelo puzeram-se a andar vagarosamente por entre os mausoléos, até chegarem ao campo raso dos mortos anonymos, para os quaes só ha uma cruz de ferro, com um simples

número, iria como o coração do coveiro que os sepultou.

O cemiterio era grande, mas de aspecto miseravel. Um vasto campo, que se estendia, subindo em rampa, até parar de subito n'um formidavel despenhadeiro, onde nunca descia a luz do sol nem das estrellas.

O frade, ao chegar a certo sepulcro, coberto por uma lousa de marmore, deu luz á sua lanterna, e alumiou a lapida.

— Lê!... disse ao companheiro.

— Ah! exclamou Angelo, retrahindo-se.

Na lágea funeraria estava escripto « Alzira ».

— Aqui jaz o que d'ella resta... segredou o velho.

E depois de um silencio, accrescentou: — Levanta a lousa...

— Profanar uma sepultura!... Eu?... protestou Angelo, recuando. Não! Nunca!

— Assim é preciso! Obedece!

— Meu pai!...

— Obedece!

O presbytero hesitou ainda.

— Obedece, ou eu te amaldiçoarei para sempre! insistiu Ozéas.

Angelo abaixou a cabeça e começou a levantar com o alvião a pedra sepulcral.

Conseguiu-o no fim de algum esforço.

— Agora, tornou o velho, quando viu a tumba

descoberta, tira com a enxada o que está lá dentro...

O parochó voltou o rosto, exclamando:

— Oh, não! não! por amor de Deus!

Ozéas tomou a enxada, e retirou com ella uma caveira de dentro da sepultura.

Limpou-a ao hábito e levou-a até aos olhos do discipulo, dizendo:

— Vê! Vê bem!...

— Uma caveira!

— Sim! Uma caveira! E' tudo que resta da belleza da tua Alzira!... a terra comeu-lhe os olhos, o nariz, a bôca, as faces côr de rosa... Só ficaram os dentes, para se rirem de ti, louco!

Angelo tomou a caveira entre as mãos, e ficou a contemplal-a, abstracto e mudo.

Ozéas chegou-se mais para elle e disse-lhe, avizinhando a bôca do seu ouvido e abafando a voz como quem conspira:

— Vê bem!... E' uma caveira vulgar... confunde-se com todas as outras!... Foram-se-lhe os encantos... foram-se os cabellos com os seus perfumes sensuaes, os labios com os seus sorrisos seductores, os olhos com as suas chammas de amor!...

— Meu Deus! soluçou Angelo.

— Restam apenas ossos... insistiu Ozéas. E' tudo que d'ella resta n'este mundo!... O mais que supponhas que exista, o mais que vejas nos

teus sonhos libertinos, é loucura! Comprehende bem, Angelo! — Loucura!

— Meu Deus! exclamou, o moço, deixando cair a caveira dentro do tumulto, e sentindo fugir-lhe a luz dos olhos. Meu Deus, valei-me!

E baqueou no chão, abraçando-se á lapida.

Ozéas precipitou-se sobre elle, para soccorrel-o.

— Angelo! chamou. Animo! animo, meu filho!

O parochó não deu acôrdo de si.

E o pobre velho apalpou-lhe o rosto e o coração.

— Perdeu os sentidos! disse afflicto. Valha-me Deus! Valha-me Deus! Como lhe hei de valer? Se eu tivesse ao menos uma pouca d'agua! A sua frente escalda de febre!

E correu os olhos em torno, desesperado por ver sómente a morte em volta do seu desespero.

— Ah! exclamou com uma idéa. Na capella! Talvez encontre o guarda!...

E procurando estugar os seus cançados passos de ancião, afastou-se deixando Angelo abraçado á louza de Alzira.

Angelo ergueu a cabeça ao fim de algum tempo e contrahio-se todo, ajoelhando-se na terra.

Todo elle tremia.

Aos seus olhos desvairados, um terrivel espectáculo se patenteava n'aquelle instante.

Alzira surgia da cova, lentamente. Vinha toda de branco, no seu longo roupão funerario, em que elle a víra estendida no seu leito de morta, quando, louco de amor, a estreitára nos braços. Tinha os cabellos soltos sobre as espadoas, os olhos reprehensivos e tristes, a bôca entreaberta por um sorriso amargo, mostrando a embaciada perola dos dentes.

— Ah! gritou o parochó, fitando-a.

E um singular dialogo travou-se entre os dous:

— Para que vieste profanar esta sepultura?... perguntou o branco espectro de Alzira.

Angelo respondeu, sempre de joelhos e sem despregar os olhos d'ella:

— Para me convencer de que não és mais do que vil despojo! Para me convencer de que és pó e lodo!...

— E que lucraste com isso?...

— A razão, porque tu me enlouqueces... Tu és a minha loucura, seductor demonio!

— Loucura! E conheces, por acaso, alguma cousa no mundo que não seja delirio e loucura?... O que é a tua virtude senão loucura?... o que é a tua sciencia?... o que é a tua religião?... Tudo isso é insania!... Tudo isso é a febre dos doidos!... é o desvairar dos loucos!...

Angelo arrastou-se para ella, exclamando supplicante:

— Então não me deixes viver outra vida se-

não esta em que eu te tenho ao meu lado, ao alcance dos meus labios!... **Leva-me**, como nas outras noutes, para os teus palacios encantados, para as tuas grutas mysteriosas, **leva-me** para onde quizéres. Eu serei o teu pagem! o teu amante! o teu donzel!

— E' tarde! replicou Alzira, desvirando-se d'elle, **sem fugir de onde estava!**

— Não! insistiu o parochó! **não é tarde! Venha a minha espada de cavalleiro! Venha o meu fogofo ginete de longas crinas fluctuantes! Arranca-me d'esta abominavel mortalha preta, em que me envolveram desde o berço! Arranca-me d'esta vida estúpida, e dá-me a outra ideal e sonhadora! Vamos! quero ser de novo um aventureiro, quero as minhas paixões, quero o meu punhal, quero a formosa mulher que palpitava de amor nos meus braços! Vamos! Vamos, minha Alzira, meu doce enlevo, poesia e sonho de minha vida, encanto da minha alma! Vamos! atende-me!**

— E' tarde!

— Ah! gemeu o misero, deixando cahir a cabeça entre as mãos, a soluçar.

— Ouve, desgraçado! tornou a sombra de Alzira, com uma voz triste e plangente. O amor que te votei era tão grande, que ninguem jámais amou tanto sobre a terra!... tão grande, que eu consegui, das inviolaveis profundezas d'este mundo dos mortos, crear um novo modo de vi-

ver contigo! Dei-te a vida idéal do sonho, onde não terias nunca as tristes miserias d'essa outra vida em que vegetas!... Mas tu, insensato! acabas de destruir o que eu com tamanho amor creei para a tua felicidade!... Que lucraste em desfazer a nossa vida fantastica?... Que vantagens descobriste n'essa miseravel existencia que te resta agora, tão carregada de tédios e mesquinhas necessidades?... Onde melhor poderiamos gozar a suprema ventura de nos amarmos, de que em um mundo idéal inventado pelo nosso proprio amor?...

— Sim! sim! exclamou Angelo. Eu quero viver eternamente contigo!... Eu quero continuar a ser uma sombra! Eu quero sonhar!

— E' tarde! repetiu o espectro. Mira-te na tua obra!...

E o seu rosto começou a fazer-se pallido, e mais pallido, até tornar-se côr. de osso, e os seus olhos foram-se esfumando, a cobrirem-se de sombra, até que nada mais eram do que dous negros buracos apagados, e seu nariz desappareceu, e os seus cabellos abandonaram o craneo amarelento e nú, e os seus labios sumiram-se, deixando a descoberto os dentes já sem brilho.

E a caveira resurgiu afinal, sorrindo para Angelo, pavorosamente.

E por debaixo do alvo roupão mortuario, foi, pouco a pouco, fugindo a carne que o enchia. Desfizeram-se as voluptuosas curvas dos quadris

e do collo. A tunica engelhou bamba como um sudario sobre um esqueleto.

E Angelo ouviu um sinistro cascalhar de ossos, e, soltando um grito, viu cahir e sumir-se o desfeito espectro na aberta e tenebrosa bôca do sepulcro.

Debruçou-se sobre a cova, olhando lá para dentro.

Nada mais viu do que um punhado de lodo.

Ozéas acudira de carreira, e lançou-se para elle com os braços abertos.

— Que tens, meu filho? Que tens?... Falla! exclamou, erguendo-o.

Angelo poz-se de pé, passou a mão pela fronte, e disse amargamente :

— Acabou-se tudo... Nunca mais, nunca mais a verei!...

— Por Deus que nunca mais! confirmou o velho. Os céus ouviram minhas supplicas e acabam de restituir-te á razão!...

O parochó olhou em torno de si, como um alucinado que em verdade recuperasse n'aquelle instante o entendimento.

— Ah!... disse depois. Eu estava louco!... Sim... agora comprehendo... Era tudo desvario... Era tudo illusão!...

E calou-se durante algum tempo.

— Sonhos!... sonhos!... proseguiu quasi em segredo, meneando a cabeça desconsoladamente. Sim... eu existo... eu sou o seminarista Angelo...

o pupillo de frei Ozéas... a criança encontrada á porta do convento de São Francisco de Paula... Aquelle amor, toda aquella felicidade, eram sonho, eram loucura!...

E apontando para dentro da sepultura:

— Isto aqui... é a realidade... isto aqui é a verdadeira vida!...

— Sim! confirmou o frade.

Angelo tomou-lhe as mãos, perguntando-lhe anciosamente:

— Então, nunca mais a verei?... nunca mais a estreitarei nos meus braços, peito a peito, labio a labio?...

— Não!

— Então, n'esta vida real, nunca mais terei um raio de amor, que aqueça minha alma?...

— Tens o amor de Deus!

— Deus?... E onde está elle, que nunca o vi, apesar de lhe ter dedicado a vida inteira?...

Ozéas ergueu o braço, apontando para o céu.

— Lá? perguntou Angelo, como uma criança, apontando tambem. Mas lá é tão longe, tão longe... que minha voz, nem o meu entendimento alcançam!...

— Mas alcança tua alma!...

— Não! minha alma é irmã gémea do meu corpo, e ambos são filhos da terra! Sou um homem!

Ozéas estremeceu ouvindo estas palavras, e bradou com energia:

— Não és um homem, és um padre!

Angelo fitou-o, approximando o seu rosto do d'elle.

— E quem me tirou o direito de ser homem?... interrogou. Quem me obrigou a ser padre?... Qual barbara violencia foi essa de me trocarem um direito por uma responsabilidade?... Quem foi que commetteu este crime?!

E, segurando violentamente o braço de Ozéas, bramiu com os labios tremulos e os olhos ferra-dos sobre elle.

— Ah! ah! foste tu, bem o sei!... Encontraste-me pequenino, desamparado, sem ter nada no mundo, nem mãe ao menos!... e carregaste-me para a tua sombria furna, tal a féra carrega com a amesquinha presa... Enceraste-me n'aquelle tenebroso convento, e ahí me deformaste a alma, como um saltimbanco ao corpo do engeitado que lhe cahe nas garras!

E, cruzando os braços, interrogou com voz terrivel, perfilado defronte de Ozéas:

— E quem te deu o direito de deformar minha alma?! Quem te deu o direito de fazer de mim um padre?! Quem?! Responde!

— As minhas sagradas convicções, as minhas crenças!... respondeu o egresso.

Angelo sorriu ironicamente.

— Crenças!... convicções!... disse. E tudo isso de que me serve agora?!... Eu quero viver! eu quero o quinhão de vida a que tenho di-

reito! Restitúe-me a minha mocidade, o calor do meu sangue, o meu talento! Entregame o que me roubaste, ladrão!

Ozéas deixou-se cahir de joelhos e abriu os braços, volvendo para o céu os olhos lacrimosos.

— O' meu Deus! supplicou. O' meu Deus! piedade para elle! Soccorrei-o! Illuminae-o com a vossa divina graça!...

— E' tarde!... rouquejou Angelo. A sombra de Alzira bem o disse!... E' tarde, roubador de crianças, salteador d'almas! Já nada tenho a perder, porque me roubaste afinal a ultima illusão! Nada mais me resta a fazer n'este mundo de nojentas miserias! Sê maldicto! Adeus!

E lançou-se de carreira para o abysmo onde terminava o cemiterio.

Mas Ozéas alcançou-o e prendeu-o nos braços.

— Meu filho! meu filho! attende-me, por amor de Deus!

— Não sou teu filho, não sou nada, sou um padre! respondia Angelo, debatendo-se para arrancar-se dos braços d'elle. Deixei de ser um vivo entre os mortos, sou um morto entre os vivos!

— Que vais fazer, Angelo!

— Completar n'aquelle abysmo a tua obra, bandido!

— Não! gritou Ozéas, fazendo um supremo esforço para desviar o filho do precipicio. Não te matarás!

Estangalinhados n'uma tremenda luta, rolaram até á sepultura de Alzira.

— Não has de morrer!

— Pois morrerás tu! exclamou o parochó, ofegante, pondo-lhe o joelho sobre o peito.

E arrancou uma cruz da terra.

— Vês?... disse, bramindo-a com o braço erguido. E' com a propria arma da tua religião que te vou ferir!

E cravou-lh'a na garganta.

— Ah! gemeu Ozéas. Perdoae-lhe, Senhor!

E vendo que Angelo galgava a rampa do precipicio, tentou ainda arrastar-se para lá, inutilmente. Gorgulhava-lhe forte o sangue da ferida.

— Angelo! meu filho! Attende! vagiu agonisando. Não procures a morte!

— Não é a morte, é o somno eterno! respondeu o parochó. Eu quero sonhar!...

E de um salto precipitou-se no abysmo.

FIM

INDICE

PRIMEIRA PARTE

	Paginas
Ao LEITOR	
I. — A cella mysteriosa.....	1
II. — Froi Ozéas e o engeitado.....	8
III. — Virgindade no homem.....	18
IV. — Vem! que te chamol.....	24
V. — Triumpho inconsciente.....	29
VI. — Um homem puro discutido por mulheres.....	35
VII. — Fragil como uma lagrima.....	45
VIII. — Fulminação.....	53
IX. — Um olhar de mulher.....	61
X. — Accedo.....	63
XI. — Angelo ameaçado.....	77
XII. — Florans em teias de aranha.....	85
XIII. — Ah, mulheres! mulheres!.....	94
XIV. — Era o amor!.....	104
XV. — Duas vezes engeitado.....	111
XVI. — Diabo, Mundo e Carne.....	117

SEGUNDA PARTE

I. — Emmurchecer de uma flor.....	124
II. — Mal secreto.....	132
III. — Primeiro beijo de amor.....	147
IV. — Por fóra d'horas.....	154

V. — Entre a vida e o sonho.....	162
VI. — Mais forte que a morte.....	172
VII. — O mundo dos mortos.....	180
VIII. — Ellal sempre ellal.....	192
IX. — Misérias do coração.....	204
X. — O' louco! O' louco!.....	218
XI. — Luta de Angelo com a propria sombra.....	229
XII. — A duvida.....	245
XIII. — A confissão.....	257
XIV. — Cruz e calvario.....	264



89070488614



b89070488614a